

Diário de Lisboa

DIRECTOR — R. A. RAMOS

TELEF.: 320271 a 320275, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOIA TELEEX 1362REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA DE NORIANO 41, 4.º ANDAR LISBOADIRETOR DE REDACÇÃO DA RENASCENÇA DIÁRIA
ADMINISTRAÇÃO RUA DA ROSA 57EDITOR — CRISTÓFARO DE SA
VEREADOR — J. M. ESCUDO

Serenatas aos passageiros dos autocarros de Liverpool a cidade dos «Beatles»

LIVERPOOL, 4 — (R.) — A cidade de Liverpool, berço dos «Beatles» e onde a música «pop» tem mais adeptos, resolveu fazer serenatas aos passageiros dos autocarros com os últimos números dos «top twenty».

Os condutores desempenharão ao mesmo tempo o papel de operadores de programa, tendo a seu cargo gravadores de som que transmitem música «pop» intercalada com anúncios.

A empresa dos transportes pensa que as receitas dos anúncios vão ajudar a cobrir um prejuízo de 900 000 libras sofrido durante uma greve de três meses realizada no princípio do ano pelos condutores de autocarros desta cidade.

CERCA DE MIL PESSOAS PRESAS NO URUGUAI

MONTEVIDEU, 4 — (F. P.)

Forças da Polícia uruguaia e guardas republicanos começaram a desalojar, esta manhã, cerca de 400 empregados que ocupavam o Banco de Seguros, desde ontem à tarde, como protesto contra o tabelamento dos preços e dos salários e, também, contra a detenção de certo número de colegas.

Os «ocupantes» foram conduzidos para a Direcção-Geral da Polícia, para verificação de identidade. Por outro lado, mais de 500 empregados de vários outros estabelecimentos bancários foram presos,

ontem por terem observado a greve geral de terça-feira, o que eleva para cerca de mil o número das pessoas detidas nas últimas 24 horas.

Soldados, marinheiros e Polícias principiam, ao cair da noite de ontem, uma autêntica «caça» aos funcionários. As primeiras prisões deram-se na Caixa Nacional de Previdência, situada em pleno centro da capital, a uma centena de metros da Presidência. Quarenta empregados foram levados para camiões do Exército, fortemente guardados por militares em traje de guerra e baionetas caladas.

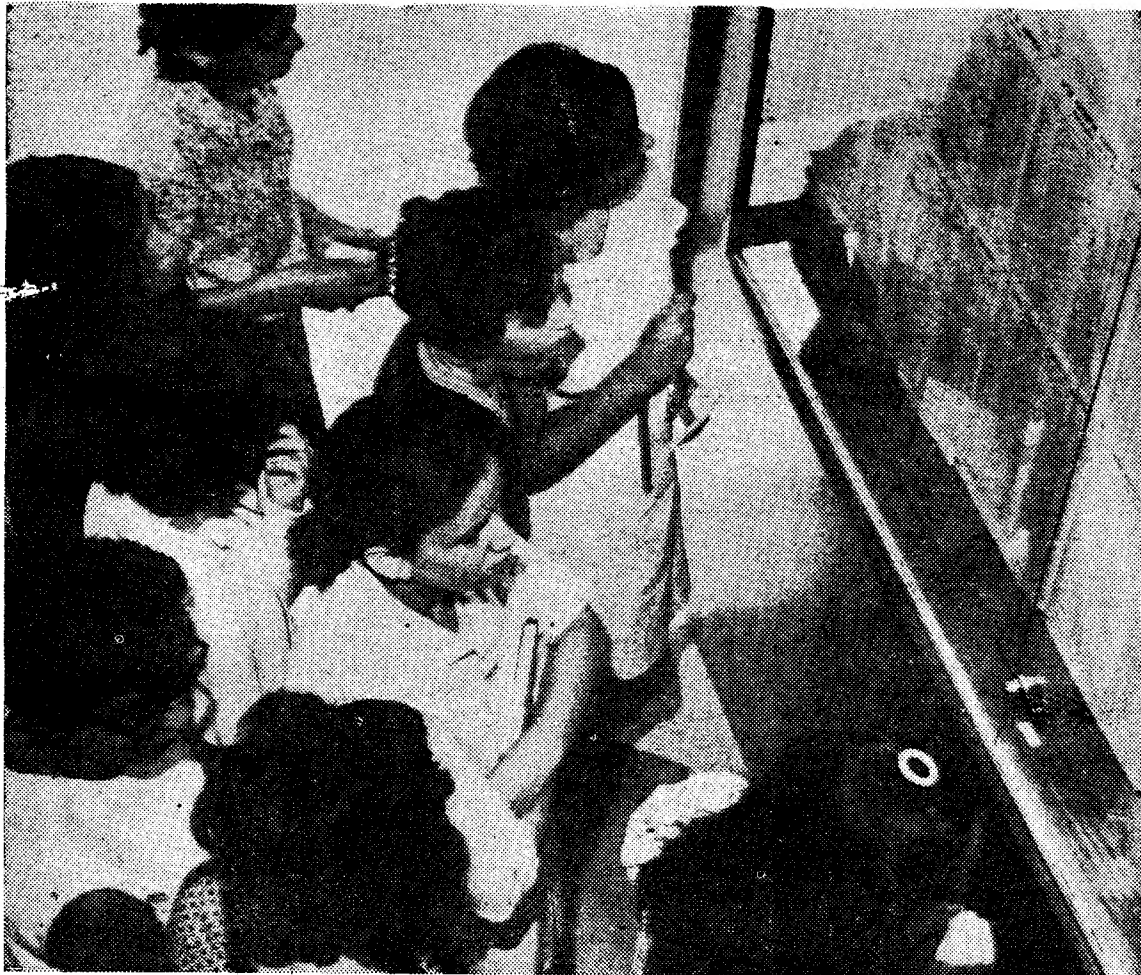
A principal operação, no entanto, foi realizada no Banco da República, onde grande número de soldados e polícias procedeu à prisão de meio milhar de funcionários, que foram conduzidos, em possantes camiões, para as prisões situadas na periferia da cidade.

Jornalistas e operadores estrangeiros que se encontravam no local foram ameaçados de serem eles mesmos presos se filmassem a cena.

Crê-se que os estabelecimentos bancários não poderão funcionar hoje normalmente.

GREVE NA INDÚSTRIA AUTOMÓVEL INGLESA

LONDRES, 4 — (F. P.) — Quinze mil operários da indústria automóvel britânica estão sem trabalho, desde ontem, no grupo British-Leyland, como consequência de uma greve dos empregados começada anteontem. Dez mil operários tiveram de interromper o trabalho em Castle Bromwich, onde são fabricadas as carrocerias, e 5000 na fábrica Austin de Longbridge.



As pautas começaram a encher-se de números... São as notas do Ciclo Preparatório do Ensino Técnico Profissional, são as das cadeiras do 3.º ciclo liceal — ou da maioria delas —, são as do 2.º ano, que em alguns liceus só amanhã ou depois são afixadas. Entretanto, em frente às pautas é o espectáculo habitual:

(Ler notícia na última página)

Foi suspensa a execução de José Manuel da Costa

CANBERRA, 4 — (A. N. I.) — Foi novamente suspensa — até 7 de Agosto — a execução do português José Manuel da Costa, a fim de o Supremo Tribunal australiano estudar o recurso apresentado contra a condenação por homicídio.

O procurador-geral, Nigel Bowen, anunciou que

esta segunda suspensão tinha sido concedida pelo governador-geral, lorde Richard Casey.

N. R. — Segundo informação que colhemos junto das entidades competentes, o Governo português tem acompanhado o assunto dentro dos limites consentidos pela lei australiana.

HOJE — 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

FÉRIAS EM PORTUGAL

TERMINA AMANHÃ O PRAZO PARA ENTREGA DAS COLECCÕES

Termina amanhã o prazo de entrega das colecções para o nosso sensacional concurso «Férias em Portugal». Na ideia de facilitar o

trabalho dos leitores, criamos um posto de recepção na Rua da Rosa, 59, que estará hoje aberto até às 20 horas e amanhã, ininterruptamente, das 9 e 30 às 20.

Desta forma julgamos corresponder melhor ao interesse

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Quem guarda, quem conserva o que se tem? Ou, pelo menos, quem conserva do que se tem o que vale a pena guardar? Conservar então o quê? Para quê? Naturalmente, o que valer a pena, o que tiver algum sentido, o que for documento de uma época para transmitir a outra época, legado de trabalho, o que se estudou e se pensou ou o que se fez com as mãos, o engenho e a técnica, o esforço lúcido, aplicado, às vezes doloroso. Mas testemunho. Por isso alige quando se vê demolir tanto prédio de casas, que valiam como abrigo de gente ou como sinal e imagem de uma idade, de uma corrente estética, mesmo que seja daquelas que, logo a seguir à sua substituição, se julgam definitivamente enterradas, mas que na vida da mesma geração que as viu sepultar se vão a ver exumar para as vermos outra vez ser olhadas com surpresa e com apreço. É a história das paredes que ladeiam as ruas, que lhes deram uma fisionomia, um sentido, a marca de uma cidade. Como foi? Como era? Pois não voltará a ser, com desgostos de muitos, não só por

passadismo, mas também pela consciência do material de estudo que se perdeu, das raízes que se cortaram, dos frutos que se deixaram perder sem que deles se sorvesse o suco sabroso ou se aproveitassem as sementes que pudessem ser tratadas para dar vida a novas vidas. São as casas, não só as paredes, mas os rechosos que todos os sábados se vêem desbaratar na rabanada de vento do leilão: móveis, pequenas coisas que têm o seu espírito ou, então, pior que tudo, as pequenas bibliotecas constituídas com critério ou ao acaso, mas sempre com gosto, pacientemente, conjuntos reunidos como espelho de uma vida inteira, às vezes de mais de uma geração e que, um dia, num sopro de infortúnio ou incompreensão e num ápice de gritos, se desfazem sem respeito em troca de qualquer par de patacos. A vida da humanidade, dos povos, das famílias ou das instituições é uma contínua sedimentação de estratos de experiência e de cultura. Não parece possível, hoje, pensar-se em amanhã esquecendo o que foi ontem.

De ontem para hoje

NO CENTRO DE COLONIZAÇÃO INTERNA DE PEGÕES

Tem uma obra útil a comunidade esse organismo a que um dia foi confiada a tarefa de arrotear campos saforos do território português e de para eles escolher os colonizadores. Grandes tratos de terreno se transformaram e onde anteriormente se via mato ou areias, cresce agora o feijão, o milho e a vista se amacia no verde dos laranjais. Tem obra válida a Junta de Colonização Interna e só dificuldades e entraves inesperados e incompreensões injustificadas têm impedido que vá mais longe a sua acção. E se é verdade que a obra reflecte muitas vezes o seu autor, também neste caso os orientadores exercem acção decisiva. Foi o primeiro o eng.º Pereira Caldas e encontra-se agora ao leme o eng.º Vasco Leonidas. Ao primeiro foi ontem prestada homenagem no Centro de Colonização de Pegões, descerando-lhe o busto modelado no bronze pelo grande artista que é Artur Bual cuja personalidade também ali se encontra marcada para sempre. Na homenagem falaram o eng.º Manuel Sienve Afonso, inspector-chefe da J.C.I. e o eng.º Vasco Leonidas. Disse este que o busto era mais uma obra de arte a acrescentar a outras que ali se encontram e que semelham a lição estética no conjunto harmónico da construção e da produção. A Pegões consagrou o homenageado dedicação sem par, disse o eng.º Vasco Leonidas, enaltecendo-lhe o carinho e a vontade de bem servir. Depois o secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vitoria Pires, disse considerar um dever a sua presença naquele acto, não só porque ao homenageado o ligavam fortes laços de amizade mas também porque a sua acção como homem publico e membro do Governo o País ficara a dever a criação do Fundo de Melhoramentos Agrícolas integrado na Junta de Colonização Interna, que se tem revelado através dos anos de um extraordinário interesse para o sector agrícola do País, como ainda a criação do Plano de Fomento Agrícola, que mais tarde se designou por Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário sem o qual não seriam possíveis posteriores acções de fomento como, por exemplo, o Plano de Rega do Alentejo.

ACIDENTE MORTAL

Na Avenida Navarro, em Coimbra, o sr. António Aires, de 54 anos, ia a atravessar a arte. Foi colhido por um automóvel conduzido por Albino de Jesus Joaquim, pintor da construção civil, morador em Santa Clara. O pobre homem ainda foi levado aos Hospitais da Universidade, mas só para morrer.

CLUBE PORTUGUÊS DOS PUBLICITÁRIOS

No Clube Português dos Publicitários foram ontem entregues os prémios dos cartazes de Primavera. Igrejas Casiro, com o seu dinamismo, dirigiu o acto. Os prémios foram assim entregues: Abel Agostinho (1.º prémio) e José Manuel Pisco David e Carlos Rocha (menções honrosas), depois do que o presidente da assembleia geral, sr. dr. Duarte Boça, fez a apresentação do consócio, sr. Vítor Barroso, director da «Red», que proferiu uma palestra sobre «O cartaz na moderna publicidade».

O 46.º ANIVERSÁRIO

Há 46 anos que foi fundada a Companhia Colonial de Navegação e esse aniversário foi ontem celebrado a bordo do paquete «Império» em jantar comemorativo no qual participaram muitas centenas de pessoas. Foram distribuídas medalhas de ouro a 59 funcionários com 35 anos de serviço, de prata a 147 que completaram 25 anos. Seguiu-se um jantar a que presidiu o antigo ministro das Corporações e presidente do conselho de administração da companhia, dr. José Soares da Fonseca.

DAVID NIVEN

Foi dos grandes nomes do cinema de há vinte anos o David Niven que ontem passou por Lisboa. Continua a filmar e a trabalhar, indo agora aos Estados Unidos para assistir ao casamento de sua filha. Lembrou aos jornalistas uma noite passada no Casino Estoril em que a sorte o bafejou. David Niven não saiu de sob a asa do avião porque neste viajavam quatro crianças a sua guarda.

FÉRIAS EM PORTUGAL

(Continuação da pagina anterior)

se dos concorrentes de Lisboa, que não tem abrandado, muito pelo contrário, desde a primeira hora de funcionamento dos nossos serviços de recepção. Outra oportunidade é constituída pela repetição, que hoje fazemos, do boletim identificador.

Entretanto, merecem-nos igual consideração os leitores não residentes em Lisboa, a que acrescentaremos os lisboetas com demasiados afazeres (vêm aí as férias...) ou com preferência pelos serviços de correio. Assim, consideramos como dentro do prazo todas as colecções que forem enviadas para a nossa sede com a data-limite (carimbo dos C. T. T.) de 5 de Julho.

Resumindo: hoje e amanhã são os últimos dias para a entrega em mão das colecções;

a data de amanhã é o limite que podemos aceitar para o envio por correio. Funcionários especializados encarregar-se-ão, depois, de classificar todo o material recebido. Ainda uma vez, atenção aos cupões, que são vinte, e ao boletim identificador, que deve ser apostado aos cupões, devidamente preenchido com o nome e morada do concorrente (sem esquecer a indicação do centro turístico escolhido para as férias e do seu número na lista já publicada).

Sublinhamos novamente o pedido que fizemos há tempos — as colecções não-de vir agraçadas ou presas com um «clips», para maior facilidade da sua classificação.

Alguns leitores têm-se-nos dirigido para saber se a cada colecção entregue não corresponderá um talão, um pequeno documento dessa entrega. A seu tempo explicámos que.

por absoluta dificuldade de tempo, tal não seria possível: a numeração das colecções, trabalho a fazer com a supervisão de funcionários do Governo Civil de Lisboa, precede imediatamente a dois sorteios, geral e especial.

De qualquer modo, a máquina por nós montada oferece garantias totais de eficiência. Colecção entregue é colecção que entrou para o concurso. Uma tiragem rigorosa permite controlar, a qualquer hora do dia, os mínimos pormenores da recepção, e assim tem sucedido para descanso dos concorrentes e de nós próprios. Aliás, toda esta operação é feita com a simplicidade das coisas longamente pensadas, e o leitor mais curioso pode, se entender que deve, verificar em pessoa como e porquê trabalhamos na base da confiança mútua.

Parece lógico concluir-se que a data do sorteio (melhor: dos sorteios) está muito próxima. E está, de facto. Um pouco mais de «suspense», como naqueles filmes em que o artista casa com ela, mas ainda há meia bobina para projectar... Brevemente anunciaremos o grande dia. Não, não tardará. Se tardasse, para quê férias, para quê este divertido compensador que imaginamos num belo dia de sol temporário, quando a fantasia se torna tão natural, etc., etc. (Mas é que foi assim mesmo!)

Bem, poesia à parte, temos um primeiro prémio que é um luxo: automóvel (o velho e maneável «N.S.U. 1200 C», presenteada temida nos grandes «rallies» europeus), gasolina (por que o velho e maneável «N.S.U. 1200 C» gasta um mínimo de gasolina, claro) e fér (trinta dias ao longo do ano, com estadias completas para duas pessoas nas melhores unidades da rede hoteleira nacional). E, digamos, o luxo n.º 1.

Os luxos n.ºs 2, 3 e 4 são constituídos por quinze dias de férias para duas pessoas em Lourenço Marques, Luanda e Funchal. Modalidade: estadia completa. Meio de transporte: os «Boeing» da TAP, onde o serviço em voo é um dos melhores do mundo. «Boeing» quer dizer «hotel a jacto». Para alguma coisa estamos em 1968!

Além destes quatro prémios maiores, a atribuir no sorteio geral entre todas as colecções recebidas, haverá vários prémios especiais (e novo sorteio) para férias em cada um dos vinte centros turísticos visitados pelos nossos enviados especiais:

- 1 — Viana do Castelo;
- 2 — Braga;
- 3 — Guimarães;
- 4 — Esporão;
- 5 — Póvoa de Varzim;
- 6 — Porto;
- 7 — Matosinhos;
- 8 — Espinho;
- 9 — Aveiro;
- 10 — Coimbra;
- 11 — Figueira da Foz;
- 12 — Nazaré;
- 13 — Ericeira;
- 14 — Sintra;
- 15 — Cascais;
- 16 — Estoril;
- 17 — Lisboa;
- 18 — Sesimbra;
- 19 — Évora;
- 20 — Faro.

Resta dizer que as férias em cada uma destas localidades são para duas pessoas, com estadia completa (ah, pois!) e viagens asseguradas pela C. P.

Tudo somado, só ainda não percebemos bem porque é que num belo dia de sol temporário, quando a fantasia se torna tão natural... Mas esse problema é connosco. Bom palpite, leitor!

Boletim identificador

N.º

FÉRIAS EM PORTUGAL

Entre as vinte localidades a que o «Diário de Lisboa» se referiu nas reportagens, escolha, para passar quinze dias de férias:

N.º

Nome

Morada

Tel. Local

CONFERÊNCIAS

Sobre «A vida de Fernando Pessoa em Durban»

Amanhã, às 21 e 30, no salão nobre da Associação Comercial de Lisboa, Rua das Portas de Santo Antão, 89, o professor sul-africano Hubert Dudley Jennings proferirá uma conferência subordinada ao tema «Alguns aspectos da vida de Fernando Pessoa na África do Sul». A conferência é promovida pela Sociedade de Língua Portuguesa, para encerramento das actividades da sua secção de estudos sul-africanos deste ano lectivo.

O CENTRO DE SAÚDE MENTAL DE LEIRIA

será inaugurado amanhã

LEIRIA, 4 — São amanhã inauguradas as instalações do Centro de Saúde Mental de Leiria. As 16 horas, chegará à sua sede, no Arrabalde da Ponte — Leiria, o dr. Neto Carvalho, ministro da Saúde e Assistência, que visitará o Dispensário e os Serviços Administrativos; e às 16 e 45, efectuar-se-á a visita do ministro às instalações do respectivo Hospital Psiquiátrico, nas Brancas — Batalha.

DOIS FERIDOS POR SE TER VOLTADO UMA CAMIONETA

VISEU, 4 — Um motorista e o seu ajudante ficaram gravemente feridos por se ter voltado a camioneta em que seguiam.

Manuel Anacleto de Moura, de 34 anos, de St. Estêvão de Benavente, o motorista, encontra-se, em perigo de vida, no hospital desta cidade, onde foi, também internado, com graves lesões lombares, o ajudante, António Reis de Sousa, de 35 anos, de Vila Franca de Xira. A camioneta, pertencente a uma firma lisboeta, levava um carregamento de ferro, quando se voltou, perto de Rio Mel, na estrada Viseu-Castro de Aibre.

EMISSORA NACIONAL

Pagamento de taxas AVISO

Devem ser pagas durante o corrente mês, as taxas correspondentes às licenças de rádio e de televisão anuais com números terminados em 5 (cinco), e semestrais em 0 (zero) ou 1 (um).

Este pagamento pode ser efectuado, até às 18 horas, em qualquer estação dos Correios do continente ou ilhas adjacentes, na Tesouraria da Emissora Nacional — Rua Castilho, 30-A, em Lisboa, ou nos Emissores Regionais, às horas normais de expediente.

Os vales destinados ao pagamento de taxas, devem mencionar o número de licença, sem o que serão recusados.

NECROLOGIA

Eng.º António Joaquim de Freitas

Realizou-se hoje, da igreja de S. João para jazigo de família no cemitério de Benfica, o funeral do eng.º António Joaquim de Freitas, de 80 anos, natural da Horta, Faial (Açores). O extinto foi director das minas de Lousal e Aljustrel, chefe dos Serviços de Minas de Moçambique, onde fundou a Sociedade de Estudos em 1949.

Era casado com a sr.ª D. Virgínia de Abreu e Lima de Freitas, pai das sr.ªs D. Lúcia Mateus, casada com o sr. José Mateus; D. Maria Amélia Sykes, casada com o sr. António Sykes; do eng.º Fernando de Freitas, casado com a sr.ª D. Maria Palmira Barbosa de Freitas; e da sr.ª D. Margarida Costa, casada com o sr. Manuel da Costa.

José de Castel-Branco Ribeiro da Cunha

No passado dia 29, faleceu, na sua residência, Rua dos Navegantes, n.º 48, o sr. José de Castel-Branco Ribeiro da Cunha, de 82 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Vera Ferreira Pinto Basto Ribeiro da Cunha, pai dos

srs. dr. Alexandre Ribeiro da Cunha, inspector superior do Ministério do Ultramar, e de José António Ribeiro da Cunha, funcionário da Casa E. Pinto Basto & C., Lda.

Amanhã, pelas 12 e 30, será rezada missa por sua alma na igreja de São José.

D. Maria Cándida de Liz Teixeira da Cunha Demony

A família de D. Maria Cándida de Liz Teixeira da Cunha Demony, participa que amanhã, pelas 12 e 30, na igreja dos Mártires, será celebrada missa rogando a Deus pelo seu eterno descanso.

AGÊNCIA MAGNO FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 66 27 72 28 00 22

PUBLIRAMA

Informa que os seus escritórios estarão encerrados aos Sábados durante os meses de Julho, Agosto e Setembro.

Em RIO MAIOR o «DIÁRIO DE SANTANA» — Rua Serpa Pinto, n.º 20 LISBOA vende-se na TABACARIA

OS «TÁXIS» AÉREOS COIMBRA-LISBOA EM ABRIL PRÓXIMO

COIMBRA, 4 — Na reunião da Câmara Municipal, presidida pelo sr. eng. Araújo Vieira e à qual assistiram todos os vereadores, o sr. dr. Viriato Rodrigues Namora lembrou a visita do sr. tenente-coronel Silva Pais, representante dos Transportes Aéreos Portugueses, e em esclarecimentos sobre os assuntos discutidos na reunião que teve com o representante dos T. A. P., revelando que, muito compreensivelmente ele aceitou as sugestões que lhe foram apresentadas, prometendo que iam ser estudadas no sentido de se encontrar, depois, a melhor solução para servir a cidade, que terá «táxis» aéreos a partir de Abril do próximo ano.

Salientou, no entanto, aquele vereador os cuidados que os Transportes Aéreos Portugueses põem neste empreendimento, também no capítulo de comodidade, segurança e economia, informando que a referida empresa estabeleceu já contactos para adquirir aviões bimoteres, com capacidade para dez passageiros e que poderão proporcionar viagens Coimbra-Lisboa-Coimbra, com um preço um pouco mais alto do que a viagem no com-bóio «foguetes».

EM TRÊS LINHAS

São de 7071 e 4265 contos, respectivamente, as bases de licitação dos concursos para a construção das estruturas de betão armado do edifício principal do Hospital Regional de Aveiro e de acabamentos da zona do Hospital Regional do Funchal.

No dia 9 efectua-se o concurso público para a empreitada de construção do mercado municipal de Casquilha, em Benfica. A base de licitação é de 12 987 contos.

Bandeira branca numa cadeia

S. PEDRO DO SUL, 4 — Pela primeira vez, desde há 31 anos, o povo desta vila viu hasteada na cadeia a bandeira branca, em virtude de na mesma não se encontrar um único preso.



RECTÂNGULOS

DA VIDA

MARIA JUDITE
DE CARVALHO

Passei de táxi e não acreditei no que os meus olhos viam. Por isso pedi ao motorista que desse a volta e descesse de novo a rua, mas devagar. Assim fez. Deu a volta, desceu muito lentamente, e eu pude olhar para o grandeamento do jardim suspenso, ou talvez fosse um simples pátio ou praça com a altura de um segundo andar. Uma praça, pátio ou jardim quase vertiginoso.

O gradeamento pintado de verde tinha um vulgar corrimão de ferro. E sobre o corrimão, quando muito da espessura de dois dedos — são assim todos, porque não o seria aquele? — caminhava um menino. Era um menino muito pequeno, seis, sete anos talvez. Um menino no arame,

de grandes botafarras para durar, uma adiante da outra, uma adiante da outra, e com uma vara na mão, como decerto vira fazer no circo. Se caísse para o lado direito podia partir uma perna para o esquerdo, morreria decerto. Pedi ao motorista que parasse e fiquei a olhar perdidamente. «Se dissessemos qualquer coisa?» sugeri. Mas o homem acenou negativamente. O miúdo podia assustar-se e então é que cala mesmo, disse. Mas que não estivesse preocupada. «Isto têm sete fôlegos como os gatos.»

«É que é muito pequeno.»

«Verá que não cai.»

Ele a dizer aquilo e a criança a cair. Para o lado de dentro, que alívio! «Pronto,

vamos embora.» Não fomos, porém, tão depressa que não vissemos a mulher aparecer lá do fundo, fazendo um grande alarido. Esbracejava e gritava a plenos pulmões, mais furiosa do que aflita:

«Todos os dias é isto, nunca vi uma criança cair tantas vezes! Não te tens nas pernas ou quê? Amanhã ficas de castigo em casa, já sabes! Todo o dia em casa, estás a ouvir? Vá, gira!»

O menino girou, fresco como uma alface suja de terra. «Isto têm sete fôlegos como os gatos.» Ainda bem, pensei. De castigo em casa. Todo o dia longe do arame. Ótimo. Todos os dias, se possível! Pois claro. Assim é que é.

O CHEFE DO ESTADO VISITOU NO ALFEITE O SUBMARINO «ALBACORA»

É sabido que Portugal concluiu com a França vários acordos, através de um dos quais está a assegurar a renovação da nossa frota de guerra.

Teremos assim navios de vários tipos, construídos em França, entre os quais quatro submarinos, que deverão ficar na nossa posse até 1970. A primeira dessas unidades ficou pronta no final deste ano e para França seguiram os trinta e sete homens, entre oficiais, sargentos e praças, que constituem a guarnição do «Albacora». Este, andou três meses em ensaios de mar, veio para o Tejo, foi visitado pelo ministro da Marinha e entrou imediatamente em trabalho de instrução e rotina ao longo da nossa costa.

Esta manhã foi visitado pelo sr. Presidente da República, que chegou à Base Naval do Alfeite às 11 horas. Foi recebido por alguns almirantes e comandantes, entre eles os srs. ministros da Marinha e o chefe do Estado-Maior da Armada, respectivamente, almirantes Quintanilha Mendonça Dias e Armando Roboredo, pelo vice-chefe do Esta-

do-Maior, almirante Laurindo dos Santos e pelos almirantes Ornelas de Vasconcelos e Cardoso de Oliveira, superintendente dos Serviços da Armada e comandante da Base Naval.

Oito dias em incisão

Ao lado do novo submarino estava o velho «Nautilo», rodeado por outras velhas unidades em cujos convés estavam formados alguns marinheiros. Tal como no convés do «Albacora», se encontram alinhados os 37 oficiais, sargentos e praças da tripulação.

O sr. almirante Américo Thomaz percorreu os cinquenta metros que constituem o comprimento útil do navio, que tem 58 de popa a proa.

Nos estreitos corredores inteirou-se de pormenores de funcionamento, observou os 12 lança-torpedos, oito à proa e 4 à ré, o periscopio, o radar, a camarata colectiva, que igualmente serve de sala de refeições e convívio a pequena cozinha e os purificadores de ar, que possibilitam ao navio a permanência consecutiva durante trinta dias de baixo de água. A nossa Marinha só está a fazer treinos com oito dias seguidos em imersão, ao contrário dos franceses que com as mesmas unidades, permanecem um mês de baixo de água.

De novo, na segunda-feira, o «Albacora» sairá para o mar alto, deixando o Tejo por mais oito dias e levando a bordo, por sinal, um passageiro, operador de cinema, que vai filmar os principais aspectos da vida a bordo.

A este primeiro submarino, da série de quatro, segue-se, muito em breve, o «Barracuda», que já anda em exercícios de afinação nos mares franceses, e em breve chegará ao Tejo. No prazo de dois anos virão para Lisboa os outros dois submersíveis, que completarão a frota de cinco de que Portugal então disporá.

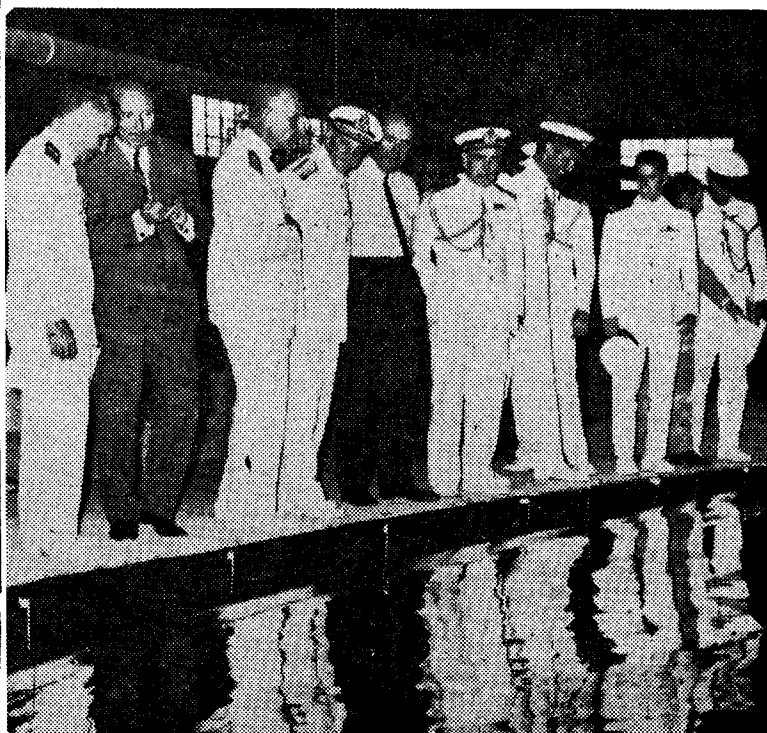
De todos estes e outros pormenores se inteirou o sr. almirante Américo Thomaz, que, antes de deixar a Base Naval, foi obsequiado com um cafézinho e uma bebida, que foi pretextado para alguns momentos de simpático convívio entre os homens da Armada, sem esquecer os também obsequiados jornalistas.

ARTIGOS SOBRE TEMAS SOCIAIS E CORPORATIVOS

Termina na segunda-feira o prazo para a entrega dos trabalhos destinados ao concurso de artigos sobre temas sociais e corporativos, promovido pelo Grémio Nacional da Imprensa Regional em colaboração com a Junta da Acção Social do Ministério das Corporações.

Podem habilitar-se a este concurso os trabalhos publicados nos jornais agremiados naquele organismo entre 1 de Janeiro a 30 de Junho.

Os autores interessados deverão enviar seis exemplares dos jornais em que se publica o artigo ou reportagem com que concorrem, para a sede do Grémio Nacional da Imprensa Regional, na Avenida Almirante Reis, 100, 3.º-F, acompanhados de carta ou postal de inscrição no concurso, cuja assinatura corresponda ao nome do autor dos trabalhos.



O sr. eng.º Fernando Abecassis presta informações ao ministro da Marinha do Brasil sobre os resultados obtidos no estudo feito sobre modelo da praia de Copacabana

O MINISTRO DA MARINHA DO BRASIL APRECIOU NO L. N. E. C. O MODELO DA PRAIA DE COPACABANA

O ministro da Marinha do Brasil, sr. almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald, visitou, esta manhã, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, acompanhado pelo sr. almirante Costa Lobo, comandante da força naval brasileira que está em Lisboa, adido naval da Embaixada brasileira, comandante Jaime Lopes, do Estado-Maior da Armada Portuguesa e vários oficiais dos dois países.

Os visitantes foram recebidos pelo sr. eng.º Gonçalves Ferreira, chefe do serviço administrativo do LNEC, em representação do director, sr. eng.º Manuel Rocha, que se encontra no Irão, em missão oficial, e pelo sr. Avelar Soeiro, encarregado das relações públicas do Laboratório.

O sr. eng.º Gonçalves Ferreira deu, primeiro, uma ampla explicação sobre a organica e as actividades do LNEC, seguindo-se a visita a alguns serviços. O ministro brasileiro interessou-se pelos trabalhos ali em curso, relativos a obras para Portugal e outros países, designadamente barragens para os Estados Unidos da América e Tasmânia.

Dois modelos, no entanto, fizeram demorar o almirante Rademaker Grunewald: o da barragem de Cabora Bassa no rio Zambeze e o da praia de Copacabana.

O ministro fez perguntas sobre

perguntas, a que respondeu o chefe do serviço de hidráulica, sr. eng.º Fernando Abecassis. E foi com certa alegria que aquele membro do Governo brasileiro pisou, no modelo, a Avenida Atlântica, quando as suas dúvidas foram dissipadas e soube que as obras da praia de Copacabana vão começar em breve.

Do LNEC, o ministro da Marinha do Brasil dirigiu-se ao Instituto Hidrográfico onde foi recebido pelo respectivo director, sr. almirante Ramalho Rosa. Durante a visita que durou cerca de duas horas, o sr. almirante Rademaker Grunewald apreciou os trabalhos em curso nos serviços de oceanografia, hidrografia, navegação, electrónica e impressão de cartas, assim como os programas que Portugal tem em colaboração com entidades estrangeiras, no âmbito da NATO.

Novo produto para deixar de fumar

Recomendadas por distintos médicos portugueses, as drageias «FUMANO» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço: a pronto 375\$00; ou em 2 mensalidades de 200\$00 cada. Pedir o produto á cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Zemig Departamento Distribuidor.

Estabelecimento: Rua de S. Dinis, 594 — Porto.

Ora diga-nos...

— O que lê mais?

Uma pergunta que não necessita de prólogos: e três respostas que, quanto pode ser significativa esta espécie de prova indiciária que aqui diariamente se ensaia, dizem com clareza como os jornais são o maior veículo de informação e cultura. As outras conclusões ficam ao cuidado dos leitores.



estudante e não tenho tempo para livros.

● A sr.ª dr.ª Alice Vassallo Pereira ficou bastante surpreendida quando lhe disparamos a nossa pergunta. Ela é quase da casa — foi das mais destacadas colaboradoras do «Juvenil» — e não esperava que nos dirigissemos a ela:

— Lelo tudo...

— Mas há-de haver alguma coisa que leia mais?

— São os jornais. Temos de estar a par do que vai pelo Mundo.

— O que leio mais são jornais. Livros? Poucos...

— Lembra-se de alguns em especial?

— Deixe ver... autores de romances... aquele o Júlio Dinis... da... como se chama... ah! «Morgadinho das Canavieiras» e um outro... até deu na televisão... de fidalgos... — os da «Casa Mourisca»...



mais aprecio e leio em livros é a poesia.



● Os jornais — os diários, sobretudo, mas também os desportivos — afirmou o sr. André Alves Loureiro, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa.

— E quanto ao resto?

— Pouco mais leio. E a concluir:

— Tenho lá em casa uns livros, mas não me recordo dos seus nomes nem de quem são os autores. O que prefiro ler nos jornais? Além das notícias, os artigos de fundo e as reportagens.

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- O escritor e empresário **Eduardo Damas** continua a envidar os maiores esforços no sentido de conseguir um teatro para apresentação, na próxima época, da sua própria companhia.
- Devem principiar dentro de poucos dias as obras de remodelação do Teatro A B C
- O Teatro da Estufa Fria vai apresentar dentro de dias a peça «Um homem só» da autoria de Costa Ferreira.
- Fala-se insistentemente duma prolongada digressão ao ultramar e ao Brasil da companhia de **Amélia Rey Colaço**.
- Parece ter os dias contados a Companhia do Teatro Experimental de Cascais. O seu direc-

tor e muitos dos artistas componentes estão continuamente a ser assediados com convites para ingressarem noutros teatros.

- Vai ser prestada homenagem ao actor **Samuel Dinis**.

- O empresário **Giuseppe Bastos** tem quase formada a companhia que irá trabalhar no **Maria Vitória**.

MONUMENTAL

«Lisboa é sempre mulher»

Toda a crítica foi unânime em elogiar a beleza, o luxo e a grandiosidade da montagem da super-revista «Lisboa é sempre mulher», que Vasco Morgado apresenta em pleno êxito no Teatro Monumental, que todas as noites tem registado lotações esgotadas. Outros factos que muito concorreram para o sucesso alcançado foram a graça do poema original de Paulo da Fonseca César de Oli-

veira e Rogério Bracinho a música inspirada e melodiosa de João Nobre e Carlos Dias, o bom gosto e riqueza da guarda-roupa confeccionada sob figurinos de Pinto de Campos e a notável interpretação de todos os artistas entre os quais avultam os nomes de Camilo de Oliveira, Florbela Queirós, Nicolau Breiner, Maria Adelina, Octávio de Matos, Linda Silva e as atracções Maria Teresa Quinta e Vum Vum. De salientar ainda o «ballet» internacional constituído por 20 esculturais bailarinas e 4 bailarinos em belos momentos coreográficos dirigidos por Fernando Lima. Todas as noites, 2 sessões às 20 e 45 e às 23 horas.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em Português — «O magnífico estrangeiro».
Produção — Italiana.
Realização — Harschel Daugherty e Justus Addiss.
Intérpretes — Clint Eastwood, Louis Hayward, Luana Anders, Slim Pickens e Rolly Macintire.
Género — Aventura.
Distribuição — Filmes Lusomundo.
Processo — Preto e branco.
Classificação — 12 anos.

FESTAS A FAVOR DOS B. V. DE FANHÕES

FANHÕES, 4 — De 16 a 19 de Agosto a Associação dos Bombeiros Voluntários desta localidade promove as tradicionais Festas da Freguesia a fim de conseguir fundos para a compra de viaturas para o corpo activo e de uma máquina de cinema.

TRINDADE

(F. N. A. T.)

HOJE, às 21.30

4.ª RÉCITA DA ÓPERA

«BODAS DE FIGARO»

de MOZART

Com: Alvaro Malta, Hugo Casares, João Veloso, Guilherme Kjölner, João Pessanha, Maria do Céu Figueiredo, Eliette Bayan, Joana de Abreu, Elsa Saque e Maria de Lourdes Coutinho

Maestro Director: Manuel Ivo Cruz

Encenador: Alvaro Benamor
Bailados sob a direcção de Anna Mascoio, com a participação de elementos do seu Estúdio-Escola de Dança Clássica e de Manuela Valadas.

Este teatro tem ar condicionado

Para maiores de 12 anos

Durante o decorrer do espectáculo não é permitida a entrada na sala

No próximo dia 9, às 21.30:

5.ª Récita da ópera

«BODAS DE FIGARO»

de Mozart

O SEGREDO DA SENSIBILIDADE

Desperte a sua sensibilidade, se quer entender a vida. Num mundo que ainda está sendo feito, precisamos de estar atentos. Por exemplo: se Newton tivesse perguntado «o que é isso?» quando a maçã caiu, a resposta seria apenas: — «Uma maçã».

Mas ele quis realmente entender. E perguntou: — «Que está acontecendo aqui?». Para responder, chegou à lei da gravitação. Leia nas **Seleções de Junho**, este interessante artigo, uma distribuição da Livraria Bertrand.

FILMES CASTELLO LOPES

apresenta

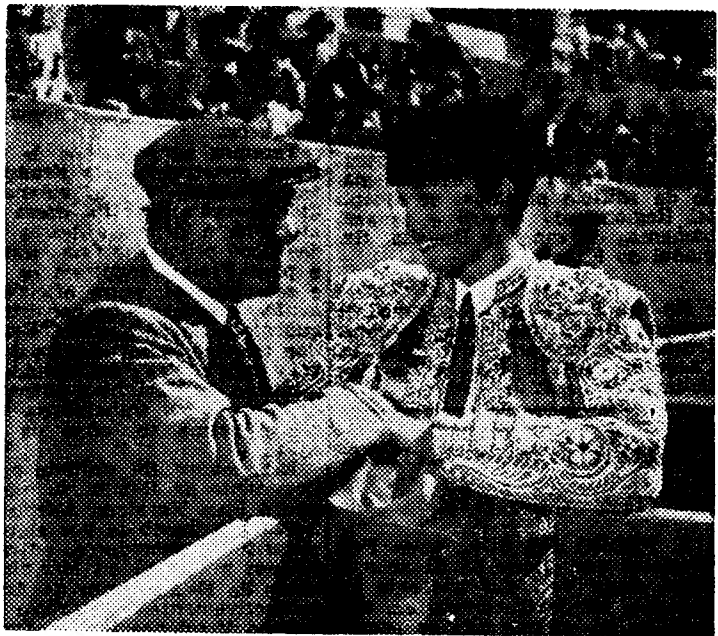


UM FESTIVAL DE ALEGRIA PARA GRANDES E PEQUENOS!

ATENÇÃO — MENINAS E MENINOS — PAPÁS E MAMÃS

VEM AÍ

FIESTA!



Esther Williams a maravilhosa sereia de «Fiesta» é «colhida» durante uma grande faena na cidade do México!

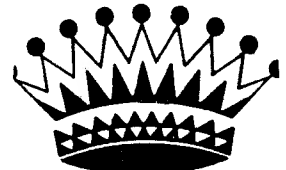
É claro que isso só se passa no filme «FIESTA», o grande cartaz das férias grandes, um dos mais belos filmes de sempre, agora para todos os meninos e meninas de Lisboa. Ricardo Montalban, Cyd Charisse, Akim Tamiroff e um festival de Sol, Toiros, Música lindíssima, bailados e Mulheres bonitas no México ardente!

UM FILME INESQUECÍVEL DE ALEGRIA E TERNURA PARA GRANDES E PEQUENOS

(É JÁ AMANHÃ)

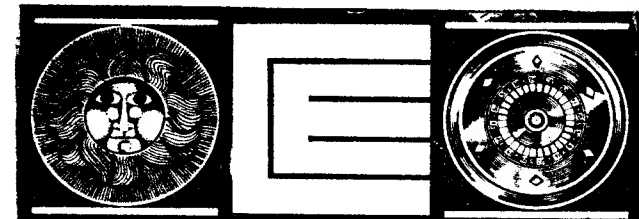
PARA TODOS
TECHNICOLOR

AR CONDICIONADO



CONDES

Em ALVALADE-SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.



NOVO CASINO ESTORIL

HOJE
EM
ESTREIA



LES GARÇONS DE LA RUE

famosos comediantes franceses

THE ELWARDO'S

MARIA DA NAZARÉ

BALLET DE

ARTHUR PLASSCHAERT

do Olympia de Paris



EDUARDO NASCIMENTO
E «OS ROCK'S»

JIRINA'S COMBO

JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

NO GRANDE SALÃO-RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA, AS 17 E 21.30 HORAS

«HARPER, DETECTIVE PRIVADO»

(M/ 12 ANOS)



RAUL SOLNADO
EM

Oh, que delícia de
COISA
ADULTOS

VASCO MORGADO apresenta

HOJE
2 SESSÕES
às 21 e às 23 h.

BILHETES
desde 15\$00



DISPARATE CÓMICO DE GILA
encenado por CARLOS AVILEZ

com

ANA PAULA — FERNANDA BORSATTI
— HENRIQUETA MAYA — BARROSO
LOPES — LUÍS FILIPE — CARLOS
QUEIROZ e ainda FIALHO GOUVEIA



DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

VIDA Sã EM CORPO SãO — A primeira parte do serão principal com umas actualidades apresentadas pela «Junta de Acção Social». Reparem que as actualidades vão entre aspas. Foram-no, realmente, muito pouco. A visita do general de Gaulle à Roménia, por exemplo. Onde isso já vai!

Além das actualidades, houve minicultural sobre o «Saturno» que os americanos vão mandar à Lua e a propósito afirmou-se que «200 anos de técnica foram precisos para o Homem se libertar da Terra...»

Salvo o devido respeito, acho que para o homem se libertar da Terra foram precisos tantos anos quantos os que o Homem conta desde que girdiu na mesma Terra — ou seja, desde a paradisíaca dupla Adão & Eva, coadjuvados pela sapientíssima e alternadíssima serpente.

Enfim, manobras de ver que não afectam em nada a marcha da História. Nem era isso, sou franco, o que mais me preocupava. O que mais me preocupava era a quase convicção de não ter hoje matéria para conversar com os leitores. Porque logo a seguir vinha «Vida Sã em Corpo SãO» onde se falaria das vacinas (vacinem-se meus filhos, na vacína é que está o futuro!) e dos primeiros socorros a prestar aos desastrosos nas estradas de Portugal.

Enganei-me. Já repararam no tom agreste com que me tenho referido a essa rubrica nos últimos tempos. Nenhuma má-vontade. Pena só, por ver tão mal empregada uma tão boa ocasião de ensinar, de educar, de lutar dentro da urgência e da oportunidade.

Pois ontem, o próprio responsável da rubrica, o médico Ramiro da Fonseca, reconheceu a minha razão ao proclamar a necessidade de actuar dentro das exigências da actualidade. E dentro desse esquema, eis que nos dá uma das melhores edições de «Vida Sã em Corpo SãO» das últimas semanas.

teatro MONUMENTAL

AR REFRIGERADO

T. 55 51 33 (Adultos)

HOJE, À NOITE

2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.

VASCO MORGADO

APRESENTA

UMA SUPER-REVISTA PARA SERVIR O GRANDE PÚBLICO E O TURISMO

455a
é sempre
MULHER

com

CAMILO ★ FLORBELA NICOLAU

MARIA ADELINA
OCTÁVIO DE MATOS
YOLA
LINDA SILVA

à frente de um notável elenco

AS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
e o cancionista angolano
VUM-VUM

DIR. MUSICAL de CARLOS DIAS

DIR. E ENCENAÇÃO de CAMILO D'OLIVEIRA



OCTÁVIO DE MATOS
e ainda UM NOTÁVEL
BALLET INTERNACIONAL
25 figuras

3.ª SEMANA

DE ENCHENTES

Domingo, à tarde às 16 h.

HOJE PODE VER...

As 21 e 55: Variedades

O programa de variedades que a R. T. P. apresenta esta noite, intitula-se «Melodias de Sempre» e nele actuam António Silva, Elvira Velez, Fernanda Borsati, Hortense Luz, Leônia Mendes, Luís Cerqueira, Luís Honra, Oscar Acúrsio, Raul Solnado, Rui de Carvalho e, ainda, Alice Amaro, Artur Garcia, Eugénia Maria, Gabriel Cardoso, Gina Maria, Helena Tavares, o coro e a orquestra dirigidos por Alves Coelho Filho.

A apresentação do programa está a cargo de Fernando Pessoa e a realização pertence a Luís Andrade.

O RANCHO

DAS CANTARINHAS

DE BUARCOS

NO ESTRANGEIRO

O Rancho das Cantarinhas, de Buarcos, inicia no sábado a sua quarta digressão ao estrangeiro, com o seguinte programa: dias 7 e 8, filmagens em Espanha para a TVE; 9, espectáculo em Thuir; 10 e 11, espectáculos em Marselha; 12 a 16, em Nice; 13, em Cannes; 17, em Toulon; 18 e 19, em Génova; 20, em La Spezia; 21, em Lucca; 22, em Grosseto; 23, em Savona; 24, em Aix-en-Provence; 25, em Béziers; 26, em Barcelona; 27, passagem por Madrid; e 28, à noite, chegada a Buarcos.

A digressão tem o patrocínio da Câmara Municipal e da Comissão de Turismo da Figueira da Foz e conta com a colaboração de diversas empresas locais.

FESTA ANUAL

DO GRUPO DOS AMIGOS DA INFÂNCIA

No domingo, decorre a festa anual do Grupo dos Amigos da Infância, na respectiva sede, Rua dos Remédios, 164, 1.º, com o seguinte programa:

As 11 horas, distribuição de vestuário e calçado a 60 crianças de várias freguesias de Lisboa; e às 12, lanche às crianças contempâneas e suas famílias.

TV FOGUETE

Telefones: 835299 / 831223

Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

Recintos de diversões

★ Acompanhados por Francisco Carvalhinho e Pais da Silva reapparecem dentro de dias na E. N. os artistas Ana Hortense e José Borges

★ Fernando Farinha participa no próximo domingo num espectáculo em Faro.

★ Encontra-se a actuar na «Lisboa à Noite» a cantadeira Beatriz da Conceição.

★ Estreou-se na Parreirinha de Alfama o cantor Francisco Martinho.

★ Deve ser o pianista Jorge Machado quem substituirá na E. N. o seu colega Mário Teixeira, recentemente falecido.

★ Encontra-se no Porto, a actuar na «Candeia», a gentil cantadeira Adriana Franco, que acaba de gravar o seu primeiro disco comercial.

CELY SANZ NO FUNCHAL

Por via aérea, seguiu para a Madeira a cancionista Cely Sanz que, no Casino do Funchal, vai cumprir um contrato que prevê o mínimo de vinte actuações. No regresso ao continente, Cely Sanz gravará um disco de 45 rotações, após o que retornará aos palcos de além-fronteiras, França, Bélgica e Holanda, com presenças marcadas para «shows» televisados.



UM FILME DE GUERRA E DA RESISTENCIA

A EXTRAORDINÁRIA
EPOPEIA DE SEIS
TEMIDAS MULHERES,
QUASE NUAS, DE UMA
AUDÁCIA E CORAGEM
QUE DESAFIA A DOS
MAIS VALENTES COMBATE-
NTES DA ÚLTIMA
GUERRA.

A BRIGADA NUA

(THE NAKED BRIGADE)

TINHAM A MAIS PERIGOSA

MISSÃO A CUMPRIR: NADA

AS PODIA DETER!

SHIRLEY EATON • KEN SCOTT
MARY CHRONOPOULOU

AMANHÃ

EMOCIONANTE
ESTREIA

EDEN

UM FILME «UNIVERSAL» • SONORO FILME

M. 12 ANOS

UM «WESTERN» VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL!
o extraordinário CLINT EASTWOOD emO MAGNIFICO
ESTRANGEIRO

UM AVENTUREIRO MISTERIOSO, ENIGMATICO, SURPREENDENTE...
POR QUEM AS MULHERES ENDOIDECEM... QUE RI DO PERIGO...
MESMO ENFRENTANDO HOMENS QUE MATAM SEM DÓ NEM PIEDADE...

UM GRANDE ELENCO

LOUIS HAYWARD • LUANA ANDERS • SLIM PIKENS
ROLLY MACINTIRE • JOSEPH HOOVER

HOJE

SENSACIONAL ESTREIA

POLITEAMA

Versão italiana — M. 12 anos

FILMES
LUSOMUNDO

6ª

E ÚLTIMA
SEMANA

estudio

As 15.15, 18.30 e 21.45

...a sensibilidade da câmara de VISCONTI dá a esta obra cinematográfica o sentido da obra literária de CAMUS...

A PARAMOUNT apresenta

O ESTRANGEIRO

(LO STRANIERO)

Uma obra-prima de LUCIANO VISCONTI. Inspirado no romance do mestre da literatura ALBERTO CAMUS (ADULTOS)

com MARCELLO MASTROIANNI
ANNA KARINA
BERNARD BLIER
é um filme PARAMOUNT



VIDA MUSICAL

Centro de Iniciação Musical de Sta. Isabel

No Centro de Iniciação Musical de Sta. Isabel, instalado num anexo da Igreja Paroquial e dirigido por D. Maria Margarida Pereira de Almeida e Sousa, realizou-se uma audição com a qual findou este período lectivo. Fizaram-se ouvir alunos dos 3 aos 8 anos de idade em canções mimadas, cânones, movimentos ritmados, instrumentos de percussão e piano. Em todas as demonstrações foi revelado o bom método usado naquele estabelecimento de ensino e postas em evidência as aptidões dos alunos, que foram muito aplaudidos. A professora D. Maria Margarida Pereira de Almeida e Sousa foi, no final da audição, justamente felicitada.

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO

PEREIRA & C.

RUA DO CARMO

ASSOCIAÇÃO FILARMÓNICA

VERDI

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Associação Filarmónica Verdi, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral: presidente, C. Rodrigues; vice-presidente, Fernando Ferreira; secretário, Vítor Ferreira. Conselho fiscal: presidente, Humberto Dias Marques; secretário, António F. H. Costa; relator, Inocência F. Assunção. Direcção: presidente, António S. Simão; vice-presidente, Raul Silva Sousa; secretário-geral, José Catarina; 1.º secretário, Mário Martins de Oliveira; 2.º secretário, Albertino F. Cunha; tesoureiro, António Dias Melrinho; vogais, Adílio Coelho Serra, João Ventura Madeira, Alfredo B. Mota, Eugénio Valente e António P. Jesus. São delegados à Federação: efectivo, João Simões de Carvalho e suplente, António da Silva Simão.

REPOSIÇÕES

NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Esplendor na Relva» («Splendor in the Grass» — 1961).

REALIZAÇÃO — Elia Kazan. INTERPRETES — Natalie Wood, Warren Beaty.

Verificou-se anteontem no Alvalade a reposição de *«Panico nas ruas»*. Ontem o Império trouxe de novo para a tela o *«Esplendor na Relva»*. Trata-se de dois filmes de Elia Kazan, e é isso que em primeiro lugar importa salientar. Poderemos ainda lembrar que Kazan é ainda o autor de *«Há lodo no cáis»*, *«A festa do paraíso»*, *«Viva Zapata»*, *«América»*, *«América»*, etc. E hoje um

cinasta de talento quase unanimemente reconhecido. Ainda há pouco, num inquérito realizado entre a crítica portuguesa, *«América»*, *«América»* aparecia como o melhor filme estreado em 1965. Digo-o com a máxima objectividade, até porque o considero um filme detestável. Mas foi realizado por Kazan, suscitou discussões, e compete à crítica chamar a atenção para estas coisas.

«Esplendor na Relva» é uma história de amor entre dois jovens, Dean (Natalie Wood) e Bud (Warren Beaty). Extremamente apaixonados (como o demonstra a primeira sequência em imagens admiráveis), têm de lutar contra uma atmosfera de interesses, curiosidades moribundas, estratégias elaboradas, tradi-

ções, hipocrisias, frustrações e meandros que acabará por vencê-los. Dean e Bud são, pela sua educação, pela religiosidade que os impregna, pela estíma que devem a seus pais, inteiramente incapazes de ajustarem as suas reacções espontâneas e a moral que pretendem seguir. Sentem que algo está errado, e eles próprios são sintomas vivos desse erro. Sintomas que se transformam em crises, desequilíbrios, quase loucura. Todo o diálogo com os pais lhes está vedado, porque os pais apenas projectam neles as imagens estilizadas de tudo o que sonharam ser. Deste modo, Bud e Dean defrontam desconhecidos, que procurando fazer o melhor para os seus filhos, apenas conseguem fracassar de novo. Filme de um profundo pessimismo, nele a realidade triunfa com toda a ordem, senas e artificialidade que lhe são inerentes. Mas a nota de resignação parece-nos demasiado insistente: aceitar um destino e procurar encontrar na recordação da verdadeira vida (no *«Esplendor na Relva»*) a força para encarar com mais serenidade as circunstâncias que o decurso da vida impõe. E tudo isto nos é apresentado em imagens por vezes muito belas e através de uma interpretação de primeira ordem.

Contudo, a transparência das intenções que cada imagem, cada sequência, cada figura, cada gesto nos pretendem transmitir é tão evidente que as boas qualidades do filme se diluem um pouco numa ingenuidade generalizada — para a qual contribui o esquematismo superficial do enredo. Obra simpática e corajosa, ela parece integrar-se plenamente na ordem que contesta. Pelo tradicionalismo das suas formas narrativas, pela debilidade da sua argumentação crítica, este filme é do ponto de vista moral inteiramente inócuo. E como o efeito estético que pretende produzir se desloca quase por inteiro para essa intenção moral, torna-se difícil apreciar, pela sua beleza em si, a indiscutível qualidade de algumas sequências.

Com o mesmo esquema e idêntica intenção, parecemos mil vezes mais convincente e comovedor um filme como *«Os chapéus-de-chuva de Cherburgo»*: aí o lugar-comum não é camuflado, mas exibido com tal nitidez que a sua banalidade se transforma em provocação. Mas, de qualquer modo *«Esplendor na Relva»* é um filme a não perder.

EDUARDO PRADO COELHO



«Los Payadores» com Giovana

A nova expressão de «Los Payadores»

«Los Payadores» nasceram há 18 anos. São três rapazes da mesma idade (José Luis, Rafael e Pepe) todos nascidos em Madrid. Resolveram formar um trio musical e correr mundo. Estiveram no Líbano, Grécia, Egipto, Itália, Suíça, França, Inglaterra, Marrocos, Alemanha e, por diversas vezes, em Portugal — no Casino Estoril, no Teatro Sá da Bandeira, no Mónaco, no Teatro Monumental.

Gravaram cerca de quarenta discos. Tornaram-se figuras de destaque nos melhores cartazes europeus.

De vez em quando, «Los Payadores» desembarcavam em Espanha. Há uns meses, resolveram asso-

ciar uma voz feminina ao trio. A moça tem 19 anos, nasceu em Badajoz e chama-se Giovana.

O primeiro disco com o quarteto surgiu no pino do Verão e inclui as composições «Mi tierra gallega», «Tu paraguas», «Señor Lopez» e «Lo vi llorar a Dios»: é a nova expressão de «Los Payadores», com Giovana.

MARGOT FONTEYN ★ RUDOLF NUREYEV

Ballet Romeu e Julieta



DAVID BLAIR ★ DESMOND DOYLE ★ JULIA FARRON ★ MICHAEL SOMES

Música de SERGE PROKOFIEV

Coreografia de KENNETH MACMILLAN

Genários e guarda-roupa de NICHOLAS GEORGIADIS

Orquestra: Royal Opera House Covent Garden

Dirigida por JOHN LANCHBERY

FILMADO EM COR NOS ESTÚDIOS DE PINEWOOD PARA A RANK

Produção e Realização de PAUL CZINNER

DANDO SATISFAÇÃO A INÚMERAS SOLICITAÇÕES E COM JUSTIFICADOS FOROS DE GRANDE ACONTECIMENTO, VOLTA A ESTE CINEMA A MARAVILHOSA VERSÃO CINEMATÓGRAFICA DO BAILADO «ROMEU E JULIETA», CRIADO PELO ROYAL BALLET.



Maiores de 12 anos

SNACK impecável

A CARRUAGEM

Pratos do dia de 16 a 18 esc. BAR INÉDITO — MATERIAL DA C.P.

(Ar condicionado)

Rua Filipe Folque, 49-A - Lisboa

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS ENCONTRAM TODAS AS NOITES NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

O SEU MAIS RISONHO DIVERTIMENTO

ALEGRES DIVERSÕES E LUZ A JORROS

BOA MESA, MÚSICA MELODIOSA NUM AMBIENTE DE FRESCURA E TRANQUILIDADE

TUDO SE CONJUGA NO PARQUE DE ENTRECAMPAS PARA SER O MAIS AGRAVÁVEL E APETECIDO PASSATEMPO DAS MULTIDÕES

ABERTURA AS 19 HORAS



MIRITA CASIMIRO

NA FIGURA DE

Maria Papoila

UM FILME QUE REÚNE TERNURA E PITORESCO

com ANTÓNIO SILVA — VIRGÍNIA SOLER
EDUARDO FERNANDES e um fado
por ESTÉVÃO AMARANTE

12 ANOS
INTERNACIONAL FILMES

AMANHÃ no

odeon

REAPARECE UMA DAS MAIS POPULARES PRODUÇÕES DO CINEMA NACIONAL

Um filme de LEITÃO DE BARROS

UM TEMA DO NOSSO TEMPO — 1

A TELEVISÃO E AS CRIANÇAS

Um dos temas mais preocupantes do nosso tempo é a influência que a televisão exerce sobre as crianças.

A questão não se coloca só ao nível da televisão portuguesa. Vêmo-la debatida naqueles países onde a televisão atinge um colossal desenvolvimento quer no aspecto negativo, quer positivo. Mas lá onde uma opção é possível, é possível atenuar certas influências nefastas. Até porque aumenta dia após dia a atenção prestada aos programas para crianças — fenómeno a que, neste fim da Europa onde vivemos, ainda não presenciamos com a intensidade requerida.

Entre nós, as atitudes extremam-se: ou se permite que as crianças vejam tudo, ou não se lhes permite que vejam seja o que for. Em regra vigora a mais completa indiferença. As crianças ficam entregues a si próprias diante do televisor, a coleccionar arrepios e pesadelos para as suas noites, a embotar a sensibilidade e o carácter, a engolir sem mastigar imagens, noções e conceitos estabelecidos e provenientes de um mundo que não é o seu, a aprender gestos que não primam pela delicadeza, pela solenidade ou pela naturalidade.

Estará, portanto, correcta a atitude dos educadores que afirmam: «Enquanto os meus filhos forem pequenos, não quero televisor em casa»?

De modo nenhum. A experiência diz-nos que as crianças em cujo lar não existe televisão, assistem aos programas na casa dos vizinhos, quanta vez em precárias condições de assistência e de esclarecimento. Acontece que enquanto em nossa casa é possível uma determinada triagem, isso não acontece noutras condições. Onde se conclui que a presença do televisor pode significar não uma extensão da sua influência, mas uma limitação e «controlo» dela embora não seja de desprezar a falácia de certas boas intenções. I, professor de liceu, casado e com dois filhos pequenos, cedo e compra um televisor determinado a utilizá-lo só quando os programas o justifiquem. «Agora, na realidade — escreve-nos I. — o que acontece? O aparelho abre-se às sete e fecha-se à meia-noite — a funcionar quantas vezes sem ninguém a assistir...»

Aqui, como em tantos outros casos, o mal não reside apenas na realidade que cerca os educadores: reside também na incapacidade dos educadores para modificar, atenuar ou aproveitar essa realidade.

Isto de forma nenhuma implica que se iliba de responsabi-

lidades a acção da televisão portuguesa. Pelo contrário: os educadores, não devem afastar-se ostensivamente do fenómeno televisivo. Devem conhecê-lo amplamente a partir daí para uma cada vez maior exigência de qualidade. Não se inventou ainda a varinha de condão apta a fazer desaparecer, de um momento para o outro, o mundo em que se vive, ajustá-lo às vossas mínimas conveniências ou convertê-lo na câmara asséptica do dr. Barnard. Pode-se, quando muito, fazer de conta que a realidade não existe. Esses acabam por ser atropelados pela própria realidade.

Quais são, pergunta-se, os efeitos que a Televisão exerce sobre as crianças? Vamos, numa curta série de breves artigos, ajudar os leitores interessados a encontrar uma resposta. — M. C.

TAUROMAQUIA

Três cartas de toureiro

A MÃE

Escrevo-te, mãe, porque me ensinaste a ter fé em Deus e, consequentemente, a ter fé na vida e nos homens. As vezes sinto desejos infinitos de chorar e é quando me lembro mais de ti e penso no doce que seria ter-te a meu lado para sempre. As tuas palavras serviriam de bálsamo e consolo à minha terrível incerteza. Desejo ser toureiro, mas não sei se chegará o dia em que este sonho se transforme em patente realidade. Posso assegurar-te que o primeiro dinheiro que ganhe com a minha valentia ou com o meu medo será para ti. É tão bonita a profissão que escolhi, mãe! E digo-te isto a ti que sabes o que é sofrer por minha causa! Sentir na tua carne de mãe as críticas que façam ao teu filho e que são como as teríveis cornadas que dão os touros da fome e da depressão ante um futuro incerto. Tu compreendes-me bem porque de tudo isto sabes, e sabes também que eu vivo para isto. Por isso me levanto cedo e nunca me deito tarde, nem bebo. Por isso, encho de ar os meus pulmões, e a minha imaginação de fantasias, e já me vejo nos cartazes das corridas das feiras, e no campo, lidando

vacas e bezerros... e por isso também, nos meus poucos anos, já sei mais de tristezas que de alegrias, e mais de realidades, de sonhos e espectros...

Mas algum dia, mãe, ver-me-ás rodeado de bem-estar e de dinheiro, admirado por mulheres que hoje me desprezam, e com mão generosa para dar ao que nada tem.

Tu sabes, mãe, de todas estas coisas porque eu sei que de tudo sabes, e pelo muito que te quero e me queres.

A UMA MULHER

Sei que quando receberes esta carta pensarás que sou um canalha que quer ver-se livre de ti porque subi muito alto e tenho muitas mulheres que me querem e muito dinheiro para gastar. Mas, tu sabes melhor que ninguém o trabalho que me custou triunfar.

Ao princípio foi difícil, maus os contratos e má a sorte que parecia voltar-me as costas, até que um dia tudo mudou e consegui colocar-me entre os melhores, ainda que, às vezes, os críticos me tratassem despidamente.

Tu portaste-te bem comigo, devo reconhecê-lo. Deste-me o teu calor nas noites de insónia e acompanhaste-me sempre na carreira triun-

fal pelas arenas de Espanha e da América, mas isto não bastou para me sentir satisfeito e, apesar de ter a ti, procurei outras mulheres que, por vaidade ou ambição, me enganavam. Mas eu seguia subindo como um meteoro no firmamento do êxito, esmagando a passagem tudo o que fosse obstáculo, e creio que a ti também te magoei com o impulso da minha soberba. Julguei que era o melhor para ti, porque, homens e mulheres me lisonjeavam e eu tinha perdido a minha simplicidade de menino para me converter num feroz leão que tudo devora, e tive medo do castigo de Deus.

Compartilhaste comigo aquela época da minha vida tal como minha mãe participou dos meus sonhos e esperanças. Desfrutámos de tudo sem pensar se estava bem ou mal. Quando recebas esta carta de despedida, imagino o teu rosto e tudo o que estarás pensando: devotaste tanto como tu a mim e estamos pagos, mas é o caminho da vida, e veremos qual dos dois tem mais sorte.

A ESPOSA

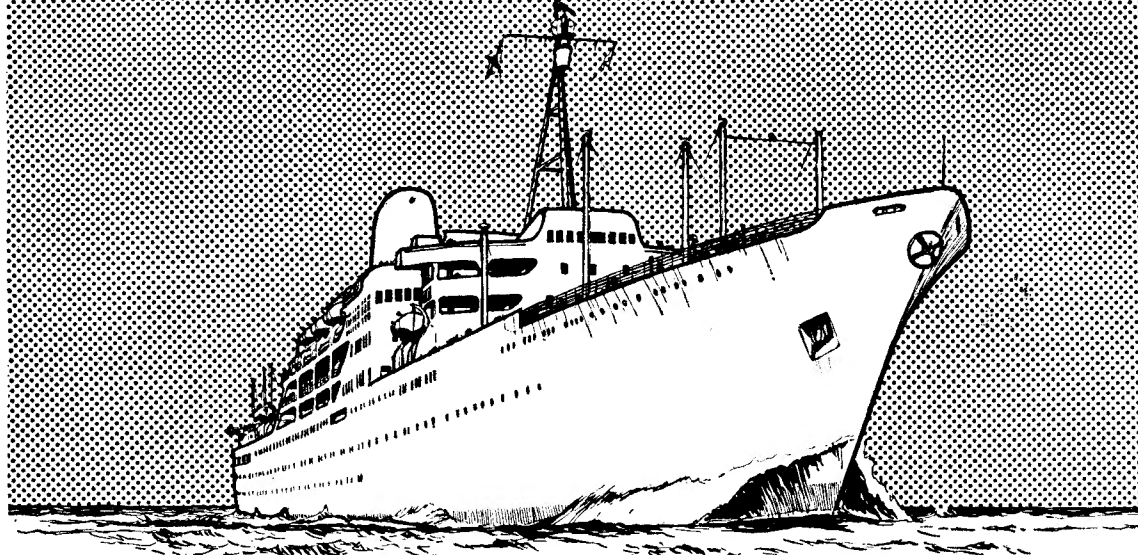
Quero deixar-te uma recordação inesquecível no dia dramático da minha retirada. Tristes horas vividas por mim, que posso suportar como homem, esperando encontrar a força dos teus braços generosos. Hoje é o dia da renúncia, o dia das lágrimas amargas que se tragam para que os outros não vejam correr-nos pela cara. Sei que para ti será este dia um dia feliz, em que se apaguem todas as recordações de sobressaltos e medos, mas a tua alegria não será suficiente para levantar a estátua do ídolo caído.

A estátua que me levantaram um dia, para depois, entre todos, a irem derrubando pouco a pouco. Sei que tu compreendes os meus sentimentos, da mesma forma que os compreenderia minha mãe, e que também sabes do amargo sabor que me ficará. Um dia, bem claro, me disteste: «Os bens deste mundo não serão duradouros, e por isso te deves ir conformando com a ideia de que tudo passará com o tempo.

A tua intuição de mulher soube prever os factos, e agora sinto-me um pouco desolado pela culpa da minha estúpida vaidade e do meu egoísmo. Quantas vezes pensei em ti e confesso-te que estar no alto, e ver-me admirado pelas multidões, era como sentir-me um pequeno deus, e agora vejo que o Deus verdadeiro me castigou. Longe de mim foram ficando todas estas recordações, que já me parecem fumo, cinza e gelo. Agora tenho-te a ti e ao filho das tuas entranhas que com tanta ilusão espero. E, apesar de tudo, se prometes não te zangares, vou confessar-te o meu segredo: desejo que o nosso filho não seja toureiro!

Original de Maria Vaz Arroyo-Díaz. Tradução de «El T. P.».

INGLATERRA - HOLANDA



para: VIGO/SOUTHAMPTON/ROTTERDÃO

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

MALA REAL INGLESA

Agentes em Lisboa:

1.ª classe, classe cabine e carga:
JAMES RAWES & CO. LTD.
Rua Bernardino Costa, 47 — Tel. 370231

Classe Turística:
E. PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Praça Duque de Terceira, 20-26 — Tel. 361581

MEMBRO DO GRUPO
FURNESS WITHY



meriton

Próximas partidas de Lisboa:

ARLANZA — 3 de Agosto
ARAGON — 24 de Agosto
ARLANZA — 28 de Setembro

VULCAIN

RELOGIO SUIÇO DE
PRESTÍGIO MUNDIAL

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L.

Agente Distrital

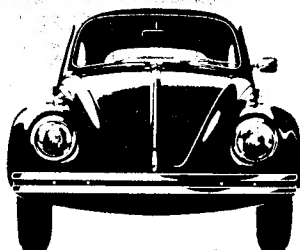
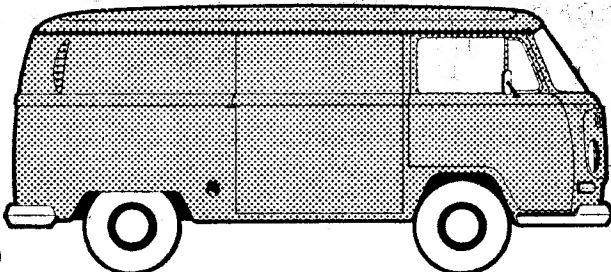
VOLKSWAGEN

SERVIÇO E LOJA DE PEÇAS LEGÍTIMAS

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS, S.A.R.L.

AV. DA LIBERDADE, 71 — TELEFONE 326419

R. DA ESCOLA POLITÉCNICA, 259-271 — TELEFS. 683145/6 - 689260



DIÁRIO DE EVA

COISAS DE MULHERES

OS BENS MÓVEIS

Certa cabeleireira casada exercia pacificamente a sua arte com pleno conhecimento do marido. Este, porém, sem alegar qualquer explicação, entrou no salão em pleno funcionamento, arrancou todos os secadores, que guardou consigo. A mulher pediu por justiça que lhe fossem restituídos esses instrumentos de trabalho, o que lhe foi negado, em todas as instâncias. É que o marido, *administrador dos bens do casal*, tinha por lei o poder de dispor de todos os bens móveis.

Esta decisão de 1958, foi, aliás, mal recebida por todas as revistas de direito, mas por razões técnicas que aqui não interessam. Só uma perguntou se transformar um estabelecimento num monte de sucata era acto de administração? O comentário era meu...

Esta ocorrência, chamada «o caso dos secadores», causou certa sensação. Tendo eu perguntado a uma licenciada em Física, que tem a gentileza de ler o que eu escrevo, se eu não abusava de histórias vividas, ela respondeu que impressionava muito mais saber que o marido tinha o direito de arrancar à mulher os seus instrumentos de trabalho do que a afirmação de que ele podia dispor dos bens móveis...

Casos verídicos

Por isso, repito este e outros casos verídicos.

Maria do Socorro era das abnegadas heroínas que se matam a trabalhar para ter a casa «ajetadinha». Tinha, porém, um marido intermitente que, de longe em longe, a procurava para uma cura de repouso. Depois, partia para o grande desconhecido, tendo previamente vendido todo o recheio da casa... Novos mila-

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

gres de poupança, nova visita do marido. Isto durou anos. As vezes tinha a gentileza de empenhar apenas os objectos, deixando as cautelas para facilitar a reavaliação. Estava dentro dos seus poderes legais e não havia

pela dr.^a

ELINA GUIMARÃES

motivo para divórcio ou separação...

Por ter um marido desse género, embora mais permanente, Bertília, empregada de escritório, resolvera a situação vivendo em casas alugadas com mobília. Como estas não pertenciam à mulher, ele não as podia vender sem risco de prisão...

Zulmira, doente de cama, foi obrigada a levantar-se, transferindo-se para improvisado divã porque vieram buscar a mobília do quarto de cama que, sem lhe dizer nada, o marido vendera... Neste caso não havia hostilidade. Ele comprara outros móveis que não foram entregues a tempo e quisera surpreender a mulher... E surpreendeu mesmo...

A situação mudou

O valor dos bens móveis alienados gratuitamente podia ser descontado na meação do marido no termo do matrimónio. Mas haveria sempre meação?

Entretanto, a mulher casada não tinha nenhum direito sobre estes mesmos móveis. A Relação do Porto não hesitou mesmo em declarar por Acórdão de Fevereiro de 1956 que comete crime de furto a mulher casada que aliena ou mesmo transfere de casa o mobiliário do casal...

E fustoe dizer que, nesse mesmo ano, a Relação de Coimbra declarou que o marido só podia dispor dos bens do casal a título oneroso porque administrar é valorizar. Em 1955 o Supremo Tribunal de Justiça declarou que a dissipação

dos bens do casal constitui abuso de confiança.

Pelo novo Código a situação mudou muito. Os móveis próprios ou comuns de que ambos os cônjuges se utilizam conjuntamente na vida do lar ou como instrumentos de trabalho só podem ser alienados por ambos. Isto é: as mobílias só poderão ser vendidas pelos dois. Também o que administra não pode dispor dos móveis que pertencem só ao outro. Agora a mulher administra ela própria muito mais bens, entre os quais os que utiliza como instrumentos de trabalho art.º 1678, alínea f), que assim ficam fora da alçada do marido. Não poderá, portanto, repetir-se o célebre «caso dos secadores», que provavelmente inspirou esta regra.

No entanto, a situação não é ainda de igualdade embora o possa parecer pela afirmação do art.º 1682, n.º 1, de que marido e mulher podem alienar os bens imóveis, por que se segue a restrição «de que tenham a administração» e apesar de inegáveis progressos a administração pela mulher é ainda menos frequente.

Mas a posição foi melhorada para a mulher, o que já basta para nos dar esperança de um futuro de maior justiça.



A gravata que se usa

Está na moda a gravata «à La Valière» que se chamou, entre nós, gravata «Carbonária», quando, nos primeiros anos da República, era usada só pelos homens e tinha, invariavelmente, a cor negra. Hoje é do mesmo tecido empregado na blusa, pode ser de qualquer cor e é usada só pelas mulheres. Com um pouco de atenção dada aos desenhos explicativos que aqui se apresentam a leitora ficará a saber como é feito o nó numa gravata «à La Valière»

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 4 — (A. N. 1.) — O Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola distribuiu o comunicado relativo ao período de 23 a 29 de Junho, que é do seguinte teor:

«A actividade dos terroristas, a norte da provincia, foi reduzida, mas apesar disso provocou baixas nas forças da ordem e na população, nos incidentes que se referem:

— Dois ataques realizados contra fazendas, a primeira situada na área de Muxualuando, onde se registaram 4 mortos e 8 feridos entre os trabalhadores, e a outra localizada na região de Quibaxe, onde se verificou a morte, também, de um trabalhador;

— Flagelação efectuada contra uma coluna de viaturas civis, no itinerário Ócua-Pango Aluquem, que ocasionou ligeiros ferimentos numa pessoa;

— Colocação de engenhos explosivos, que foram accionados pelas nossas tropas, a sueste de Nambuangongo e a oeste de Ócua;

— Emboscada montada contra as forças militares a sudoeste de Mucondo.

As nossas tropas, além do esforço desenvolvido para a destruição dos meios de vida do adversário, realizaram várias acções, entre as quais se registaram:

— Ataque levado a efeito contra um numeroso grupo de terroristas, a sueste de Lombo, que, apesar da reacção do adversário, aliás sem consequências, ocasionou mortos e feridos em numero não verificado e a captura de material de guerra, munições, equipamento e fardamento e de variada documentação;

— Acção realizada a nordeste de Maquela do Zombo, que provocou dois mortos e apreensão de documentos.

Por outro lado, no Leste, onde a actividade dos terroristas aumentou nitidamente em relação ao período anterior, os efeitos causados foram menos significativos do que no Norte. Merecem referência:

— Raptos perpetrados contra elementos da população africana na área do Chitombo, na região de Cassamba e a norte de Mavinga;

— Quatro ataques, dois dos quais realizados contra viaturas civis, o primeiro no itinerário de Camaxito-Cangulua, e o outro entre Cuemba e Luanda, que provocaram na totalidade dois feridos; o terceiro contra uma casa comercial na área de Cangulua, causou dois feridos; e, finalmente, o ultimo, contra trabalhadores de um corte de madeiras, a norte de Cangulua, que motivou quatro feridos;

— Uma emboscada montada contra as nossas tropas a norte de Ninda;

— A instalação de duas armadilhas, que foram accionadas pelas forças militares, a sueste de Vunhangue e no itinerário Cazombo-Calunda.

As forças de ordem conseguiram resultados mais expressivos nas acções que se passa a mencionar:

— Três ataques de surpresa, efectuados contra acampamentos dos terroristas, o primeiro a nordeste de Chiume, que ocasionou dois mortos, o segundo a sudoeste de Cangulua, que provocou um morto e a captura de uma espingarda automática, duas granadas de mão, munições e equipamento, e o ultimo a nordeste de Mavinga, que causou três mortos e a captura de 34 elementos, a recuperação de 13 indivíduos e a apreensão de 9 canangulos, munições, fardamento, equipamento e outro material, não sem que os terroristas tivessem, por mais de uma vez, procurado opor resistência à actuação das nossas tropas;

— Uma batida realizada a norte do Alto Cufo e Tempõe, no decurso da qual o adversário sofreu 4 mortos.

As baixas sofridas em combate pelas nossas tropas foram 4 mortos, cuja identificação já foi difundida, e 13 feridos. Registaram-se, também, 5 mortos e 17 feridos entre a população civil.

Durante este período verificou-se a apresentação de cerca de três centenas e meia de elementos da população, na maioria regressados das matas no Leste da provincia.

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate na provincia de Moçambique, o alferes miliciano de infantaria Rui Manuel Sá Lemos de Abreu, natural de Lourenço Marques e filho do sr. Abel Frederico de Abreu e da sr.ª D. Maria Fernanda Sá Lemos de Abreu; e o soldado 07725766, Alberto Alves de Sousa Couto, natural da Metrópole.

O alferes miliciano Rui Manuel de Abreu tinha a especialidade de atirador e embarcara para Moçambique há cerca de catorze meses, sendo sua unidade mobilizadora o Regimento de Infantaria 1, da Amadora. Completaria este mês 25 anos de idade e era solteiro.

Militares desaparecidos em rios do Ultramar

LUANDA, 4 — (L.) — Quando andavam a pescar, a bordo de um barco, num dos rios da provincia de Angola, desapareceram o segundo-sargento A.E.A., Ricardo Manuel Serpa Bettencourt, natural de Angra do Heroísmo (Açores), filho de Francisco Soares Bettencourt e de Maria da Conceição de Serpa Bettencourt; e o marinheiro de Radar, n.º 9329, Ademar da Silva, natural de Miragaia.

BISSAU, 4 — (L.) — Desapareceu no rio Mansoa, na provincia da Guiné, o primeiro-cabo n.º 09275167, Carlos Carvalho Figueiredo, natural da Figueira da Foz, filho de António Marques Figueiredo e de Ana de Jesus Carvalho.

POMBOS-CORREIOS

No dia 8, às 10 horas, demonstração de diversos tipos de máquinas agrícolas, feita pelas casas representadas na exposição; e, às 12, inauguração da exposição pecuária, com a apresentação dos melhores exemplares de cada uma das espécies existentes na região.



prendas de nascimento e baptizado

Lindas colheres para Bebés com Anjo da Guarda. Constituem uma inesquecível prenda de nascimento ou baptizado, ao mesmo tempo que são uma forma fácil de resolver uma preocupação de escolha. A venda nas casas da especialidade.

P R A T A • marca "Topázio"
ARGENTEIO • marca "Brazão"
RONEUSIL • marca "Domex"

Exclusivo da "TOPÁZIO" - Maquetes do escultor Cabral Antunes - Desenhos de Gouveia Portuense

NÓS JÁ VIMOS quantas é que elas são, quanto ganham, quanto gastam. Falamos já de provas, da «força da estação», de uma certa improvisação que reina neste campo, de um descontentamento mais ou menos generalizado. Ouvimos até duas delas, ambas estrangeiras, mas casadas com portugueses, e que em curiosas circunstâncias começaram a exercer a sua actividade. Continuemos a ouvir (e falar de)

OS MODELOS PROFISSIONAIS

Reportagem de JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

EM RELAÇÃO aos modelos — é sabido e agora se confirmou — há ainda um certo preconceito, embora, por outro lado, não deixe de ser uma actividade a que se dedique, embora as mais das vezes sem ser profissionalmente, muita «gente bem». Preconceito semelhante ao que ainda subsiste relativamente às actrizes de teatro? Exactamente, disse-nos a nossa primeira entrevistada de hoje, e que constitui exemplo típico do que acabamos de dizer. Muitas famílias opõem-se a que as filhas passem, enquanto outras o autorizam, mas não permitindo, em contrapartida, que os seus nomes ou as suas fotografias apareçam nos jornais ou nos ecrãs. Este o caso da que é, e muito justamente, considerada um dos melhores modelos portugueses, e daqueles que as casas de modas mais requisitam. Figura bem conhecida no meio, mas cujo nome e rosto tem de ficar no anonimato...

— Isto tem uma vantagem: profissionalmente penso que quanto menos aparecer melhor. As caras que todos os dias se vêm na televisão ou nos jornais ficam gastas.

— Gosta da sua profissão?

— Evidentemente — é uma profissão muito feminina.

— E acha que ser modelo de fatos para homens é muito masculino?

— É diferente...

E a nossa entrevistada, reportando-se ainda à nossa pergunta anterior, continuou:

— Isto não quer dizer que eu só me interesse por trapos. Essa é uma ideia errada que muita gente tem sobre os manequins. Uma outra ideia errada, também: a de que o manequim tem de ser uma rapariga bonita.

● A dificuldade de fazer calar as mulheres

— Entrar numa sala onde estão 100 ou 200 mulheres — prosseguiu — e calá-las é difícil. E pelo silêncio que se faz, nós apercebemo-nos do êxito que temos.

Fala-se das condições em que a profissão é exercida em Portugal, e ela manifesta-nos, também, o seu descontentamento. É claro: em Paris uma colecção é passada 2 meses seguidos, à tarde e à noite. Aqui, o máximo 5 vezes. Diz-nos que o seu tipo é o do «manequim sorridente», e passa, sobretudo, «noivas, debutantes, coisas menineiras».

— Não me dá bem o ar solene. Faço mais de rapariguinha. Mas já não posso vestir de noiva...

Depois há uma história igual a outras: «tinha 18 anos, ainda andava de peúgas, e um dia fui a uma modista que me perguntou: se queria passar. Nem levei

a coisa a sério. Mas, quando resolvi deixar de estudar, lembrei-me disso e pronto.»

— Quando você passeia na rua com um vestido último modelo, e as pessoas olham para si, sente-se, de qualquer forma, como se estivesse a passar?

— Não — ando na rua normalmente. Sem o ambiente da passagem, que é fundamental, nunca me poderia dar essa ideia.

● «Para passar bem tenho de sentir o vestido meu»

— ?

— Quando passo um vestido, para o fazer bem, tenho de o sentir como meu — mesmo que custe 50 contos. Deitá-lo

ao chão, pisá-lo, se necessário. E sinto, de facto, os vestidos meus, quando os passo. Se depois de uma prova ou duas resolvi entregar o vestido a outra pessoa para o passar, eu fico furiosa. E se gosto muito de um modelo e não tenho dinheiro para o comprar, e alguém depois o faz, também fico furiosa. Não é inveja, mas desgosto de perder alguma coisa que sentia pertencer-me.

— Gostava de poder ter todos os vestidos que passa?

— Não: apenas aqueles que mais me agradam. Eu tenho menos vestidos que a maioria das raparigas com quem me dou. E se tenho mais que algumas, outras é porque às vezes os costureiros nos dão — isso serve, de certa forma, de publici-

dade. Dos que compro, procuro que tenham sempre uma nota nova. Entre o que está na moda e o que está fora dela prefiro o primeiro. Mas sou capaz de vestir qualquer coisa, desde que me agrade. Sou um bocado louca nestas coisas...

Opinamos que não — que loucura é vestir sempre e só o que está na moda. E vamos acrescentar: não só loucura — inferioridade, falta de personalidade. Mas ficámos-nos pelas primeiras



«Estava dentro de mim este interesse pela moda»

gos costumam dizer-me que só falta o noivo...

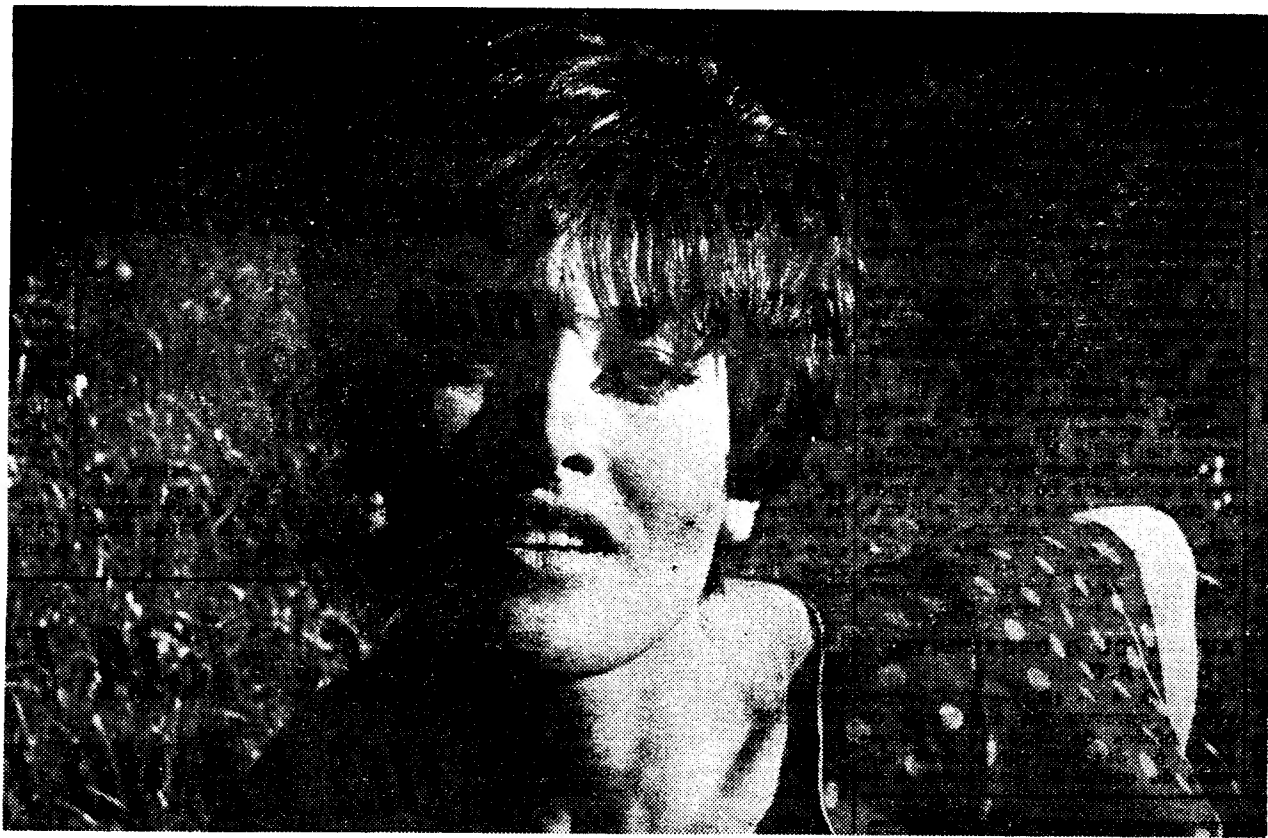
● «Ser bom modelo exige personalidade»

Ouvimos, enfim, depois de uma consagrada, uma nova na profissão, e que está no início, também, como modelo publicitária. Rebello, entre outros. É

uma rapariga moderna, como as dos filmes, e ainda quase sempre a correr de um lado para o outro: quando nos encontramos a primeira vez estava cheia de pressa, porque precisava de ir para o Estoril fazer, de balho de água, umas fotografias publicitárias. Dai o regresso rápido à firma onde é assistente, e, findo o horário de trabalho, o ensaio da peça que vão levar à cena. Em seguida, preparação para uma possível passagem...

— Gosto muito de teatro, que penso me dará vantagens como manequim — onde o á-vontade é essencial e também é preciso representar. E adoraria fazer cinema, sem ser publicitário... Desporto já pratiquei muito, sobretudo desporto náutico, além de patinagem: até fui campeã de natação dos Açores, donde sou natural, embora pela pronúncia não se note. E a natação faz bem: desenvolve a pes-

(Continua na pág. 15)



Maria de Deus: o rosto (que dispensa adjetivos) de um modelo que começa



Pousar é uma arte — que os atractivos manequins tornam mais fácil...

rio, ainda que aqui já tenha aparecido mais:

— Estava dentro de mim este interesse pela moda. Fui tirar umas fotos, e disseram-me que tinha muitas possibilidades de ser modelo. Soube que havia o curso da Juno, e frequentei-o. Agora vamos lá ver o que consigo. Tive já um convite para ir trabalhar três meses para Inglaterra, para a Mary Quant, onde há sempre modelos de diversas nacionalidades. Mas como, por um lado, ainda não me sentia segura e, pelo outro, tinha que abandonar o meu emprego, não aceitei.

Com efeito, Maria de Deus, no princípio da carreira, trabalha numa grande empresa. Trabalha e representa no seu grupo de teatro, onde já interpretou Synge e L. F.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

«QUER ISSO NOS AGRADE OU NÃO ISRAEL É UMA REALIDADE»

—DECLAROU O MINISTRO EGÍPCIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

COPENHAGUE, 4 — (F. P.) — «Israel é uma realidade, quer isso nos agrade ou não», declarou ontem à noite numa conferência da Imprensa em Copenhague, o ministro dos Negócios Estrangeiros da R. A. U., Mahmoud Riad.

O navegador solitário termina hoje a volta ao Mundo

PORTSMOUTH, 4 — (R.) — O navegador solitário Alec Rose percorrerá hoje a última etapa do seu percurso de 45 000 quilómetros à volta do Mundo, regressando a Portsmouth quase um ano depois da sua partida.

Uma armada de barcos de todos os tamanhos acompanhará o navegador-merceiro de 59 anos desde a ilha de Wight até Portsmouth.

Nesta cidade, os cais estão cheios de gente que pretende saudar o regresso de Rose.

Há pouco vento para empurrar o «Lively Lady» no seu último percurso.

Calcula-se em 250 000 pessoas o número de entusiastas que aguardam a chegada de Rose. Foram canceladas todas as folgas da Polícia e os bares receberam uma autorização especial para estarem abertos durante mais 90 minutos.

FILHA DE EMIGRANTES VAI À FINAL DA TAÇA DA EUROPA DE ACORDEÃO

GRENOBLE, 4 — (L.) — Foi seleccionada para a final da Taça da Europa de Acordeão, que se realiza nesta cidade em Setembro próximo, a menina portuguesa Maria Helena Gonçalves, filha de João Baptista Gonçalves e de Alzira Gonçalves, residentes em St. Ouen.

Num concurso de acordeão realizado no Clube de Granvilliers (Oise) pela escola Château de St. Ouen, Maria Helena conquistou a medalha de ouro correspondente ao primeiro prémio.

geiros da R. A. U., Mahmoud Riad.

«Quando a nossa propaganda — mas não os políticos responsáveis — proclamava, o ano passado, que o Estado de Israel devia ser destruído, isso era estúpido, mas tais proclamações resultavam do facto de estarmos encolerizados», acrescentou o ministro egípcio. «Já alguma vez desde a guerra de Junho de 1967, a Rádio e a Imprensa da R. A. U. disseram que queríamos a destruição de Israel? Nós só queremos a paz».

Todavia — acrescentou Mahmoud Riad — «A paz que Israel deseja é da mesma natureza que a paz pretendida por Hitler para subjugar a Europa. Mas a Europa opôs-se a Hitler e o Egipto opôs-se a Israel se necessário».

NASSER PERMANECERÁ EM MOSCOVO ATÉ AO DIA 7

MOSCOVO, 4 — (R.) — O presidente Nasser da R. A. U. chegou hoje, às 12 e 30 horas (T. M. G.), a esta capital, vindo do Cairo, para discutir com dirigentes do Kremlin possíveis novas medidas para acabar com a ocupação por Israel de territórios árabes.

Nasser, na sua primeira visita a Moscovo desde 1965, deve também, segundo se espera, conferenciar acerca de um aumento do auxílio soviético à economia egípcia e, possivelmente, para as suas forças armadas, esmagadas por Israel na guerra do Médio Oriente em Junho do ano passado.

A União Soviética apoia ainda energeticamente políticas destinadas a conseguir uma solução para a crise do Médio Oriente e comentadores russos insistem que essa é, também, a política da R. A. U.

Num comentário feito a noite passada acerca da visita, um locutor de Rádio Moscovo elogiou o presidente Nasser pelo seu «realismo e sabedoria ao seguir a senda de procurar uma solução política».

O presidente permanecerá em Moscovo até ao dia 7, data em que se espera que siga de avião para Belgrado, onde travará conversações com o presidente Tito.

AUMENTOU O ORÇAMENTO DA R. A. U.

CAIRO, 4 — (R.) — O Governo egípcio aprovou um orçamento de dois biliões de libras egípcias — cerca de dez por cento mais elevado do que o do ano passado —

em que concede grandes subsídios a despesas militares.

O orçamento de 1968-69 foi aprovado pelo presidente Nasser e pelo seu Governo durante uma conferência de duas horas que se realizou no palácio de Kubbeh.

O Governo discutiu também a visita que o presidente Nasser realiza hoje a Moscovo.



Richard Simonson, comandante do avião que, na noite de domingo para segunda-feira, foi forçado, sob ameaça de um passageiro, a aterrar em Cuba, faz uma declaração sobre o incidente, no aeroporto de Miami. Com ele estão três hospedeiras do avião: da esquerda para a direita, Marguerite Schmidt, Nancy Steveson e Margaret Burt

Protecção permanente para o irmão de Sirhan Sirhan

PASADENA (Califórnia), 4 — (R.) — A Polícia guarda durante 24 horas por dia Saidallah Sirhan, irmão mais velho do alegado assassino do senador Robert Kennedy, após tiros terem sido disparados ontem contra ele.

Saidallah, que tem vivido afastado do resto da família e que recusou antes uma oferta de protecção da Polícia, declarou que sete homens brancos, em dois automóveis, tentaram apanhá-lo quando seguia ontem, de manhã, no seu carro, numa via de Los Angeles. Dois tiros foram disparados contra o seu automóvel — afirmou.

Após o incidente, Saidallah seguiu para um posto da Polícia de Pasadena, a fim de comunicar o caso. Agentes encontraram duas balas de calibre 38 no carro e revelaram que a janela da direita do veículo ficara estilhaçada.

Saidallah escapou com vida a ter-se agachado após o primeiro tiro ter sido disparado — disse ainda a Polícia. «Se o não tivesse feito, a segunda bala acertaria-lhe-las».

O alvejado, irmão de Sirhan Sirhan, imigrante jordano acusado de assassinar o senador Bob Kennedy, foi interrogado durante 10 horas e apareceu, depois, denotando nervosismo e mostrando-se abalado.

Após as autoridades lhe terem

COMÍCIO AUTORIZADO EM BERKELEY

BERKELEY (Califórnia), 4. — (R.) — O município desta cidade autorizou a noite passada estudantes esquerdistas a realizarem hoje um comício.

O conselho recusara antes autorização para um comício no Dia da Independência, na Telegraph Avenue, perto da Universidade da Califórnia, uma artéria de grande movimento utilizada tradicionalmente para manifestações estudantis.

CAVALGOU UM HIPOPÓTAMO

TZANEEN (África do Sul), 4 — (F. P.) — Fazer os 100 metros, noite fechada, montado no dorso de um hipopótamo a galope, não é uma coisa frequente.

Um natural de Tzaneen no norte do Transvaal, o sr. Shorty, confessa que teve medo. Regressava anteontem, à noite, de bicicleta, do seu trabalho, quando viu uma sombra apressar-se no caminho. Com uma manobra, conseguiu evitar o «obstáculo», mas foi bater de frente noutro «obstáculo» que estava na berm da estrada.

Os dois «obstáculos» eram hipopótamos. Sob o efeito do choque, o sr. Shorty foi projectado e caiu sentado no dorso de um dos animais, o qual, assustado, se lançou a galope, levando-o consigo.

O sr. Shorty achou-se 100 metros adiante, num valado. A bicicleta ficou destruída.

Sete pessoas e oito éguas mortas num desastre de aviação

LONDRES 4 — (A. N. I.) — Morreram sete pessoas — dois tripulantes, três passageiros e dois funcionários do aeroporto — e as oito éguas que transportava um avião que ontem, ao tentar aterrar no aeroporto de Heathrow, em Londres, chocou contra outros aparelhos que se encontravam na pista e na placa e acabou por se despeñar, indo de encontro a um edifício em construção.

Uma enfermeira dos serviços médicos de aeroporto, Margaret McAbane, entrou no avião através de um pequeno rombo aberto na fuselagem e injectou um anestésico num dos comissários de bordo, o único tripulante sobrevivente, enquanto os bombeiros removiam os destroços que lhe oprimiam o corpo, até o libertarem.

As equipas de salvamento, que igraram a fuselagem, encontraram dois corpos sob os destroços da cauda do aparelho. Verificou-se que os corpos eram de dois funcionários do aeroporto.

Um informador oficial do aeroporto declarou que um ou mais potros podem ter nascido prematuramente, antes ou no momento do embate no solo.

«Sabemos que, das oito éguas que vinham a bordo, duas estavam prenhes» — acrescentou.

A POLÍCIA FORNECEU UM RÁDIO PORTÁTIL AO HOMEM CERCADO

SYDNEY, 4 — (R.) — O chefe da Polícia da Nova Gales do Sul, Norman Allan, esteve durante mais de uma hora como refém de um homem armado que guarda junto de si uma mulher e uma criança.

O chefe da Polícia foi solto só depois de satisfeito o pedido do fugitivo de que lhe fosse dado um rádio de transistores.

Norman Allan autorizou ontem o fugitivo a casar-se com a rapariga que ele guarda como refém e, juntamente com outro polícia, serviu de testemunha da cerimónia.

O chefe da Polícia da Nova Gales do Sul tem sido uma das figuras centrais do estranho drama que, há mais de dois dias se desenrola num pequeno suburbio de Glenfield e dirigiu-se à casa cercada numa nova tentativa para convencer Mellish, o fugitivo, a entregar-se.

Com Norman Allan já também o capelão da prisão que ontem tinha procedido à bizarra cerimónia do casamento entre Mellish e a rapariga que ele guarda como refém, Beryl Muddle, de 18 anos.

A Polícia disse que Mellish rece-

beu os dois homens de arma apertada e exigiu que lhe fosse entregue um rádio portátil.

Polícias armados de espingardas de grande calibre e de lança-granadas lacrimogénias cercam a pequena casa, situada numa calma paisagem campestre.

Poucos minutos depois de o chefe da Polícia e o capelão terem entrado na casa, o superintendente da Polícia «Fergusson» disse aos jornalistas que o seu chefe e o padre estavam também detidos como reféns. «Mellish pediu um aparelho de rádio. Estamos à procura de um e pedimos às emissoras de rádio que não transmitam quaisquer detalhes importantes».

Um polícia levou um aparelho para a casa cercada e os dois reféns foram então libertados.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELÉCTRICOS



O Papa Paulo VI (à direita) recebendo, no Vaticano, duas personalidades budistas nipónicas

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA



O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Michel Debré, que vai publicar em livro o seu plano de reforma da Universidade

Plano de Debré para a reforma da Universidade

PARIS, 4 — (R.) — O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Michel Debré, publicará esta semana um pequeno livro de 40 páginas contendo o seu plano para a reforma da Universidade.

O livrinho chama-se «Juventude» e é editado no tempo «record» de quatro dias.

Como primeiro passo para a reforma, Debré propõe o fim das actuais faculdades, cujas divisões não correspondem de modo algum à presente situação.

O antigo primeiro-ministro preconiza um novo método para seleccionar os estudantes universitários, propondo dois exames de admissão diferentes, conforme se trata de alunos que deixam o liceu ou de pessoas já com experiência da vida.

Debré sugere ainda três tipos de cursos universitários — abreviado, normal e avançado — e uma reforma nos métodos de ensino, de forma a criar uma estrutura universitária fortemente descentralizada e para que em grande número de casos, professores e estudantes tenham conjuntamente uma certa responsabilidade de administração e adaptação.

«Aperto do cinto» em França — significado das novas disposições

PARIS, 4 — (R.) — A nação luta para salvar a sua economia do golpe ruinoso da agitação industrial e social.

O Governo anunciou, ontem, uma série de medidas de «aperto de cinto», numa tentativa para combater a inflação provocada pelos aumentos de salários concedidos, após a vaga de greves em todo o país durante Maio e Junho.

Essas medidas incluem um aumento da taxa de desconto bancário de 1,5 para 5 por cento uma subida de 2500 milhões de francos nos impostos e endurecimento da fiscalização sobre câmbio de divisas.

O objectivo principal do aumento da taxa de desconto é acabar com a escassez do ouro e de divisas convertíveis de França, que atingiu cerca de 5405 milhões de francos no mês passado.

Não foram fornecidos, ainda, detalhes dos aumentos dos impostos ou do endurecimento da fiscalização de câmbios. A fiscalização introduzida em 31 de Maio limita actualmente as despesas do turista no estrangeiro a 1000 francos «per capita».

MELHORIA DE RELAÇÕES ENTRE OS E.U.A. E A U.R.S.S.

Andrei Gromyko, ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, no relatório que apresentou recentemente ao Soviete Supremo não se limitou a reafirmar as já conhecidas posições do seu Governo sobre os problemas mundiais. O ministro anunciou duas iniciativas importantes. Uma delas é a preparação de uma conferência que agruparia, a princípio, as potências nucleares ocidentais e, mais tarde, outros Estados com o fim de estabelecer uma convenção internacional proibindo o uso das armas nucleares.

Gromyko afirmou mesmo que a União Soviética estava pronta a assinar um documento nesses termos.

Por outro lado, o ministro dos Negócios Estrangeiros indicou que o seu Governo estava também pronto a trocar ideias sobre a suspensão dos ensaios nucleares subterrâneos — os únicos que não foram proibidos pelo tratado de Moscovo de 1964.

No entanto, Gromyko estabeleceu os limites e as condições de uma aproximação americana-soviética, salientando que as relações entre os dois grandes «continuavam condicionadas pela agressividade da política externa dos E.U.A. e, antes de mais, pela guerra do Vietnam».

Respondendo ao discurso do presidente Johnson, por ocasião do aniversário do encontro de Glasborough, o ministro perguntou: «Mas porque será que

os Estados Unidos não agem, no que respeita à guerra e à paz, como o seu presidente recomenda?»

Gromyko propôs ainda conversações sobre a limitação dos sistemas de mísseis estratégicos, tanto ofensivos como defensivos, em poder dos Estados Unidos e da União Soviética.

Todas estas medidas propostas por Gromyko, poderão parecer, dentro de certa medida, uma cedência soviética perante os E.U.A. Porém, os dirigentes russos acreditam que só com a coexistência pacífica e, em particular, com a ausência de ameaça nuclear, se poderão resolver os muitos problemas que afligem o mundo. E essa convicção não vem apenas do facto, óbvio para toda a gente de que sem bombas atómicas e de hidrogénio se viveria muito mais tranquilamente no planeta. Nem mesmo vem do facto, também inegável, de que, sem os gastos que um armamento nuclear implica, o povo soviético poderia viver substancialmente melhor.

Se notarmos que Berlim está encravada em território da Alemanha Oriental, que o Vietnam se situa a um passo de 700 milhões de chineses, que a Formosa não se afasta do continente amarelo mais que umas braçadas, uma pergunta se impõe: poderiam os americanos aguentar tudo isso se não existissem as armas nucleares?

A. V. C.



Abe Fortas, de 58 anos, amigo do presidente Johnson, que este apontou como sucessor de Earl Warren à frente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. A nomeação terá de ser ainda confirmada pelo Congresso.

A Hidro-Eléctrica do Cávado no mercado de euro-obrigações

LUXEMBURGO, 4.—A Kredietbank S. A. Luxembourgeoise e a Hidro-Eléctrica do Cávado assinaram no dia 12 de Junho, em Luxemburgo, um contrato de tomada firme de um empréstimo por obrigações, de 5 milhões de unidades de conta, a ser colocado no mercado europeu.

Este empréstimo, que terá a duração de 12 anos, é lançado à taxa de 7% e será cotado nas bolsas de Luxemburgo e de Amsterdão. Destina-se ao financiamento do conjunto hidroeléctrico de Vilarinho das Furnas, na região do Porto.

O dr. Pedro Reis, administrador-delegado da Hidro-Eléctrica do Cávado, e o prof. Blondeel, presidente do conselho de administração da Kredietbank S. A. Luxembourgeoise, estiveram presentes na conclusão deste primeiro empréstimo internacional para o desenvolvimento do sector eléctrico português, que se inscreve no Quadro do Terceiro Plano de Fomento. Expressaram a sua convicção de que o sucesso desta primeira operação vai abrir outras possibilidades de recurso ao Mercado Internacional de Obrigações por parte do sector eléctrico português, um dos mais dinâmicos e importantes do País.

NEO-REALISMO

o 1.º volume da colecção
CADERNOS DE LITERATURA
intitula-se

HÁ UMA ESTÉTICA NEO-REALISTA?

de
MÁRIO SACRAMENTO

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
Rua da Misericórdia 117-2.º — LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leca Matosinhos Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista Praça Marquês de Pombal Rua de Costa Cabral Constituição Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



OLIMPIADAS

1968

CONTACTE COM:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA
Praça Duque da Terceira, 4
Tel. 32 22 71/2/3 • 36 93 46

Agentes no Porto:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY & BARROS LEITE LDA
R. Infante D. Henrique, 83-1º
Tel. 2 07 73 • 2 89 08 • 3 30 50

CAMINHOS DE FERRO MUXAGATA

Comunica-nos a C. P. que desde 15 do corrente todas as estações de caminho-de-ferro despacham mercadorias incluindo pequenos volumes, para Muxagata-Central.

Por seu turno, no Despacho Central instalado na referida localidade expedem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminhos-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

LINHOS

BRANCOS E DE CÔR
CAMBAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO

LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO

TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS

O MAIOR SÓRTIDO
DE LISBOA

CASA 3 PANOS

R. DE S. JULIÃO-ESQUINA
DA R. DOS FANQUEIROS

«DISNEYMANIA»

PARIS, 4 — (A. N. I.) — O escritor Richard Schickel, que se entretém a traduzir em cifras os principais aspectos da organização Walt Disney, afirma que, em cada semana de 1966, mais de 240 000 pessoas assistiram nos cinemas do Mundo a um filme saído daqueles estudos, enquanto a cem milhões de telespectadores era oferecida uma película da mesma origem.

Acrescenta que no mesmo ano 800 milhões de pessoas leram pelo menos uma publicação de Walt Disney, 80 milhões adquiriram um objecto com a marca Disney, 50 milhões ouviram música extraída de filmes de Walt Disney e sete milhões visitaram a Disneylandia.

O império artístico-financeiro criado por Walt Disney — conclui Schickel — realiza em cada ano um lucro líquido superior a 12 milhões de dólares.

AUMENTO DE 20\$00 DIÁRIOS AO PESSOAL DA CARRIS EM VIGOR A PARTIR DE HOJE

Do Ministério das Corporações recebemos a seguinte nota:

«A fim de facilitar a resolução das dificuldades surgidas no decurso das negociações relacionadas com a melhoria das condições sociais do pessoal ao serviço da Companhia Carris de Ferro de Lisboa e com o objectivo de esclarecer e completar a nota há dias tornada pública sobre o mesmo assunto, deseja o Ministério das Corporações e Previdência Social prestar as seguintes informações:

1.º — É seu entender, com base nos estudos para o efeito realizados, que desde já poderão ser aumentados os vencimentos e salários do referido pessoal, em percentagens equivalentes a cerca de 20 escudos diários. (O que, por si só, levará a determinar um aumento de encargos anuais da ordem dos 50 mil contos).

2.º — Para determinação desse montante tomaram os serviços técnicos do Ministério igualmente em consideração não só o nível salarial actual dos trabalhadores em causa, como também o nível geral das remunerações praticadas em identicas categorias profissionais.

3.º — Entende ainda o Ministério que os ajustamentos referidos não prejudicam, quer o prosseguimento das negociações relativas à convenção colectiva de trabalho, quer às providências necessárias à viabilidade financeira das soluções adoptadas.

4.º — O Governo, como é natural, não consentirá qualquer perturbação ou alteração do regular funcionamento do serviço público, continuando atento à normalidade da prestação do trabalho que com ele se relaciona.

5.º — De novo se reafirma que os

presentes ajustamentos salariais só entrarão em vigor após a completa normalização da actividade.

Nestes termos, e na impossibilidade verificada de se obter, com a urgência requerida, uma solução por via convencional, que continua, aliás, a considerar-se a mais conveniente, vai o Ministério das Corporações e Previdência Social determinar, no uso dos poderes legais que lhe confere o Decreto-Lei n.º 32 749, de 15 de Abril de 1943, a adopção da seguinte tabela de remunerações para o pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, que passará a vigorar logo que se mostre normalizado o serviço:

NOVA TABELA DE VENCIMENTOS DAS CATEGORIAS-BASE DO PESSOAL DA CARRIS

EMPREGADOS			ASSALARIADOS		
Grupo	Tabela de vencimentos-base em vigor	Novo Vencimento mensal	Grupo	Tabela de vencimentos-base em vigor	Novo salário diário
1	5952\$00	6472\$00	A	104\$00	124\$00
2	5877\$00	6397\$00	B	101\$00	121\$00
3	4892\$00	5412\$00	C	97\$00	117\$00
4	4742\$00	5262\$00	D	94\$40	114\$40
5	4437\$00	4957\$00	E	91\$80	111\$80
6	4057\$00	4577\$00	F	89\$00	109\$00
7	3832\$00	4352\$00	G	86\$00	106\$00
8	3682\$00	4202\$00	H	83\$40	103\$40
9	3559\$00	4079\$00	I	80\$60	100\$60
10	3484\$00	4004\$00	J	79\$40	99\$40
11	3334\$00	3854\$00	K	76\$20	96\$20
12	3254\$00	3774\$00	L	73\$80	93\$80
13	3104\$00	3624\$00	M	72\$60	92\$60
14	2879\$00	3399\$00	N	72\$20	92\$20
15	2799\$00	3319\$00	O	70\$80	90\$80
16	2649\$00	3169\$00	P	69\$60	89\$60
17	2499\$00	3019\$00	Q	69\$00	89\$00
18	2424\$00	2944\$00	R	67\$80	87\$80
19	2349\$00	2869\$00	S	66\$00	86\$00
20	2269\$00	2789\$00	T	63\$80	83\$80
21	2194\$00	2714\$00	U	62\$60	82\$60
22	2044\$00	2564\$00	V	61\$00	81\$00
23	1969\$00	2489\$00	W	59\$60	79\$60
24	1894\$00	2414\$00	X	58\$40	78\$40
25	1819\$00	2339\$00	Y	57\$00	77\$00
26	1739\$00	2259\$00	Z	47\$20	67\$20
27	1619\$00	2139\$00	—	—	—
28	1559\$00	2079\$00	—	—	—
29	1484\$00	2004\$00	—	—	—
30	1209\$00	1729\$00	—	—	—

EMPRESA JOSÉ GUERRA

M/GANOS

VIA FRANCA

FESTAS DO COLETE ENCARNADO
Dia 7 de Julho, às 18 horas

CAVALEIROS

RIBEIRO TELLES

JOSÉ LUPI

MATADORES

JOSÉ JULIO

JUAN ANSEJO "CALERO"

8 bravos toiros 8

sendo 4 de Pinto Barreiros (herdeiros)
e 4 de José Assis Palha

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
de NUNO SALVAÇÃO BARRETO

Sombra desde 65.00 — Sol desde 40.00

Venda de bilhetes:

ABEP-telef. 32 88-23

Tabacaria Freitas,

Rua Primeiro de Dezembro, 85

e em Vila Franca Xira

no Café Central, telef. 87

às 10,30 horas Espera de Toiros

FESTIVAL TAURINO

da "sardinha assada"

de sábado para domingo às 2,45 h. da madrugada

A Praça mais castiça do País

JÓIAS

ANTIGAS E MODERNAS
Compro cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA, 253
Telef. 324564

COMPRE NA Dardo

A MARCA QUE DEU NOME AOS FRIGORÍFICOS



FRIGIDAIRE

TRADIÇÃO NA QUALIDADE. AVANÇO NA TÉCNICA



Dardo 6 LOJAS À SUA DISPOSIÇÃO
AV. DA LIBERDADE, 131 • R. S. BENTO, 53-57
AV. ALM. REIS, 124 • P. DE LONDRES, 7 • R. 1.ª DE MAIO, 146 (S. amaro)



Prof. Jorge Dias: «Trata-se de unir a teoria à prática»



Prof. Branimir Bratanic: «Não sou profeta»



Prof. Arnold: balhos dos bastos

NO FINAL DA CONFERÊNCIA DE ETNOLOGIA EUROPEIA

AS ALDEIAS (como hoje ESTÃO CONDENADAS A

— declarou o Prof. J

A propósito da IV Conferência Internacional das Comissões Executivas e de Redacção da «Ethnologia Europaea», que ontem teve a sua sessão de encerramento, registámos as declarações de três dos etnólogos que nela tomaram parte activa: o prof. Jorge Dias, português, e os professores Branimir Bratanic, da Jugoslávia, e Arnold Niederer, da Suíça.

Um dos temas principalmente estudados na reunião, que fez virem ao nosso País os maiores nomes da investigação europeia desta especialidade, foi o da situação actual e destino das aldeias. Acerca desta questão, de incontestável actualidade (recordamos o artigo recentemente publicado nas colunas do «Diário de Lisboa» e da tutoria do prof. Jorge Dias acerca de Vilarinho das Furnas, uma aldeia típica portuguesa condenada a desaparecer, devido à construção de uma barragem), os três etnólogos entrevistados deram-nos uma opinião sucinta, completada por alusões a alguns aspectos do problema nos seus respectivos países. Outra questão abordada foi, como não podia deixar de ser, a maneira como decorreram os trabalhos da conferência, promovida pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular do Instituto de Alta Cultura, do qual é director o prof. Jorge Dias.

Prof. Jorge Dias: A procura de novos métodos de estudo

Foi este cientista, nosso ilustre colaborador, quem nos fez as primeiras declarações: — Um dos esforços maiores da conferência foi a procura de novos métodos para o estudo do desenvolvimento de aglomerados, agora que se tornaram diferentes as suas condições de vida. Dada a grande transformação das técnicas e a sua constante modernização, a vida das populações das aldeias está a mudar muito. Diversos factores influem poderosamente nessa mudança: a televisão, a emigração, os transportes. Por outro lado, existem características diferentes de região para região, de país para país. Na América, o trabalho de 7 % da população chega para alimentar 80 %; na Turquia, por exemplo, o trabalho de 80 % alimenta 20 %. Todos estes factores têm de ser tomados em conta quando se trata de estudar a vida das comunidades. Uma vez que as condições se alteraram, os métodos de estudo têm, também, de al-

ter-se. Esse é o principal problema posto aos etnólogos modernos. Durante a conferência, eu e outros investigadores, propusemos que a etnologia fosse adaptada às novas circunstâncias.

— Acerca, propriamente, do futuro das aldeias?

— Creio que, na sua forma actual, e pelas razões já expostas, as aldeias estão condenadas. Há, evidentemente, muitas formas de transição. Mas aldeias como aglomerados de vida primitiva (dois casos portugueses: Vilarinho das Furnas e Rio de Onor) desaparecerão no futuro. Cada vez mais se veri-

PROF. BRATANIC (JUGOSLÁVIA):

«O PROGRESSO TÉCNICO É INDEPENDENTE DOS SISTEMAS ECONÓMICOS»

fica a tendência para se viver em aglomerados progressivamente maiores, susceptíveis de melhor garantir a sobrevivência e a comodidade dos indivíduos. Na Alemanha, por exemplo, está previsto um plano de divisão do país em grandes herdades rectangulares, que definitivamente destruirão os pequenos aglomerados. Todas estas transformações correspondem, aliás, como se compreende, às necessidades da industrialização e das técnicas modernas da agricultura. Sobre a forma como decorreram os trabalhos, o prof. Jorge Dias disse:

— Verificámos com satisfação que, cada vez mais, nos sentimos preocupados com problemas idênticos. Os trabalhos decorreram muito bem e constituiram um bom encorajamento para o futuro. Trata-se, agora, de aplicar à prática todos os conhecimentos teóricos, de forma a evitar que determinadas condições já verificadas e estudadas possam voltar a estabelecer-se.

Na Jugoslávia usam-se há um século alfaias modernas — declarou o prof. Bratanic

O prof. Branimir Bratanic, da Universidade de Zagreb, e membro

do Comité Ex-

gia Europaea»

— Estou mu-

trabalhos da

mitiram o de-

portante nos

o. Estes en-

para que po-

nostros esfor-

ção. O facto

revista intern-

mente intern-

é em latim pr-

tar susceptibi-

meros colab-

países europe-

meio passo

das relações

logos. A noss-

em 1967, e ten-

publicados, se-

gênero que o

colaboração de

francês, inglês

nões de trab-

muito import-

vimento dos

Acerca do

das aldeias, o

— Não posso

turo, porque

so, no entan-

gresso técnico

rá grandes tr-

lento que ess-

pendente dos

capitalistas ou

ses.

«Na Jugo sl-

prof. Bratanic

são muito dife-

sas. Nas mont-

há ainda form-

ngais. No entan-

cilo que se t-

nas, e a indu-

determina um

mão das form-

Prof. Nieder-

Suíça, grand-

tre cidad

Começou por

ções de alfaias

sas, organizad-

conferência, o

rer, da Suíça:

— Os trabalh-

portugueses nã-

te conhecidos,

guística, mas i-

espantosos. Os

tugueses conse-

etnologia portu-

tradicional. Na

os estudos de

los e dos inve-

beram a sua h-

Jorge Dias e

de Estudos Pe-

dirige, compos-

do Galhano, d-

fu e Benjamim

conferência, t-

pressão, que r-

nião de todos

reunião.

OS CONGRESSISTAS VISITAM ÉVORA

ÉVORA, 4 — Estão de visita a esta cidade os congressistas da quarta conferência internacional das Comissões Executiva e de Redacção da «Ethnologia Europaea», no total de quarenta participantes, representando os seguintes países: Espanha, França, Irlanda, Alemanha Federal, Suíça, Dinamarca,

Suécia, Noruega, Checoslováquia, Holanda, Jugoslávia, Polónia, Hungria e Inglaterra.

Durante a estadia, os visitantes percorrerão Évora e tomarão contacto com a riqueza etnológica da nossa região, e, bem assim, com o recheio monumental da Cidade-Museu.



Prof. Arnold Niederer: «Os trabalhos dos portugueses não são bastante conhecidos»

NA EUROPEIA

hoje as concebemos) DAS A DESAPARECER

Prof. JORGE DIAS

do Comité Executivo da «Ethnologia Europaea», declarou:

— Estou muito satisfeito com os trabalhos da conferência, que permitiram o debate de matéria importante nos campos teórico e prático. Estes encontros são decisivos para que possamos conjugar os nossos esforços na mesma direcção. O facto de possuirmos uma revista internacional, verdadeiramente internacional (o seu nome é em latim precisamente para evitar susceptibilidades entre os numerosos colaboradores de todos os países europeus), constitui o primeiro passo para o estreitamento das relações entre todos os etnólogos. A nossa revista foi criada em 1967, e tem já quatro números publicados, sendo a primeira do género que o consegue. Recebemos colaboração de toda a Europa, em francês, inglês e alemão. As reuniões de trabalho da revista são muito importantes para o desenvolvimento dos nossos estudos.

Acerca do problema do futuro das aldeias, o prof. Bratanić disse: — Não posso falar quanto ao futuro, porque não sou profeta. Posso, no entanto, dizer que o progresso técnico certamente implicará grandes transformações. É saliente que esse progresso é independente dos sistemas económicos, capitalistas ou socialistas, dos países.

«Na Jugoslávia — continuou o prof. Bratanić — as aldeias não são muito diferentes das portuguesas. Nas montanhas e à beira-mar há ainda formas de vida tradicionais. No entanto, desde há um século que se usam alfaias modernas, e a industrialização do país determina uma natural transformação das formas de vida.

Prof. Niederer: Não há na Suíça, grandes distâncias entre cidades e aldeias

Começou por elogiar as exposições de alfaias agrícolas portuguesas, organizadas no âmbito da conferência, o prof. Arnold Niederer, da Suíça:

— Os trabalhos de etnologia dos portugueses não são suficientemente conhecidos, por motivos de linguística, mas são verdadeiramente espantosos. Os nossos amigos portugueses conseguiram incorporar a etnologia portuguesa na etnologia tradicional. Na Europa conhecemos os estudos de Leite de Vasconcelos e dos investigadores que receberam a sua herança, como o prof. Jorge Dias e a equipa do Centro de Estudos Peninsulares, que ele dirige, composto pelos srs. Fernando Galhano, dr. Ernesto de Oliveira e Benjamim Pereira. Acerca da conferência, tenho a melhor impressão, que reflecte, aliás, a opinião de todos os participantes na reunião.

USOU A EIECÇÃO A 30 METROS DO SOLO O PILOTO QUE MORREU PERTO DA OTA

Segundo um informador da Secretaria de Estado da Aeronáutica, confirma-se ter sido por falta de potência para aceleração que se despenhou ontem, cerca das 11 e 20, o avião T-33 da Base Aérea n.º 2 (Ota) tripulado pelo capitão piloto-aviador Gustavo José da Cunha Meneses e pelo alferes piloto-aviador José António de Lemos Paula.

Verificada a deficiência, que se deu momentos antes da aterragem prevista para aquela base, os dois aviadores fizeram uso do dispositivo de ejeção, mas a reduzida altura (trinta e poucos metros) a que procederam à manobra acabou por vitimar o alferes Lemos Paula, saindo ileso o seu superior.

O funeral do inditoso piloto, que tinha 27 anos e era casado com a sr.ª D. Branca Maria Rocha de Lemos Paula, sai amanhã, às 8 horas, para a terra da sua naturalidade, a cidade de Lamego.

Na capela do Hospital Militar Principal é hoje rezada missa.

Torre



de Babel

João Medina

VEM AÍ O MONSTRO

Vem aí o monstro. Que monstro? Qual deles? Mas o de Loch Ness, claro, o velho, o tenaz réptil marinho da Escócia. Preparo-nos portanto para o receber uma vez mais durante a villegiatura. Com a proximidade de Agosto, temo-lo aí à porta, mais certo do que as tulipas e a chuva em Abril ou os morangos em Junho. Monstro estival, serpente que vive das gazetas e nas gazetas, o pobre mas fiel monstro do lago Ness deve estar a estas horas a apressar a sua reaparição em cena, depois de onze meses submerso em silenciosas águas frias.

Vem aí o monstro da civilização ocidental, o nosso «abominável homem das neves», carregado de pergaminhos como o país onde exerce o seu nobre mister de prodígio anual. Se os antigos acreditaram nos deuses e nas deusas, nós acreditamos nos monstros, mas nos prodígios pacatos, domesticados, postos em cena segundo rituais há muito estabelecidos; monstros sim, mas bons monstrozinhos, acatadores das convenções, dos horários do decoro que deve presidir a tudo, mesmo ao sobrenatural, ao pavoroso, ao assombro. E aí o temos, o nosso monstro de Loch Ness, pobre monozóico sem família nem sexo definido, habitante arquissolitário de uma grande poça de água num país coberto de brumas, cumpridor de uma tradição que o faz emergir durante as férias estivais, naquele rápido intervalo entre duas longas neblinas que dividem o ano climatérico escocês.

Vem aí o monstro, o monstrozinho obediente, o prodígio infalível, o milagre para turistas, o peixe que todos os jornais pescam durante o oitavo mês do ano, à guisa de alimento para um Agosto de jejum noticioso, praticamente deserto de ventos, exceptuadas as explosões de cólera racista nos Estados Unidos da América do Norte. Não sejam ríspidos para com esta serpente marinha; de facto, para que pretender descompor um animal que, além de quimérico, preenche algumas úteis funções no nosso mundo? Nesta civilização de férias pagas, papel celofane e embalagens perdidas, onde já nada — ou quase nada — acontece a mera existência de uma patranha como a da serpente de Loch Ness basta para garantir à fantasia os direitos que o mecanicismo e a positividade das sociedades industriais lhe queriam tolher. Pego-te assim leitor

amigo, toda a tua benevolência para o nosso monstro. E depois, que lerias tu durante a estação estival se não existisse algures na Escócia uma serpente tão abnegada que, para te distrair e pôr em contacto com o reino das maravilhas onde Alice outrora passeava, sai do fundo de um lago e, sem provocar desastres nem comoções excessivas, mostra a cabeça mítica e o lombo fabuloso, posto o que feitas todas estas proezas catitas, desaparece prontamente, só voltando a solicitar a tua atenção dentro de um ano? Não vês nisto um exemplo invulgar de mistério temperado de rotina, de equilíbrio entre o plausível e o irreal, entre a ciência e a magia? Por outro lado, não aprovas a docilidade de um monstro que, certamente dotado de forças e malefícios pavorosos, se deixa estar, tão modesto, tão manso, filmado, perseguido, molestado por um cardume de curiosos, cientistas e habitantes ribeirinhos, em vez de arremeter como possesso contra essa turbamulta que não respeita a paz e a intimidade dos prodígios da fábula e da natureza? Ah, bem vejo que comesas a simpatizar com o amável bichano escocês!...

E depois, repara, não sucede também ler, guloso ou divertido, as notícias sobre as Cinderelas do Totobola, os Aladinos da Fortuna, os discos voadores? Ora, diz-me cá, se gostas de aventuras, prodígios, fadas e milagres, porque repudias então a pobre serpente de Loch Ness? Também ela, a seu modo e com muita dignidade, serve a causa de um maravilhoso cada vez mais ausente de uma civilização que, perdida a fé, mantém todavia uma afeição tenaz pelos seus demónios e pelas irrupções mitigadas da mitologia na esfera do quotidiano. Já agora, uma última pergunta: não acontece às vezes deixares resvalar o teu olhar, tão lúcido e cartesiano, para os horóscopos que as gazetas publicam para felicidade universal? Hein? Acredita-me, aquela serpente perdida numa lagoazinha da Escócia é muito mais do que um simples monstro do folclore local; garante-te estar nela, renitente e quase que desesperada, a sobrevivência do Mistério. Que seria de nós todos, ó serpente amiga, ó bom monstro simpático do Loch Ness, que seria efectivamente de nós sem o Mistério e as suas fábulas?!

Strasbourg, Julho de 1968.

PLANO PARA ELIMINAR ALDEIAS SOVIÉTICAS

MOSCOVO, 4 — (A. N. I.) — Perto de 50 000 aldeias rurais russas devem ser abandonadas, e os seus cinco milhões de habitantes instalados em localidades maiores e mais eficientes, quer queiram, quer não — declarou o vice-primeiro-ministro soviético Ignati Novikov, numa conferência nacional sobre a reconstrução de aldeias, realizada em Minsk.

Novikov afirmou que estas aldeias,

com cerca de 100 habitantes cada uma, impedem a organização racional de grandes empresas rurais.

É certo que algumas delas foram estabelecidas há séculos. Todavia, são demasiadamente pequenas para justificarem a instalação de canalizações de gás e de água e a construção de escolas e de outros serviços de utilidade pública.

NOIVOS

As alianças e prendas da OURIRESARIA DA MODA dão felicidade RUA DA PRATA, 257

MERGULHÃO

AS MAIS LINDAS PRATAS Rua de S. Paulo, 162 — Telef. 30013

MEIA DE VIDRO

Participa aos seus Ex^{mos} clientes e amigos que durante os meses de Julho, Agosto e Setembro passa a encerrar aos sábados às 13 horas.

RUA AUGUSTA, 158 A CASA DAS MEIAS DESCANSO

A TRADIÇÃO DA OURIRESARIA NACIONAL E DE PROIBIDADE E DE COMETÊNCIA



Ourivesaria da GUIA

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE 43 (Edifício do Hotel Mundial)

LIBRAS OURO

Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º

JÁ ANUNCIADAS

6.º — SR. MANUEL J. CARLOS — S. MANEDE 7.º — D.ª MARIA BONANCA CARVALHO — FOZ

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a máxima proteção dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, dá-lhe a SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

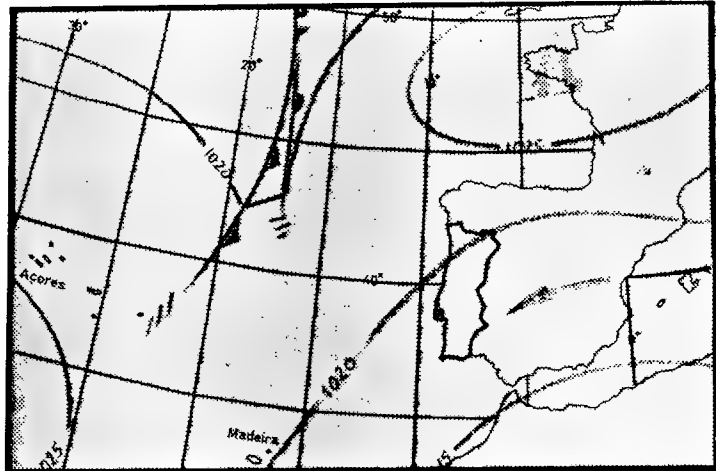
CHOCOLATES TÁCIDES BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço
Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL, ÀS 9 HORAS — Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco. TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas 34°, mínima: Montalegre, 0°.

atmosfera: 19,7; na água do mar: 7,8. TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 19°; Faro, 24°; Lisboa, 19°; Penhas Douradas, 19°; Portalegre, 22°; Porto, 16°; Funchal, 20°. TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ÀS 15 HORAS — Máxima: 27,4; mínima: 15,2. No mesmo dia do ano passado — Máxima: 24,5; mínima: 15,3.



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 5 — A massa de ar com trajecto continental transportada na circulação de um anticiclone localizado na parte noroeste da França, deverá continuar a influenciar o estado do tempo.

Previsão geral
até às 24 horas
de amanhã

CÉU GERALMENTE LIMPO, VENTO FRACO, PODENDO SOPRAR, A PARTIR DA TARDE, NOROESTE, MODERADA, NA FAIXA COSTEIRA OCIDENTAL.

SOL Amanhã: Nascer às 6 e 18
Ocaso às 21 e 05
PREIA-MAR: Dia 4 — 10 e 30 (3,4 m). Dia 5 — 11 e 40 (3,4 m). Dia 6 — 0 e 08 (3,5 m); 12 e 50 (3,5 m). BAIXA-MAR: Dia 4 — 6 e 18 (1,3 m); 17 e 50 (1,4 m). Dia 5 — 5 e 18 (1,3 m); 17 e 50 (1,4 m). Dia 6 — 6 e 20 (1,3 m); 18 e 58 (1,3 m).

☀ Dia 10 ☀ Dia 17 ☀ Dia 25 ☀ Dia 1

VIRÃO PARA LISBOA OS CORPOS DOS DOIS CASAIS DE PORTUGUESES VÍTIMAS DE DESASTRE EM FRANÇA

Causou profunda impressão em Lisboa a notícia de que, num brutal acidente de viação, ocorrido em França, perderam a vida dois casais de portugueses, pertencentes a famílias muito conhecidas.

As vítimas foram: o sr. Vasco Raposo Moreira, de 35 anos, administrador da «Intar», filho do dr. Manuel Vicente Moreira e neto do ilustre prof. Moreira Junior, que residia na Avenida Duque de Avila, 35, r/c, e era o condutor do automóvel que, há duas semanas saíra de Lisboa, para uma viagem a França e a Inglaterra; sua esposa, sr.ª D. Maria Teresa de Melo Reis Moreira, de 35 anos, filha do falecido coronel Pereira dos Reis, o dr. António Maria Simões Ferreira, de 55 anos, advogado e chefe do contentioso da «Intar», morador na Avenida Elias Garcia, 176, r/c, esquerdo e a sua esposa, sr.ª D. Mary Botella Mota Simões Ferreira, de 51 anos.

As famílias das vítimas estão procedendo às diligências necessárias para que os seus corpos possam vir para Lisboa o mais rapidamente possível.

O automóvel chocou de frente com um camião

POITIERS, 4 — (F. P.). — Quatro mortos é o balanço do desastre de viação ontem ocorrido, cerca das 21 horas, na estrada n.º 10, ao Sul de Couhe Verac (Vienne).

HOMENAGENS

Ao presidente do Município de Bombarral

BOMBARRAL, 4 — No domingo, às 10 e 30, será prestada homenagem ao sr. Salvador Carvalho dos Santos, presidente do Município local, por motivo da sua recondução no cargo. Seguir-se-á um almoço.

Encontros luso-brasileiros

No Palácio das Necessidades prosseguir esta manhã, no âmbito dos encontros previstos do quadro dos

Por causas não esclarecidas, um automóvel em que seguiam dois casais portugueses, em direcção a Bordéus, bateu de frente num camião melo-reboque, da União Leiteira do Haut Poitu, desta cidade.

Os corpos das quatro vítimas foram transportados para a casa mortuária do Hospital Municipal de Couhe Verac.

O condutor do camião nada sofreu.

VIDA SOCIAL

NASCIMENTO

Deu à luz, na maternidade Alfredo da Costa, a sr.ª D. Isabel Cordelro Pereira Mira, casada com o industrial de lanifícios José Manuel Costa Pereira Mira.

O XXXIII CURSO DE FÉRIAS DA FACULDADE DE LETRAS

Uma conferência do prof. Marcello Caetano sobre «As Constituições portuguesas — 1822 a 1933» preenche, na próxima segunda-feira, pelas 16 horas, o acto inaugural do XXXIII Curso de Férias da Faculdade de Letras de Lisboa.

O curso compreende as disciplinas de Português Elementar, Português Complementar e Português Superior. História de Portugal, História da Arte Portuguesa, Estudos Camonianos, Literatura Portuguesa, Filologia Portuguesa, História da Expansão Portuguesa, História do Pensamento Português e Geografia de Portugal. Integrados no programa, realizar-se-ão também cursos de Pronúncia Portuguesa e Introdução ao Estudo da Música

DOIS CADASTRADOS DETIDOS EM FLAGRANTE DELITO

CALDAS DA RAINHA, 4 — Nesta cidade foram detidos hoje dois cadastrados que para aqui tinham vindo fazer «campo de operações» e aqui actuaram desde o dia 30 de Junho até ontem. Assaltaram 5 automóveis nas Caldas da Rainha e 1 na Foz do Arelho.

Foram presos hoje, em flagrante, quando numa camioneta tentavam furtar uma carteira.

Trata-se de Helder Manuel Medeiros Luís, de 17 anos, natural dos Açores, em liberdade vigiada, e de Armando Reis Azevedo, de 18 anos, natural de Lisboa, saído da prisão de Lisboa, também em 10 de Junho, onde cumprira pena de furto e emigração clandestina. Nenhum dos dois tem profissão ou residência certa.

Portuguesa, e visitas de estudo a lugares históricos, e a monumentos nacionais.

A inscrição está aberta na Secretaria da Faculdade de Letras, todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 e 30 horas.

ARTESANATO TURCO NUMA EXPOSIÇÃO FLUTUANTE

Uma exposição de artesanato turco chegou hoje a Lisboa e flutua desde as 8 da manhã no Tejo, atracada (com o paquete onde viaja, o «Ankara») à gare marítima da Rocha Conde de Óbidos.

A ideia partiu do Clube de Imprensa da Turquia, na sequência de realizações semelhantes concebidas por entidades do Turismo de outros países.

Quanto ao «Ankara», que transporta 356 passageiros e desembarcou três em Lisboa, será esta tarde, às 18 horas, cenário de uma recepção oferecida pelo embaixador Fikret Belbez e sua esposa.

Conferência do dr. Pierre Navet

O dr. Pierre Navet, director da N. C. R. para os assuntos de «marketing» membro do Conselho de Planeamento e da direcção para o centro da Europa, professor da Universidade de Lovaina, repete hoje, pela segunda e última vez, no Hotel Ritz, e por solicitação das direcções de algumas das mais importantes empresas com sede em Lisboa, a sua conferência subordinada ao título «O computador — instrumento de gestão».

acordos luso-brasileiros, o encontro anual, bilateral, entre os ministros das Relações Exteriores do Brasil e o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal.

No encontro — o terceiro que se efectua —, em que são debatidos problemas políticos de ordem geral, que interessam aos dois países e à comunidade luso-brasileira —, participaram, além do chanceler Magalhães Pinto e do ministro Franco Nogueira, as mesmas individualidades que estiveram presentes à sessão anterior.

Quanto aos membros da Comissão Económica Luso-Brasileira visitaram esta manhã a Lisnave e à tarde prosseguiram a sua reunião de trabalho. Amanhã haverá reuniões de trabalho de manhã e à tarde (que serão provavelmente as últimas), efectuando-se ainda no Hotel Ritz, um almoço oferecido pela delegação brasileira.

PROTECÇÃO AO FORTE DE S. JULIÃO DA BARRA

Um decreto hoje publicado no «Diário do Governo» define as áreas dos terrenos de protecção ao forte de S. Julião da Barra, como tal sujeitos a servidão militar.

MÚSICA PORTUGUESA NA ESTUFA FRIA

Prossegue esta noite, na Estufa Fria, com organização da artista Nina Marques Pereira, o II Festival de Música Portuguesa, promovido pela Câmara Municipal, com vista à divulgação de peças de autores nacionais que se distinguiram e distinguem pelo valor das suas obras. Colabora a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Silva Pereira, que executará o seguinte programa: «Amor Indústrioso», de João de Sousa Carvalho, na versão de Fernando Costa; «Pequena Suíte», de António Fragoso, na versão de Joly Braga Santos; poema heróico «Nun'Álvares», de Rui Coelho, este dirigido pelo autor. A segunda parte será inteiramente dedicada à sinfonia «A Pátria», de mestre Viana da Mota.

A distribuição gratuita de lugares faz-se das 18 às 20 horas na bilheteira dos Restauradores.

O velho forte marca a entrada da barra do Tejo, de que era a principal defesa até que a evolução da arte da guerra o foi ultrapassando. Serviu depois de prisão política, durante muitos anos; Gomes Freire lá esteve detido e muitos outros militares e políticos.

Ao ser traçada a marginal, o forte de S. Julião foi remodelado interiormente e serve hoje para as recepções oferecidas pelos departamentos da Defesa Nacional a grandes personalidades que nos visitam. Ainda há dias lá se efectuou um banquete oferecido à missão brasileira ora entre nós.

O Ministro da Justiça partiu para os Açores

Acompanhado por alguns altos funcionários do seu Ministério, partiu, hoje, para os Açores, em visita oficial, o ministro da Justiça, prof. Almeida Costa, a fim de presidir, no próximo dia 8, à inauguração do novo edifício do Tribunal de Ponta Delgada e de se inteirar directamente dos problemas dos serviços dependentes do seu departamento.



ORDEM
DOS ADVOGADOS
CONSELHO DISTRITAL
DE LISBOA
EDITAL

JOSÉ MANUEL DA SILVA RAMOS, Presidente do Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados.

FAÇO SABER, nos termos do disposto no n.º 3 do artigo 658.º do Estatuto Judiciário, que, por acórdão proferido pelo Conselho Superior no processo disciplinar n.º 2507, instaurado por participação de António Batista Parra, foi aplicada ao Dr. Elmano Neves da Costa Campos a pena de censura com publicidade, perda de honorários e restituição da quantia de 2700\$00 ao participante, por infracção dos artigos 570.º, 574.º e alíneas g), última parte, e 580.º alíneas c) e f), do mesmo diploma legal.

Lisboa, 1 de Julho de 1968.

O PRESIDENTE

(José Manuel da Silva Ramos)



Liberdade Marques
Lima Pimenta

MISSA DO 7.º DIA

Esposo, filha, filhos, genro, noras e netos, participam que amanhã dia 5, pelas 9.30 horas, será rezada missa na Igreja de S. Vicente de Fora pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

P. N. A. M.

Entregues prémios na Universidade de Lisboa a alunos de Farmácia e Direito

Na Reitoria da Universidade de Lisboa efectuou-se hoje, de manhã, uma sessão para distribuição dos prémios escolares «Carlos José Silva Ferrer de Moncada», da Faculdade de Direito, e «Jaime José da Costa», «Fernando Tavares Cardoso de Carvalho» e «José Agostinho Pereira e Sousa», da Escola Superior de Farmácia.

A cerimónia começou às 11 horas, sob a presidência do sr. prof. dr. José Sarmento, reitor da Universidade de Lisboa, tendo à direita o sr. prof. dr. Palma Carlos, director

da Faculdade de Direito, e à esquerda o sr. prof. dr. Albano Pereira, director da Escola Superior de Farmácia.

O sr. prof. dr. José Sarmento Vasconcelos e Costa, ao abrir a sessão, disse:

«Encontramo-nos aqui reunidos para proceder à distribuição de prémios que por motivos inerentes a determinadas formalidades não puderam ser entregues o ano passado, na sessão solene de abertura de trabalhos escolares.

É-me sempre muito grato premiar aqueles que pelas suas qualidades de trabalho bem merecem ser distinguidos. No caso presente trata-se de alunos laureados da Faculdade de Direito e Escola de Farmácia, que, pelo seu estudo perseverante e boa assimilação, mereceram os prémios que lhes vão ser atribuídos.»

Seguidamente, o sr. dr. Nuno Sampaio de Lemos, secretário-geral da Universidade de Lisboa, fez a chamada dos premiados. Foram entregues os prémios «Carlos José Silva Ferrer de Moncada» atribuídos aos alunos da Faculdade de Direito, srs. Aristides Alegre Vieira Gonçalves, Manuel Jorge Fonseca de Magalhães e Silva, Miguel Teixeira da Costa Andrade, Vítor Eduardo Rodrigues de Carvalho, António Fernando Vitória da Silva, Carlos Alberto de Andrade Bettencourt de Faria, Jorge Manuel de Azevedo e Luís da Silva Lago. O aluno Jorge Manuel de Oliveira e Sousa não recebeu o prémio por não ter podido comparecer. Os prémios «Nunes Jaime José da Costa», «Fernando Tavares Cardoso de Carvalho» e «José Agostinho Pereira e Sousa», destinados aos alunos da Escola Superior de Farmácia, não foram distribuídos por falta dos alunos premiados.

Um oficial do Exército prendeu um serralheiro que tentava roubar o seu automóvel

Hoje, às 4 e 15, o tenente-coronel do Exército António Soares Tavares da Costa, morador na Rua do Conde das Antas, 25, 2.º andar, surpreendeu e prendeu um indivíduo quando este pretendia roubar o seu automóvel, tentando abri-lo, com o emprego de um ferreiro.

Chamou o guarda n.º 3111, da 21.ª esquadra da P. S. P., em Campolide, a quem confiou o preso.

Verificou-se que este era Vítor Manuel Rocha Landria, de 33 anos, casado, serralheiro de cunhas e cortantes, natural de Lisboa e residente no Casal Ventoso de Baixo, 103, letra A. Declarou que, como há um mês não tem trabalho, tem vindo a viver de furtos de automóveis, sendo acompanhado nalguns deles, por um rapaz que frequenta o Bairro Alto, chamado José Luís.

LISBOA VAI VÊ-LAS ... A JOGAR FUTEBOL



«Bodas de Fígaro» no Trindade

É hoje, às 21 e 30, no Trindade, o quarto espectáculo do grande êxito «Bodas de Fígaro», de Mozart, realização, unanimemente elogiada pela Crítica e um dos maiores sucessos da Companhia Portuguesa de Ópera da F. N. A. T. No protagonista tem uma grande criação o ilustre artista Álvaro Malta, que em 1968 reapareceu após dois anos de permanência no Ultramar, cumprindo obrigações militares, e que todas as noites é muito ovacionado nas principais áreas do seu papel. Direcção musical do maestro Manuel Ivo Cruz e encenação de Álvaro Benamor. Guarda-roupa confeccionado especialmente para esta ópera por Anahory, sobre figurinos de José Barbosa. Cenários do prof. Alfredo Furiga. Colaboração da Orquestra de Ópera da Emissora Nacional e do Coro do Teatro Nacional de S. Carlos. Bailados sob a direcção de Anna Mascoco, com a participação de elementos do seu Estúdio-Escola de Dança Clássica e de Manuela Valadas.

As insígnias dos membros do Conselho Ultramarino

No «Diário do Governo» de hoje vem uma portaria do ministro do Ultramar em que se determinam quais as insígnias que os membros do Conselho Ultramarino passarão a usar nos actos públicos.

Na portaria se diz que foi por proposta do próprio Conselho Ultramarino que se tomou a decisão de criar essas insígnias.

As insígnias constam de medalha oval, tendo no anverso as armas de D. João IV e no reverso a denominação «Conselho Ultramarino». Essa medalha ficará suspensa de um colar, com escudetes e os braços de cada uma das províncias ultramarinas.

O colar será usado pelos membros do Conselho Ultramarino sobre a farda ou uniforme, sobre a beca, ou sobre o traje civil de cor escura.

OS JOGOS DESPORTIVOS DA F. I. S. E. C. DISPUTAM-SE DE 6 A 12 DE AGOSTO

Realizou-se esta manhã, no Palácio da Independência, uma reunião com os representantes dos órgãos de informação, a que presidiu o comissário nacional da Mocidade Portuguesa, tenente-coronel Carlos da Costa Gomes Bessa, durante a qual foram prestados esclarecimentos relativos à efectivação dos XX Jogos Desportivos da F. I. S. E. C., que este ano decorrerão no nosso País, de 6 a 12 do próximo mês.

Depois do tenente-coronel Gomes Bessa ter agradecido a presença dos jornalistas, explicou, a seguir, o que era e representava a F. I. S. E. C. e da importância dos jogos que, pela terceira vez, se realizam em Portugal. Falou depois o padre dr. António Alves de Campos que teve vários considerandos, a propósito da influência do desporto nas massas juvenis e acentuou a grande importância das jornadas de estudo englobadas nos Jogos e estudos relativos à divulgação da ética desportiva.

Por fim o prof. Eduardo Trigo focou alguns problemas de natureza desportiva, prestando diversos esclarecimentos quanto à constituição da representação nacional nas diferentes modalidades.

Os jornalistas foram ainda informados que devido à falta de concorrentes em número regulamentar, os Jogos não incluirão competições de vela. Nas restantes modalidades as equipas nacionais serão seleccionadas: andebol, Angelo Pintado; atletismo, Fonseca e Costa; basquetebol, Jorge Araújo; voleibol, Nuno Barros; ténis, eng.º Pedro de Vasconcelos; natação, José Sacadura, e esgrima, Domingos Romão.

A Comissão Organizadora dos Jogos é constituída pelo tenente-coronel Gomes Bessa, pelo padre dr. António Alves de Campos e pelo prof. Eduardo Trigo, e será empossada amanhã, pelas 18 e 30 horas.

MEDIDAS DISCIPLINARES NO DESPORTO SOVIÉTICO

MOSCOVO, 4 — O «Proesidium da Comissão Central dos Organismos Desportivos da União Soviética» afastou vários desportistas por «violação dos princípios morais e da ética do desporto».

Foi proposta a expulsão de quatro jogadores das equipas nacionais, a repreensão de outros jogadores e treinadores e a abolição de títulos honoríficos que haviam sido concedidos a outros dois jogadores.

Estas recomendações apresentadas às federações nacionais das diversas modalidades serão sem dúvida satisfeitas.

Os jogadores e treinadores são acusados de grande número de infrações, desde a falta de respeito pelos árbitros até à embriaguez e ao contrabando de artigos, nas deslocações ao estrangeiro.

A decisão mais controversa foi retirar o «mérito» Josef Sabo (do Dynamo de Kiev) da selecção nacional — o que realmente tinha já acontecido e despoja-lo do título de «mestre honorário do desporto» da U. R. S. S.

Na Ucrânia, a Imprensa e os adeptos do jogador — que se referiam a Sabo como um «enfant terrible» — já protestaram contra as acusações de que foi alvo em Moscovo.

O «Konsomolskaya Pravda» (orgão da juventude comunista) fez-se eco das críticas a Sabo e a outros jogadores, num longo artigo publicado há uma semana, no qual se afirmava que o jogador tinha «longo cadastro — tal vez o maior de todos — por incorrecção, alterações com árbitros e jogo duro».

A Organização Central dos Desportos recomendou, por seu turno, a expulsão de F. Pankratov, da selecção nacional de atletismo, do mergulhador M. Safonov e do antigo campeão mundial de halterofilia A. Vakhonine.

Safonov fora também acusado de embriaguez pelo órgão da juventude e Vakhonine poderá também vir a ser despojado do título de «mestre do desporto».

O futuro de V. Muratov, como treinador nacional de ginástica dos

seniores, será também discutido pela Organização Central do Desporto russo. É segundo o «Konsomolskaya Pravda», Muratov «permite-se aparecer nos seus companheiros da equipa em completo estado de embriaguez».

O treinador de patinagem artística da equipa nacional Stanislav Zhuk, foi oficialmente admoestado por «falta de correcção e de firmeza de carácter» — e o halterofilista Chetiv por «violação da ética desportiva».

O jornal criticou ainda a equipa masculina de basquetebol de Riga e o treinador-senior Altberg, por pretensa violação das leis antifandegárias, visto que numa recente deslocação ao estrangeiro, todos introduziram clandestinamente no país, grandes quantidades de peças de vestuário, que depois venderam.

Esta «limpeza» entre as figuras mais destacadas do desporto russo é a primeira medida de grande envergadura deste género desde que tomou posse o novo Presidente Nacional — equivalente a Ministro dos Desportos — Sergei Pavlov, que por seu turno foi anulado do importante cargo político de dirigente nacional da Juventude, «Komsomol», para passar a dirigir o desporto soviético.

OS MODELOS PROFISSIONAIS

(Continuação da pág. 9)

soa e torna-a mais airosa.

Depois, confessa-nos:

— Se puder serei só modelo, deixando de fazer qualquer espécie de publicidade. Penso que para ser um bom modelo é necessário ter personalidade e não aceitar qualquer trabalho só para obter uma recompensa pecuniária. E eu já

recusei mais do que um contrato.

● Um estilo moderno

E continuou: — Sou muito vaidosa, embora só superficialmente, e gosto de vestir bem. Sigo as linhas gerais da moda, mas dentro dela agrada-me variar e, até, desenhar os meus próprios vestidos. E prefiro as coisas extravagantes. Porém, em Portugal é muito difícil usá-las, pois dá-se mu-

to nas vistas e surgem logo as críticas. Aqui até uma mini-saia, mini-saia mesmo, provoca logo comentários... No outro extremo, agrada-me muito o vestido comprido, mas é raro haver oportunidades para o usar.

— Fica triste quando gosta de um vestido que não pode comprar?

— Tenho, realmente, pena mas não me sinto frustrada.

E Maria de Deus, com os seus grandes olhos escuros a irradiar uma beleza de que não está ausente uma certa ingenua agressividade e uma grande confiança em si e no seu futuro, ainda nos disse, entre outras coisas, antes de terminar:

— Nas passagens prefiro vestir o que é moderno, de estilo mexido, talvez pudesse dizer-se

— de «teen-ager». Tenho um tipo de andar solto que não dá para os modelos clássicos, mas para os de hoje, para fatos desportivos, desfiles com ritmo.

E — diria o poeta, alterando algumas palavras — «seguiu o seu caminho / porque era um deus que passava: / alheia a tudo que havia / enleada na melodia / da flauta que tocava».

Os exames dos ensinos liceal e técnico

Ensino técnico profissional

CURSOS DE FORMAÇÃO INDUSTRIAL

Elementos de Física e Química

Leia os enunciados com cuidado, pense com calma, responda no menor número possível de palavras, procurando do mesmo modo justificar a resposta dada; responda primeiro ao que se lhe afigure mais fácil e só depois trate do que lhe pareça difícil. Assim poderá mostrar o que sabe e obter uma boa classificação.

1) Qual são a direcção e o sentido da resultante das forças de pressão exercidas por um líquido sobre um corpo imerso nesse líquido?

2) Justifique convenientemente porque é que, num sistema de travão hidráulico de um veículo automóvel (e tal sistema funciona semelhante ao de uma prensa hidráulica), a pressão transmitida à maxila do travão (órgão de travagem que recebe a pressão hidráulica), é igual à gerada pelo pedal do travão (órgão de comando do sistema).

3) Qual é o nome dos aparelhos que servem para medir o valor da pressão atmosférica?

4) Uma dada massa de gás ocupa o volume de 10 litros sob certa pressão. Conseguiu-se, sem variação de temperatura, que a pressão passasse a ser quatro vezes maior. Que volume ocupará então o gás?

1) Qual é a substância termométrica usualmente utilizada em termómetros cujo alcance é de -10°C a $+110^{\circ}\text{C}$? Porquê?

2) Indique uma unidade e defina-a, para exprimir quantidade de calor.

3) É possível levar o vapor do enxofre, por arrefecimento brusco, ao estado sólido, sem passar pelo estado líquido (obtem-se a chamada flor de enxofre). Como se chama a mudança de estado físico que então se dá?

4) Que entende por equivalente mecânico da calor?

5) Qual é o poder calorífico de um gás combustível que liberta 24 quilocalorias na combustão completa de 2 litros (medido nas condições normais de pressão e temperatura)?

1) Como se designa o fenómeno em que a luz ao encontrar a superfície de separação de dois meios ópticos, continua a propagar-se no meio inicial?

2) Qual é a razão fundamental que torna impossível receber num alvo uma imagem virtual?

3) Mostre de que tipo (convergente, ou divergente) é uma lente biconcava (no caso usual de lente ser de vidro, mergulhada no ar).

4) Mostre, com um esboço desenhado apropriado, que a imagem de um objecto luminoso dada por um espelho esférico convexo é sempre reduzida e virtual.

1) Para se obter hidrogénio no laboratório, utilizou-se a reacção a frio do ácido clorídrico sobre o zinco. Que outra substância, além do hidrogénio resultou dessa reacção?

2) Na electrólise industrial da água, obtiveram-se 100 m³ de hidrogénio. Que volume de oxigénio,

medido nas mesmas condições, se obteve simultaneamente?

3) O composto gasoso de fórmula molecular H₂S (ou SH₂) é mais ou menos denso do que o ar? (pesos atómicos: H=1 e S=32).

4) Os hidróxidos metálicos solúveis em água dão soluções com propriedades básicas. Qual é o radical químico responsável por esse comportamento?

5) Escreva a equação química que traduz a caustificação do carbonato de sódio e indique o processo moderno para o fabrico industrial do mesmo produto final.

6) Escreva os nomes dos compostos que correspondem às fórmulas seguintes:

- H₂O (ou OH₂)
- HC (ou ClH)
- Al₂(SO₄)₃ ou (SO₄)₃Al₂
- AgNO₃ (ou NO₃Ag)

7) Indique a composição qualitativa do latão vulgar.

8) Que aplicações nos sais de prata conhece?

9) Em que processo industrial aparece a glicerina como subproduto de um fabrico de grande importância?

(Só para os cursos de Serralheiro, Montador electricista, Electromecânico e Técnico de tecelagem)

1) Como se chama a grandeza que tem valor constante durante um movimento uniformemente acelerado?

2) Explique em poucas palavras, porque tem de ser sempre, numa alavanca interpotente em equilíbrio a potência maior do que a resistência?

3) Uma vagoneta desliza num troço horizontal do respectivo carril e, nestas condições a força da gravidade não produz nem absorve trabalho. Qual é a característica da força da gravidade que justifica a verdade da afirmação anterior?

4) Explique em poucas palavras, o que se deve entender pela unidade de trabalho designada por cavalo-vapor-hora.

5) Uma máquina ideal, de rendimento 100%, recebe 140 kgm de trabalho motor. Quanto vale o deslocamento da resistência vencida de 20 kg (deslocamento esse que se faz na direcção da resistência)?

(Só para os cursos não indicados no grupo de perguntas anterior)

1) Um material bom condutor da electricidade, como o alumínio tem uma resistividade relativamente elevada ou diminuta?

2) Um voltímetro liga-se em derivação para saber a tensão entre dois pontos de um circuito, como sabe. A resistência interna do aparelho tem de ser elevada ou baixa para funcionamento satisfatório?

3) Que entende por corrente eléctrica alternada (ou alterna)?

4) Que grandeza eléctrica se exprime em farads?

5) Qual é o custo do aquecimento fornecido por um radiador eléctrico com a potência de 2 kW, durante 5 horas, num local onde o quilowatt-hora custa \$50?

SOLUÇÃO

1) A direcção é a vertical, com sentido de baixo para cima.

2) O esforço de pressão transmite-se integralmente: $\frac{P}{S} = \frac{p}{s}$ (Princípio de Pascal).

3) Barómetros.

4) $\frac{V}{V'} = \frac{P}{P'}$ os volumes são inversamente proporcionais às pressões, em igualdade de temperatura.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{140 \times 20}{5} = 560 \text{ kgm/s} = 5,6 \text{ CV}$

6) 1) O mercúrio, porque os seus pontos de congelação (-29°C) e ebulição (200°C) estão suficientemente distanciados do alcance mencionado, ocasionando dilatações sensíveis e regulares.

2) Caloria a quantidade de calor necessária para elevar de 1°C a temperatura de uma unidade de massa de água líquida e pura.

3) Sublimação.

4) É a quantidade de energia mecânica correspondente à transformação de 1 caloria em trabalho.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{24 \text{ kcal}}{0,002 \text{ m}^3} = 12.000 \text{ kcal/m}^3$

1) Reflexão total

2) As imagens virtuais correspondem a fontes luminosas aparentes.

medido nas mesmas condições, se obteve simultaneamente?

3) O composto gasoso de fórmula molecular H₂S (ou SH₂) é mais ou menos denso do que o ar? (pesos atómicos: H=1 e S=32).

4) Os hidróxidos metálicos solúveis em água dão soluções com propriedades básicas. Qual é o radical químico responsável por esse comportamento?

5) Escreva a equação química que traduz a caustificação do carbonato de sódio e indique o processo moderno para o fabrico industrial do mesmo produto final.

6) Escreva os nomes dos compostos que correspondem às fórmulas seguintes:

- H₂O (ou OH₂)
- HC (ou ClH)
- Al₂(SO₄)₃ ou (SO₄)₃Al₂
- AgNO₃ (ou NO₃Ag)

7) Indique a composição qualitativa do latão vulgar.

8) Que aplicações nos sais de prata conhece?

9) Em que processo industrial aparece a glicerina como subproduto de um fabrico de grande importância?

(Só para os cursos de Serralheiro, Montador electricista, Electromecânico e Técnico de tecelagem)

1) Como se chama a grandeza que tem valor constante durante um movimento uniformemente acelerado?

2) Explique em poucas palavras, porque tem de ser sempre, numa alavanca interpotente em equilíbrio a potência maior do que a resistência?

3) Uma vagoneta desliza num troço horizontal do respectivo carril e, nestas condições a força da gravidade não produz nem absorve trabalho. Qual é a característica da força da gravidade que justifica a verdade da afirmação anterior?

4) Explique em poucas palavras, o que se deve entender pela unidade de trabalho designada por cavalo-vapor-hora.

5) Uma máquina ideal, de rendimento 100%, recebe 140 kgm de trabalho motor. Quanto vale o deslocamento da resistência vencida de 20 kg (deslocamento esse que se faz na direcção da resistência)?

(Só para os cursos não indicados no grupo de perguntas anterior)

1) Um material bom condutor da electricidade, como o alumínio tem uma resistividade relativamente elevada ou diminuta?

2) Um voltímetro liga-se em derivação para saber a tensão entre dois pontos de um circuito, como sabe. A resistência interna do aparelho tem de ser elevada ou baixa para funcionamento satisfatório?

3) Que entende por corrente eléctrica alternada (ou alterna)?

4) Que grandeza eléctrica se exprime em farads?

5) Qual é o custo do aquecimento fornecido por um radiador eléctrico com a potência de 2 kW, durante 5 horas, num local onde o quilowatt-hora custa \$50?

SOLUÇÃO

1) A direcção é a vertical, com sentido de baixo para cima.

2) O esforço de pressão transmite-se integralmente: $\frac{P}{S} = \frac{p}{s}$ (Princípio de Pascal).

3) Barómetros.

4) $\frac{V}{V'} = \frac{P}{P'}$ os volumes são inversamente proporcionais às pressões, em igualdade de temperatura.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{140 \times 20}{5} = 560 \text{ kgm/s} = 5,6 \text{ CV}$

6) 1) O mercúrio, porque os seus pontos de congelação (-29°C) e ebulição (200°C) estão suficientemente distanciados do alcance mencionado, ocasionando dilatações sensíveis e regulares.

2) Caloria a quantidade de calor necessária para elevar de 1°C a temperatura de uma unidade de massa de água líquida e pura.

3) Sublimação.

4) É a quantidade de energia mecânica correspondente à transformação de 1 caloria em trabalho.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{24 \text{ kcal}}{0,002 \text{ m}^3} = 12.000 \text{ kcal/m}^3$

1) Reflexão total

2) As imagens virtuais correspondem a fontes luminosas aparentes.

medido nas mesmas condições, se obteve simultaneamente?

3) O composto gasoso de fórmula molecular H₂S (ou SH₂) é mais ou menos denso do que o ar? (pesos atómicos: H=1 e S=32).

4) Os hidróxidos metálicos solúveis em água dão soluções com propriedades básicas. Qual é o radical químico responsável por esse comportamento?

5) Escreva a equação química que traduz a caustificação do carbonato de sódio e indique o processo moderno para o fabrico industrial do mesmo produto final.

6) Escreva os nomes dos compostos que correspondem às fórmulas seguintes:

- H₂O (ou OH₂)
- HC (ou ClH)
- Al₂(SO₄)₃ ou (SO₄)₃Al₂
- AgNO₃ (ou NO₃Ag)

7) Indique a composição qualitativa do latão vulgar.

8) Que aplicações nos sais de prata conhece?

9) Em que processo industrial aparece a glicerina como subproduto de um fabrico de grande importância?

(Só para os cursos de Serralheiro, Montador electricista, Electromecânico e Técnico de tecelagem)

1) Como se chama a grandeza que tem valor constante durante um movimento uniformemente acelerado?

2) Explique em poucas palavras, porque tem de ser sempre, numa alavanca interpotente em equilíbrio a potência maior do que a resistência?

3) Uma vagoneta desliza num troço horizontal do respectivo carril e, nestas condições a força da gravidade não produz nem absorve trabalho. Qual é a característica da força da gravidade que justifica a verdade da afirmação anterior?

4) Explique em poucas palavras, o que se deve entender pela unidade de trabalho designada por cavalo-vapor-hora.

5) Uma máquina ideal, de rendimento 100%, recebe 140 kgm de trabalho motor. Quanto vale o deslocamento da resistência vencida de 20 kg (deslocamento esse que se faz na direcção da resistência)?

(Só para os cursos não indicados no grupo de perguntas anterior)

1) Um material bom condutor da electricidade, como o alumínio tem uma resistividade relativamente elevada ou diminuta?

2) Um voltímetro liga-se em derivação para saber a tensão entre dois pontos de um circuito, como sabe. A resistência interna do aparelho tem de ser elevada ou baixa para funcionamento satisfatório?

3) Que entende por corrente eléctrica alternada (ou alterna)?

4) Que grandeza eléctrica se exprime em farads?

5) Qual é o custo do aquecimento fornecido por um radiador eléctrico com a potência de 2 kW, durante 5 horas, num local onde o quilowatt-hora custa \$50?

SOLUÇÃO

1) A direcção é a vertical, com sentido de baixo para cima.

2) O esforço de pressão transmite-se integralmente: $\frac{P}{S} = \frac{p}{s}$ (Princípio de Pascal).

3) Barómetros.

4) $\frac{V}{V'} = \frac{P}{P'}$ os volumes são inversamente proporcionais às pressões, em igualdade de temperatura.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{140 \times 20}{5} = 560 \text{ kgm/s} = 5,6 \text{ CV}$

6) 1) O mercúrio, porque os seus pontos de congelação (-29°C) e ebulição (200°C) estão suficientemente distanciados do alcance mencionado, ocasionando dilatações sensíveis e regulares.

2) Caloria a quantidade de calor necessária para elevar de 1°C a temperatura de uma unidade de massa de água líquida e pura.

3) Sublimação.

4) É a quantidade de energia mecânica correspondente à transformação de 1 caloria em trabalho.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{24 \text{ kcal}}{0,002 \text{ m}^3} = 12.000 \text{ kcal/m}^3$

1) Reflexão total

2) As imagens virtuais correspondem a fontes luminosas aparentes.

medido nas mesmas condições, se obteve simultaneamente?

3) O composto gasoso de fórmula molecular H₂S (ou SH₂) é mais ou menos denso do que o ar? (pesos atómicos: H=1 e S=32).

4) Os hidróxidos metálicos solúveis em água dão soluções com propriedades básicas. Qual é o radical químico responsável por esse comportamento?

5) Escreva a equação química que traduz a caustificação do carbonato de sódio e indique o processo moderno para o fabrico industrial do mesmo produto final.

6) Escreva os nomes dos compostos que correspondem às fórmulas seguintes:

- H₂O (ou OH₂)
- HC (ou ClH)
- Al₂(SO₄)₃ ou (SO₄)₃Al₂
- AgNO₃ (ou NO₃Ag)

7) Indique a composição qualitativa do latão vulgar.

8) Que aplicações nos sais de prata conhece?

9) Em que processo industrial aparece a glicerina como subproduto de um fabrico de grande importância?

(Só para os cursos de Serralheiro, Montador electricista, Electromecânico e Técnico de tecelagem)

1) Como se chama a grandeza que tem valor constante durante um movimento uniformemente acelerado?

2) Explique em poucas palavras, porque tem de ser sempre, numa alavanca interpotente em equilíbrio a potência maior do que a resistência?

3) Uma vagoneta desliza num troço horizontal do respectivo carril e, nestas condições a força da gravidade não produz nem absorve trabalho. Qual é a característica da força da gravidade que justifica a verdade da afirmação anterior?

4) Explique em poucas palavras, o que se deve entender pela unidade de trabalho designada por cavalo-vapor-hora.

5) Uma máquina ideal, de rendimento 100%, recebe 140 kgm de trabalho motor. Quanto vale o deslocamento da resistência vencida de 20 kg (deslocamento esse que se faz na direcção da resistência)?

(Só para os cursos não indicados no grupo de perguntas anterior)

1) Um material bom condutor da electricidade, como o alumínio tem uma resistividade relativamente elevada ou diminuta?

2) Um voltímetro liga-se em derivação para saber a tensão entre dois pontos de um circuito, como sabe. A resistência interna do aparelho tem de ser elevada ou baixa para funcionamento satisfatório?

3) Que entende por corrente eléctrica alternada (ou alterna)?

4) Que grandeza eléctrica se exprime em farads?

5) Qual é o custo do aquecimento fornecido por um radiador eléctrico com a potência de 2 kW, durante 5 horas, num local onde o quilowatt-hora custa \$50?

SOLUÇÃO

1) A direcção é a vertical, com sentido de baixo para cima.

2) O esforço de pressão transmite-se integralmente: $\frac{P}{S} = \frac{p}{s}$ (Princípio de Pascal).

3) Barómetros.

4) $\frac{V}{V'} = \frac{P}{P'}$ os volumes são inversamente proporcionais às pressões, em igualdade de temperatura.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{140 \times 20}{5} = 560 \text{ kgm/s} = 5,6 \text{ CV}$

6) 1) O mercúrio, porque os seus pontos de congelação (-29°C) e ebulição (200°C) estão suficientemente distanciados do alcance mencionado, ocasionando dilatações sensíveis e regulares.

2) Caloria a quantidade de calor necessária para elevar de 1°C a temperatura de uma unidade de massa de água líquida e pura.

3) Sublimação.

4) É a quantidade de energia mecânica correspondente à transformação de 1 caloria em trabalho.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{24 \text{ kcal}}{0,002 \text{ m}^3} = 12.000 \text{ kcal/m}^3$

1) Reflexão total

2) As imagens virtuais correspondem a fontes luminosas aparentes.

3) Sublimação.

4) É a quantidade de energia mecânica correspondente à transformação de 1 caloria em trabalho.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{24 \text{ kcal}}{0,002 \text{ m}^3} = 12.000 \text{ kcal/m}^3$

1) Reflexão total

2) As imagens virtuais correspondem a fontes luminosas aparentes.

3) Sublimação.

4) É a quantidade de energia mecânica correspondente à transformação de 1 caloria em trabalho.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{24 \text{ kcal}}{0,002 \text{ m}^3} = 12.000 \text{ kcal/m}^3$

1) Reflexão total

2) As imagens virtuais correspondem a fontes luminosas aparentes.

3) Sublimação.

4) É a quantidade de energia mecânica correspondente à transformação de 1 caloria em trabalho.

5) $P = \frac{W}{t} = \frac{24 \text{ kcal}}{0,002 \text{ m}^3} = 12.000 \text{ kcal/m}^3$

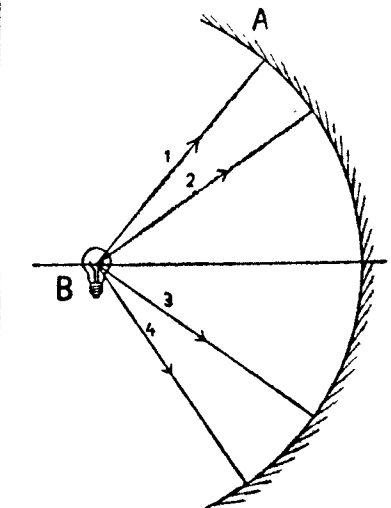


Fig. 3

b) Enuncie as leis da reflexão.

IV

Um ciclista animado de movimento uniforme percorre 30 km em 90 minutos.

a) Como caracteriza o movimento uniforme?

b) Determine o valor da grandeza que permanece constante no exemplo dado.

V

As fontes luminosas dos faróis das bicicletas são, geralmente, lâmpadas eléctricas.

a) Se o filamento tiver uma resistência de 4 Ohms e for aplicada nos seus terminais uma tensão de 2 volts, qual será a intensidade da corrente que o percorre?

b) Que entende por intensidade de uma corrente eléctrica?

VI

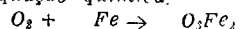
Se deixar cair ácido sulfúrico diluído sobre a chapa de zinco do guarda-lamas da sua bicicleta, ele ficará inevitavelmente corroído.

a) Escreva a equação química que traduz o fenómeno e diga o nome dos produtos de reacção.

b) Caracterize os ácidos pelas suas propriedades e indique os elementos que os constituem.

VII

A equação química,



traduz incorrectamente o fenómeno da formação da ferrugem que, às vezes, aparece nas bicicletas, devido ao contacto destas com o ar húmido.

Os exames dos ensinos liceal e técnico

(Continuação da página anterior)

constituição e escreva o nome de dois hidrocarbonetos, sendo um da série forménica e outro da série aceténica.

b) Escreva a fórmula de constituição e o nome do álcool derivado do hidrocarboneto da série forménica apresentado na alínea anterior.

IX

Para lubrificar a bicicleta, também poderia recorrer a óleos animais e vegetais, que são misturas de glicéridos.

a) Que são glicéridos?

b) Escreva o nome dos produtos da reacção:

Ácido palmítico + glicerina

X

A borracha natural, de que são feitos os pneus das bicicletas, extrai-se da seiva de uma árvore (seringueira), que se desenvolve com facilidade nos terrenos sedimentares das florestas amazónicas.

a) Que espécie de seiva conhece?

b) Mencione o nome de uma rocha sedimentar.

SOLUÇÃO

I

a) Alavanca inter-resistente. Porque tem o ponto de aplicação da resistência entre o fulcro e o ponto de aplicação da potência.

b) Como

$$P = \frac{b}{R} \cdot \frac{R}{p}$$

vibra

$$\frac{5}{R} = \frac{10}{20}$$

e portanto

$$R = 10 \text{ hg}$$

II

a) É a resistência ao movimento que sofrem os corpos materiais quando se movem em contacto com outros.

b) Antes de actuarem os travões, o atrito é de rolamento; depois o atrito é de escorregamento.

c) Como

$$\frac{P}{P'} = \frac{1 + \beta t}{1 + \beta t'}$$

teremos, visto que $P = 4$ atmosferas $P' = 4,4$ atmosferas.

$$\frac{4}{4,4} = \frac{1}{1 + \frac{1}{273} \cdot t}$$

ou

$$\frac{4}{4,4} = \frac{273}{273 + t}$$

e

$$1092 + 4t = 1201,2$$

e determinando o valor de t :

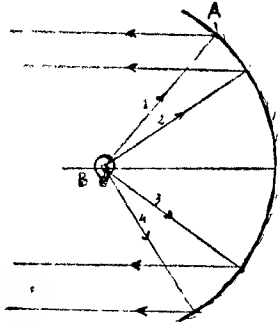
$$t = \frac{109,2}{4}$$

ou, finalmente

$$t = 27,3^\circ \text{C}$$

III

a)



Os raios reflectidos serão paralelos ao eixo principal do espelho porque todo o raio incidente que passa pelo foco reflecte-se paralelamente ao eixo principal.

1.º O raio incidente, a normal e o raio reflectido estão no mesmo plano.

2.º O ângulo de incidência é igual ao ângulo de reflexão.

IV

a) No movimento uniforme o móvel percorre espaços iguais em intervalos de tempo iguais.

b) Como $90 \text{ min} = 1,5 \text{ h}$, será

$$\frac{30 \text{ km}}{1,5 \text{ h}}$$

$$= 20 \text{ km/h}$$

A grandeza que permanece constante é a velocidade que é, neste caso, 20 km/h .

a) Como $R = 1 \text{ ohms}$ e $V - V' = 2 \text{ volts}$

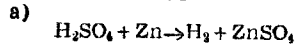
$$I = \frac{V - V'}{R}$$

$$I = \frac{2}{4}$$

$$I = 0,5 \text{ amperes}$$

b) É a quantidade de electricidade que passa por segundo numa secção de circuito.

VI

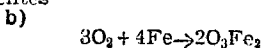


Os produtos da reacção são hidrogénio (H_2) e sulfato de zinco (ZnSO_4).

b) São compostos hidrogenados cujo hidrogénio é substituído total ou parcialmente por metais para produzir sais. Em solução aquosa têm sabor ácido e avermelham a tintura de tornesol. Reagem ainda com as bases para produzir um sal e água. Os elementos que constituem os ácidos são: não metal e hidrogénio nos ácidos hidrácidos; não metal, oxigénio e hidrogénio nos ácidos oxácidos.

VII

a) Porque a massa do composto formado não é, no caso presente, igual à soma das massas dos reagentes



c) É o hidróxido de ferro.

d) Ter-se-á: Peso molecular

$$M = 3 \times 16 + 2 \times 56 = 48 + 112 = 160$$

Composição centesimal:

$$\frac{160 (\text{O}_3\text{Fe}_2)}{100} = \frac{48 (\text{O})}{100} \quad \frac{112 (\text{Fe})}{100} = \frac{x}{100}$$

$$\frac{4800}{160} = \frac{x}{100}$$

$$100 - 30 = 70$$

Será:

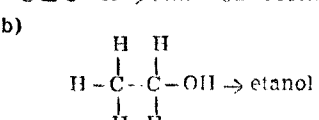
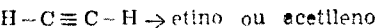
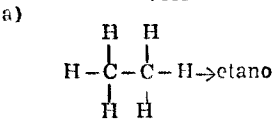
comp cent. 70% de ferro

30% de oxigénio

e) Lei de Lavoisier: A massa de um composto é igual à soma das massas dos componentes.

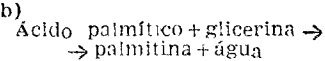
Lei de Proust: Em qualquer composto as proporções das massas dos elementos constituintes são sempre constantes.

VIII



IX

a) São ésteres derivados da glicerina e de vários ácidos orgânicos.



X

a) Seiva bruta e seiva elaborada.

b) O calcário.

COMENTÁRIO — Ponto fácil, acessível à generalidade dos examinandos suficientemente preparados.

Só nos merecem reparo as gravuras apresentadas. A primeira, a nosso ver, torna-se confusa; teria sido preferível destacar a roda pedaleira da bicicleta, de modo que mesmo os examinandos que não conheçam a sua função e funcionamento, pudessem responder sem grandes hesitações.

A segunda, porque está incorrectamente desenhada; de facto, parece ter havido a preocupação de colocar a fonte luminosa no centro de curvatura do espelho e não no foco, como se pretende no enunciado.

Acreditamos que muitos examinandos tenham resolvido a questão não pelo texto do enunciado, mas sim pelo que seus olhos viam na figura.

De resto, o ponto é equilibrado e deve ter agradado aos examinandos.

ENSINO LICEAL — 2.º CICLO

(2.ª CHAMADA)

Prova escrita de Matemática

Leva com atenção os enunciados. Indique todos os cálculos que tiver de efectuar.

1. — a) Efectue as operações seguintes e reduza os termos semelhantes. Simplifique, o mais possível o resultado.

$$2^2 \sqrt{3y} - \sqrt[3]{\sqrt{6^3 y^3}} + \frac{1}{y} \sqrt{\frac{6}{4} y^3} \quad (y > 0)$$

b) Defina potência de expoente inteiro e negativo e mostre com um exemplo que o produto de duas potências de base maior que 1, pode ser igual à unidade.

2. — a) Resolva, em ordem a x , a seguinte equação literal:

$$\frac{2x}{a} \left(\frac{1}{3} - \frac{ax}{2} \right) + \frac{1}{3a^2} = 0 \quad (a \neq 0)$$

b) Ponha em equação o problema seguinte, mas não o resolva.

Certa enciclopédia, em vários volumes, custa normalmente 2500\$00 em qualquer livraria. Mas, para a biblioteca de um Liceu, o edito vendeu cada volume por 200\$00 o que representou um desconto total equivalente ao preço normal de 2 volumes. Quantos são os volumes da enciclopédia?

3. — a) A fórmula $u = 5 - \frac{n}{10}$ estabelece uma correspondência entre o conjunto dos números naturais e o conjunto dos termos duma sucessão. Determine o número natural que corresponde ao número 3,5 do segundo conjunto.

b) Determine o termo a partir do qual todos os termos da sucessão anterior são inferiores a (-100).

4. — Observe a figura 1:

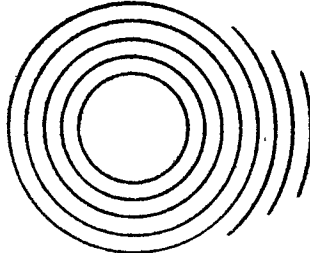


Fig. 1

a) Se continuarmos a desenhar circunferências concêntricas de modo que cada raio exceda o anterior em 2 mm, qual será o comprimento do raio da centésima circunferência, supondo que o da oitava é 2 cm?

b) Prove que os perímetros destas circunferências estão em progressão aritmética e indique a respectiva razão.

II

1. — VI é tangente, em T, à circunferência cujo diâmetro TB tem 6 cm de comprimento, e VB corta a circunferência em A, de tal modo que a corda AB subtende um arco de 60.

a) Prove que os triângulos [ABT] e [ATV] são semelhantes.

b) Determine o comprimento de VA.

c) Calcule a potência do ponto V em relação à circunferência.

d) Calcule a área do segmento circular traçado (Use $\pi = 3,14$ e $\sqrt{3} = 1,7$).

Exames para amanhã

Ensino Liceal

(5 de Julho — Sexta-feira)
2.º ciclo — 2.ª chamada

Ciências Físico-Químicas — 9 horas (90 minutos)

Desenho à vista — 11 horas (120 minutos)

Ensino Técnico

(1.ª chamada)

(Curso de Formação Feminina e Formação Comercial)

Português — 10 horas

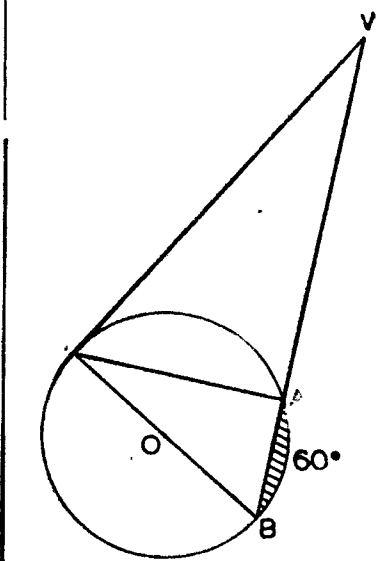


Fig. 2

2. — Observe a Fig. 3. Quando se abre (ou fecha) esta porta, a sua

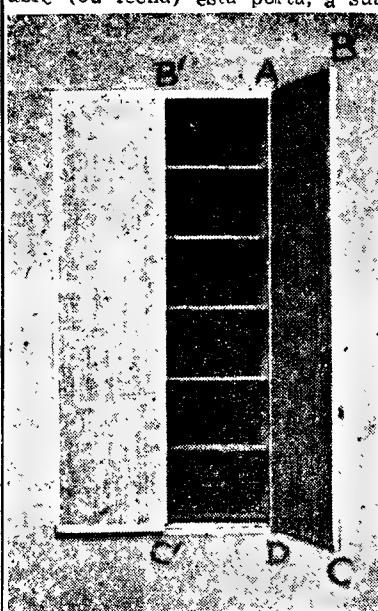


Fig. 3

face rectangular [ABCD] efectua uma rotação em torno do lado AD, fixo. Quando a porta se fecha completamente, o lado BC coincide com BC.

Sempre que a porta está aberta, o plano do rectângulo [ABCD] é: a) Perpendicular ao plano determinado pela recta CD e C'D. Justifique.

b) Paralelo a recta B'C'. Justifique.

3. — Designando por h o comprimento de AD e por a o de DC, exprima, em função de a e h , a área total do sólido gerado no espaço pelo rectângulo [ABCD] rodando em torno de AD, até dar uma volta completa.

4. — Calcule o volume da esfera inscrita num cubo cuja diagonal tem 12 cm de comprimento. (Use $\pi = 3,14$ e $\sqrt{3} = 1,7$).

Prova escrita de História

Procure responder concisamente, sem desenvolvimentos inúteis, às perguntas seguintes:

1) Dentre as religiões da chamada Antiguidade Oriental foi a re-

ligião persa a mais semelhante à hebraica.

Que motivo leva a fazer esta afirmação? Qual era o livro sagrado dos Persas?

2) Atenas, no século V a. C., teve não só a hegemonia política na Grécia mas também a espiritual. A arquitectura e a escultura, por exemplo, foram notáveis.

Qual foi o principal monumento construído na acrópole de Atenas e a quem era dedicado? Que grande escultor trabalhou nele?

3) Em Roma, os plebeus, em situação de inferioridade perante os patrícios lutaram pela igualdade. Da luta pela igualdade civil, resultou a Lei das Doze Tábuas.

Como era o direito romano antes da publicação dessa Lei? Qual a importância dela?

4) Em Portugal, nas lutas dos reis com o clero e a nobreza fizeram-se confirmações, inquirições e leis de desamortização. D. Dinis publicou algumas destas leis.

Que é que D. Dinis determinou nessas?

5) O aumento do poder temporal, perante o poder espiritual levou ao chamado «Novo Cativero de Babilónia» a que se seguiu o Grande Cisma do Ocidente.

Em que consistiram os dois acontecimentos?

6) Os registos contribuíram largamente para o desenvolvimento do poder real.

Quem eram os registos? Indique o nome de um registo português.

7) O poder da realeza tinha aumentado de tal maneira no nosso país que no reinado de D. Pedro II se reuniram as últimas Cortes antes do triunfo do liberalismo.

Qual foi o objectivo de D. Pedro II ao fazer a sua convocação?

8) Durante a Guerra dos Sete Anos, Luís XV de França propôs o Pacto de Família, em que Portugal, foi convidado a participar.

Que era o Pacto de Família e por que razão foi solicitada a intervenção portuguesa?

9) O Sacro Império Romano-Germânico, fundado na Idade Média, terminou no princípio do século XIX.

Quem pôs fim ao Sacro Império Romano-Germânico? Por quem tinha sido fundado?

10) Depois de implantada a República em Portugal foi publicada uma Constituição, a de 1911, de cuja aplicação resultou instabilidade ministerial.

Como explica essa instabilidade?

II

Escolha um só tema dos dois que se apresentam a seguir, leia o documento respectivo e desenvolva o tema escolhido de maneira que o faça o demandado, com redacção clara e respeitando a divisão das alíneas indicadas.

1.º TEMA

As principais medidas de carácter económico de D. Dinis e D. Fernando.

«D. Dinis... A quantos esta carta vim fazer saber que como os mercadores de meus reinos entendessem fazer uma postura entre si, que todas as barcas que fossem de cem toneladas acima e carregassem nos portos dos meus reinos para Flandres ou para Inglaterra ou para Normandia ou para Bretanha ou para Artois ou para outras partes de estrangeiros... E as outras barcas que forem de cem toneladas a fundo que pagassem dez soldos... E ou possin que se alguma barca for fretada dos mercadores de minha terra... paguem cada uma dessas barcas... E deste haver devem ter em Flandres esses mercadores com barcos de prata ou a vaila deles... e o outro em minha terra naquelas lugares onde eles tiverem por bem. E isto fazem esses mercadores por razão que quando alguns negócios houverem ou entenderem a haver assim em Flandres como em cada uma das outras terras que sigam seus pleitos e seus negócios e façam despesas desse haver e outrossim para aquelas cousas que eles virem que será aproveitamento e honra da terra.» (In João Martins da Silva Marques — «Descobrimos Portugal», vol. I).

1) O comércio interno e externo (Mencione a instituição a que o documento se refere e explore no interesse deste para o conhecimento das relações comerciais no tempo de D. Dinis).

2) A protecção à agricultura.

3) O desenvolvimento da marinha nos dois reinados.

2.º TEMA

As causas da Revolução Francesa

«Quando, na mesma pessoa ou no corpo de magistratura, o poder legislativo está reunido ao poder executivo, não há liberdade, porque se

(Continua na 19.ª página)

Alcides
FABRICANTE

VENDA AO DESBARATO

DE TODA A SUA GRANDE EXISTÊNCIA
POR MOTIVO DE TRESPASSE

ALGUNS PREÇOS

SECÇÃO HOMEM

Casacos de 250\$00 — AGORA 90\$00
Casacos de 500\$00 e 600\$00 — AGORA 300\$00 e 350\$00
FATOS TERYLENE — AGORA 595\$00
Calças desde 85\$00
CAMISAS DE TODAS AS QUALIDADES MALHAS, GRÁVITAS, CALÇÕES DE BANHO, etc., etc. — TUDO COM GRANDES DESCONTOS

SECÇÃO SENHORA

Camisolas desde 20\$00
Camisetas Popeline desde 25\$00
Saías desde 60\$00
SAÍAS PLISSADAS em Terylene e Trevira 170\$00
Vestidos a 35\$00, 50\$00 e 100\$00
Robes turcos (praia) a 60\$00
Vestidos Terylene a 90\$00

MUITOS VESTIDOS
MUITAS MALHAS
MUITOS TAILLEURS
MUITA LINGERIE
MUITAS MEIAS
Tudo por metade do seu valor

AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 28-A (Aos Anjos)

(METRO À PORTA ZONA INTENDENTE, SAÍDA BAIRRO ANDRADE)

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2º

TELEF. 369384

CÂMARA MUNICIPAL

DE CASCAIS

SECRETARIA

Venda de um lote de terreno no Bairro do Rosário — Avenida Gonçalo Velho Cabral, em Cascais, destinado a um prédio com 12 pisos

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 20 do corrente mês, pelas 15 horas, procederá à venda, em hasta pública, de um lote de terreno com 320 m², destinado à construção de um prédio de rendimento com 12 pisos, situado na Avenida Gonçalo Velho Cabral, no Bairro do Rosário, em Cascais, pelo preço base de licitação de 11 000\$00 cada metro quadrado.

As condições de venda e planta de localização, encontram-se patentes no Atrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis.

Cascais, 1 de Julho de 1968.

O Presidente da Câmara,

António Azevedo Coutinho

Eng.º Agrónomo



D. Maria Cândida de Liz Teixeira da Cunha Demyon

Missa do 2.º aniversário

Seu marido, filhos e netos, participam que amanhã, dia 5, pelas 12,30 horas, na Igreja dos Mártires, será celebrada Missa, rogando a Deus pelo seu eterno descanso, e agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

A. G. MAGNO, LDA.

Avenida Almirante Reis, 129-A

Telef. 5 15 86



José de Castel-Branco Ribeiro da Cunha

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

MISSA DO 7.º DIA

Vera Ferreira Pinto Basto Ribeiro da Cunha, seus filhos, noras, netos, irmão e cunhada, participam que foi Deus servido chamar à sua divina presença, no passado dia 29, o seu querido marido, pai, sogro, avô e cunhado, e que será rezada missa por sua alma amanhã, dia 5, na Igreja Paroquial de São José, às 12,30 horas.

P. N. A. M.

FRIGORÍFICOS ATLANTIC

melhores não há!



ATLANTIC
9 modelos de 65 a 450 lit.
CONGELADORES A TODA A LARGURA
INTERIOR EM CHAPA ESMALTADA
MODERNO ISOLAMENTO EM POLIURETANO
FECHO MAGNÉTICO — PEDAL DE ABERTURA

À VENDA NA CASA

M. FERREIRA

Tr. HENRIQUE CARDOSO, N. 22-A

Telef. 764914

MORADIAS

Vendo, a estrear, bons locais Carcavelos e Pareda, vistas mar, perto estação, preços em conta e facilito parte longo prazo. Compre moradia por preço de andar e não terá complicações com outros proprietários. Pode habitar ou alugar com ou sem mobília ao ano, rendendo entre 7 e 10% ou habitar parte do ano e alugar uns meses mobilada por óptima renda. Também vendo quitanda com pinhal, árvores frutíferas e oliveiras, a 3 km do Estoril (óptimo local para moradia), preço 295 contos. Trata o dono escritório T. 539773 e residência 771664 ou carta para Apartado 1048. Lisboa-1.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

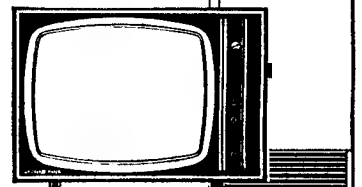
Electrodomésticos BOSCH e PONTO AZUL



Venda e Assistência Técnica

Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)

Tel. 633061/2 - 633031



DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-2º

TELEFNS. 52248-556580

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 72 49 75

LISBOA



Cristina Gonçalves Branco

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Regina Maria Paulino de Melo e José Paulino de Melo, e demais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento, no dia 28 de Junho passado, da sua muito querida mãe, sogra e parente e que amanhã, sexta-feira, dia 5, às 11.30 horas, na Igreja de S. Domingos, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ADLER

QUALIDADE

e

TRADIÇÃO

a famosa gama de máquinas de escrever



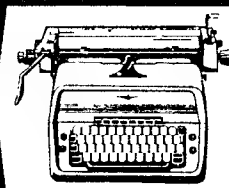
Tippa



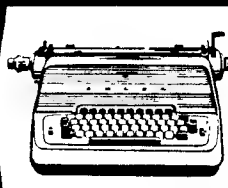
Gabriele



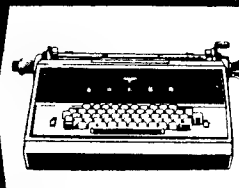
Special



Universal



Electric



Electric 131 Novodur

Representantes:
Soc. de Rep. SIDA-SUECA LDA.
Rua de S. Nicolau, 44-48 - Lisboa

NORTE,
Estabelecimentos SIDANORTE, LDA.
Rua Formosa, 445-447 - Porto

COIMBRA
SODIGAL - Soc. Dist. de Aparelhos e Gas, Lda.
Av. Fernão de Magalhães, 29.

ALENTEJO
SODAL - Soc. Alentejana de Equipamentos
Comerciais e Domésticos, Lda.
Rua Serpa Pinto, 35 - Évora

ALGARVE
Agência Comercial de Faro, Lda.
Rua de St. António, 33/41 - Faro

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Julho de 1938 publicava:

«A morte de Susana Lenglen impressionará certamente os meios desportivos de todo o Mundo, e entristecerá muitas dezenas de portugueses que a conheceram ou que a viram jogar nos «courts» da elegante parada do Sporting Clube de Cascais.

«Susana Lenglen — que contava agora 37 anos — começara muito cedo, aos dez anos, a jogar o «tennis». E era tão grande a sua vocação que foi, pela primeira vez, campeã aos 14 anos! Depois, a sua fama foi aumentando cada vez mais e estendeu-se a todo o Mundo. Campeã mundial durante muito tempo, tinha o que se pode chamar o «génio» do «tennis». Não sendo bonita, a elegância das suas jogadas encantava os espectadores e dava-lhes uma sensação de beleza nunca igualada nem pelas melhores.

«Foi ela quem, audaciosamente, introduziu no «tennis» a moda das saias curtas, que permite a rapidez dos movimentos. A princípio, isto provocou certo escândalo — mas tempos depois a moda pegou.»

CURIOSIDADES

● A Holanda combate a lepra

Os meios médicos holandeses estão convictos de que a lepra — de que padecem pelo menos 50 milhões de pessoas em todo o mundo — pode e deve ser completamente erradicada. Para este fim foi recentemente fundado, em Amsterdã, o Instituto Neerlandês da Lepra, ao qual prestam colaboração vários especialistas, dentre os quais o dr. D. L. Leiker, uma das maiores sumidades mundiais no sector.

É extraordinário que a iniciativa parta da Holanda, facto notável sobretudo porque ali a moléstia é inteiramente desconhecida. Em outros países, pelo contrário, mais especialmente na África, América Latina e Ásia, há milhares de vítimas deste mal que deforma e invalida as suas vítimas para o resto dos dias. A situação é tanto mais estranha se considerarmos que a luta contra a lepra não implica grandes gastos, e o medicamento mais moderno, o DDS, pode ser adquirido a preço irrisório, ou é completamente gratuito quando solicitado à UNICEF, organismo anexo das Nações Unidas.

● Certas doenças desaconselham o uso do avião

Nos casos graves de angina do peito, com falta de oxigénio no coração, não se deve correr de maneira alguma o risco de voar. A redução da pressão parcial do oxigénio no avião aumentaria o perigo de um infarte do miocárdio. Pessoas de pressão sanguínea elevada não suportam, por via de regra, a mudança de clima em consequência de voos a longa distância, nem as diferenças de tempo, reagindo ainda fortemente à redução da pressão atmosférica. Depois de uma comotão cerebral deve esperar-se seis meses depois da cura completa antes de se efectuar uma viagem de avião. Asmáticos com tendência para ataques frequentes também não devem voar, se o fizerem não de levar consigo um medicamento eficaz. Indivíduos fortemente anémicos correm o perigo de órgãos importantes não serem abastecidos suficientemente com oxigénio durante o voo. Quanto aos reumáticos, «só» existe o perigo de as dores aumentarem devido a estarem sentados durante horas seguidas. A doença em si não se agrava.



— Outro raio de carta de S. Paulo aos Coríntios!

Carreiras aéreas

Os lucros da Lufthansa

Apesar das despesas sempre crescentes e das receitas mais reduzidas, a Lufthansa apresentou em 1967 um saldo positivo de 23,2 milhões de marcos. A companhia transportou 4 267 373 passageiros, o que equivale a 15,7 % mais que no ano anterior. O transporte da carga aumentou também em 23,1% e o correio em 6,9 %.

O poder de oferta da companhia passou, assim, a ser de mais 14,5%, isto em 1463 biliões de toneladas-quilómetro, enquanto a procura por parte do público subiu 12,2%, num total de 795 milhões de toneladas-quilómetro.

Durante o ano passado, os 63 aviões da Lufthansa percorreram uma rede de 242 487 quilómetros de comprimento, ligando 79 aeroportos. No fim do ano, a empresa dispunha de 174 agências de venda com um total de 17 970 funcionários.

Tendo investido até ao fim de 1967 cerca de 1,77 biliões de marcos, a Lufthansa fará de 1968 a 1970 um investimento suplementar de 1,07 biliões de marcos.

EXAMES

(Continuação da 17.ª página)

pode temer que o mesmo monarca ou o mesmo senado faça leis tiránicas para as executar tiránicamente. Não há também liberdade se o poder de julgar não está separado do poder legislativo e do executivo. Se e.e estivesse unido ao poder legislativo, o poder sobre a vida e a liberdade dos cidadãos seria arbitrário; pois poderia ter a força de um opressor» (Montesquieu — «Esprit des lois»)

1) O movimento de ideias contra o antigo regime francês. (Utilize o documento).

2) As classes sociais e o regime político.

3) A situação económica e financeira da França nas vésperas da Revolução.

Biblioteca da Junta de Freguesia de S. Mamede

A biblioteca da Junta de Freguesia de S. Mamede, oferecida pela Câmara Municipal de Lisboa, encontra-se patente ao público da paróquia, que poderá consultá-la.

Desenhista - Projectista

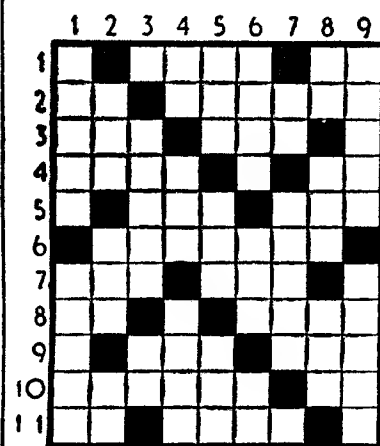
Precisa firma da Covilhã, para um período de 6 meses a um ano.

Bom ordenado com despesas de estadia pagas durante esse tempo.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 4868



HORIZONTAIS: 1 — Irmão de Abel. Oferece. 2 — Prefixo que designa afastamento. Filtraram. 3 — Lista. Pronome pessoal. 4 — Estimul. Prata (s. q.). 5 — Artigo definido. Em os. Fecho as asas para descer mais depressa. 6 — Levaras a si. 7 — De pios. Um milho. 8 — O sono das crianças. Nome de um fruto. 9 — Pedro de altar. Raer. 10 — Rapaz que anda a vender jornais. Sufixo que designa estado. 11 — Vi. Metal precioso de cor amarela. Tempo do verbo ser.

VERTICAIS: 1 — Serra de Portugal. Em Timor, lugar onde se guardam coisas sagradas, zangãos, amuletos, etc. 2 —

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA

Bondoso. Escudeiro. Troça. 3 — Professor de uma escola superior. Preposição latina que designa movimento. 4 — Antes de Cristo. O mesmo que ion. Grupo de três. 5 — Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Figura que simboliza o povo americano. Agência telefónica de imprensa. 6 — Extremidades dos braços. Sistema montanhoso de Marrocos. Viração. 7 — Reis. Freguesia do concelho de Loulé. 8 — Oferece. Suspiros. Prefixo que designa terra. 9 — Aliado. Freguesia do concelho de Amares.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4867

HORIZONTAIS: 1 — Usam. QUEM. 2 — Moita. Urca. 3 — Marreco. 4 — Nas. Mãe. 5 — Arca. COME. 6 — AC. AI. 7 — Cie. Ras. 8 — Co. FEL. Aa. 9 — Ossa. Amir. 10 — Apológico. 11 — Remo. Amos.

VERTICAIS: 1 — Um. NÃO. Coar. 2 — Somar. COSPE. 3 — Atasca. Som. 4 — Mar. Acéfalo. 5 — Ru. 6 — QUE. Carlagã. 7 — Urcéola. Mim. 8 — Ecoam. Saico. 9 — Mâ. MEL. Aros.

Provérbio: QUEM COME FEL NÃO COSPE MEL.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8712

HORIZONTAIS: 1 — Molusco marítimo das costas portuguesas. Ave palmípede. 2 — Resmungo. 3 — Abreviatura de Santíssimo. Bafráquio. 4 — Prefixo de negação. Magnete natural Nesse lugar. 5 — Irmão de Abel. Crivo. 6 — Base aérea portuguesa. Em os. 7 — Piande. Botequim. 8 — As pessoas mais distintas. 9 — Amônio (s. q.). Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Pronome pessoal. 10 — Seguias. Camareira. 11 — Acudiram.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Vila Verde. Freguesia do concelho de Cabeceiras de Basto. 2 — Artigo indefinido. Freguesia do concelho de Castelo Branco. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 3 — Pelos de certos animais. Pequeno barco de recreio. Isolado. 4 — Do mesmo modo. Guarnição de asas. 5 — Remar para trás. 6 — Safar. Jibóia. 7 — Nome de letra. Anual. Viração. 8 — Basta. Igar. Irmã da mãe. 9 — Irmãos do pai. Transpiram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8711

HORIZONTAIS: 1 — Alga. Sopa. 2 —

LUSTRES

Fazemos novos reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro. 203, r/c., Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno)

CAMINHOS DE FERRO LEILÃO

Em 8 do corrente e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

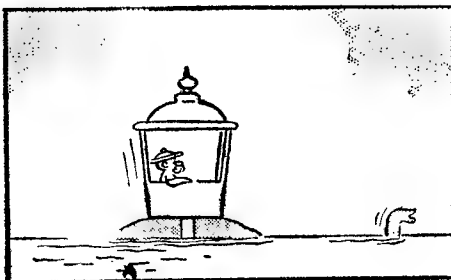
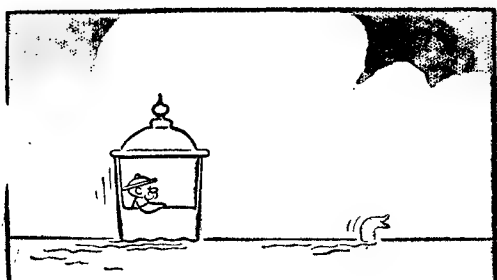
Avisam-se mais uma vez os srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 5 do corrente mês das 10 às 17 horas.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

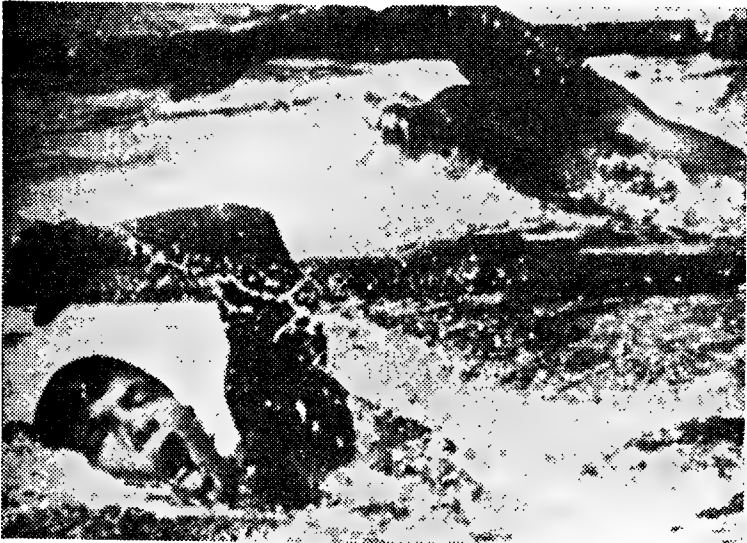
FRIGORÍFICOS HOOVER



AVENTURAS DO TIO CARLOS



DESPORTO



NOVO «RECORD» MUNDIAL

O nadador que se vê em primeiro plano é Mark Spitz na corrida em que bateu o «record» mundial dos 400 metros livres, fazendo o tempo de 4 m 7,7 s, no passado dia 23, na Califórnia. O anterior «record» era de 4 m 8,2 s e pertencia a Greg Charleton. Em segundo plano vê-se o campeão olímpico Don Shollander que foi batido por três comprimentos.

O VITÓRIA DE SETÚBAL PARTIU PARA A CORUNHA

A fim de defrontar, no próximo sábado, a equipa do Rapid de Viena, em jogo que tem como prémio a fabulosa Taça «Teresa Herrera», partiu esta manhã, para a Corunha (via Madrid), a equipa de futebol do Vitória de Setúbal, finalista da «Taça de Portugal» e recente vencedora do torneio de Badajoz.

A comitiva sadina é constituída pelos seguintes elementos: dirigentes Francisco Nascimento, Tavares da Silva e Edmundo Gargalo; treinador Fernando Vaz; massagista José Lima; e os jogadores Vital, Mourinho, Conceição, Cardoso, Herculano, Carrico, José Mendes, Tomé, Vitor Baptista, Wagner, Figueiredo, José Maria, Guerreiro, Arcanjo e Petita. O jogador Jacinto João, que de início estava incluído no número de atletas presentes nesta digressão do Vitória, não seguiu viagem por se encontrar lesionado.

A propósito deste encontro, o técnico Fernando Vaz afirmou:

— Não se tratando, embora, de um jogo fácil para o Vitória, estou convencido que vamos fazer um bom desafio, muito embora o adiantado da época e o cansaço dos jogadores. Quanto a mim, o Rapid de Viena vale mais do que os resultados que tem feito ultimamente pa-

recem demonstrar. É uma equipa combativa e com um bom ataque. Estou certo que tanto a minha turma como a formação austriaca vão proporcionar um bom espectáculo, porquanto praticam futebol aberto e de contra-ataque eficiente e veloz.

HÓQUEI EM PATINS

CONHECIDAS AS SELECÇÕES PORTUGUESA E ESPANHOLA PARA O CAMPEONATO EUROPEU DE JÚNIORES

Acompanhada pelos dirigentes José Pontes e Manuel dos Santos, seleccionador Guilhermino Rodrigues, treinador Elson Marques, médico dr. Angelo Soares e massagista Francisco Gordo, parte no próximo dia 11 para Vigo a selecção nacional de juniores de hóquei em patins. Deslocam-se os seguintes jogadores: Monteiro (Paço de Arcos) e Castro (F. C. Porto), guarda-redes; Balse-

defesas; Vieira (Paço de Arcos) e Azevedo (Acad. de Espinho), médios; Cristiano (F. C. Porto), Artur Agostinho (Salesiana), Crispim (Salesiana) e José Fernandes (C.U.F.), avançados.

A Federação espanhola de hóquei em patins designou já os dez jogadores seleccionados para o Campeonato da Europa da categoria de juniores que se disputa de 13 a 17 do corrente em Vigo, e ao qual participará Portugal.

Os elementos que compõem a selecção do país vizinho, são os seguintes: Guarda-redes: António Pla e Joaquín Rovira; defesas: Manuel Edo, Manuel Boronat, Jaime Riera e Juan Alberto Fernandez; avançados: José Ordeig, Jorge Villacorta, Eloy Mundiz e Carlos Perez de Lis.

É o seguinte o calendário dos jogos do «Europeu» de juniores:

Dia 13 — Alemanha-Holanda, Portugal-Itália e Espanha-França.

Dia 14 — França-Alemanha, Portugal-Holanda e Espanha-Itália.

Dia 15 — Itália-Holanda, Portugal-França e Espanha-Alemanha.

Dia 16 — Itália-França, Portugal-Alemanha e Espanha-Holanda.

Dia 17 — França-Holanda, Itália-Alemanha e Espanha-Portugal.

Os Belos em 3.º lugar do Europeu de «stars»

Os dinamarqueses Paul Elvstrom (Campeão do Mundo) e Meyer, no «Scandale», venceram a segunda prova do Campeonato da Europa e da África do Norte, de vela, na categoria «star», que se está a disputar em Nápoles.

Classificação da prova: 1.º, «Scandale» — Elvstrom-Meyer (Dinamarca); 2.º, «Humbig VII» — Petterson-Westerdhal (Suécia) e 3.º, «Squid IV» — Tallberg-Tallberg (Finlândia). ... Em 7.º lugar chegou o «Fanecca».

VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA

O ESPANHOL AURÉLIO GONZALEZ VENCEDOR DA 6.ª ETAPA, EM L'ORIENT

L'ORIENT (França), 4 — (A. N.I.) — Na sexta etapa do «Tour», corrida ontem entre Dinard e L'Orient, a vitória sorriu ao ciclista espanhol Aurélio Gonzalez, que se isolou do pelotão a poucos quilómetros da meta, depois de se mostrar desinteressado pelas várias fugas que se verificaram ao longo da etapa.

Os heróis na etapa foram Paul Lemeteyer, da França B, e Michael Wright, da Inglaterra, que se escaparam ao pelotão aos 63 quilómetros e que, apesar de uma tentativa de imediata perseguição de Walter Godefroot, da Bélgica B, de Bernard Guyot, da França B, dos italianos Ugo Colombo e Italo Zilio, do inglês Barry Hoban, de Pierre Ducase da França B, de Julio Jimenez, da Espanha, e de Willy Intven, da Bélgica B, ganharam maior avanço.

Aos 80 quilómetros, os dois fugitivos tinham já 1 m. e 50 s. de vantagem sobre o pelotão. Foi então que Lemeteyer «furou». Mudada rapidamente a roda, o francês em breve alcançou de novo Wright e juntos foram aumentando a sua vantagem.

A retaguarda, o pelotão mos-

trou-se apático até aos 95 quilómetros, altura em que Lemeteyer e Wright já levavam 3 m. e 10 s. de avanço.

A nova perseguição foi comandada por Georges van Den Bergh. O «camisola amarela» fez uma primeira arrancada, sózinho, e, depois de uma pausa, aumentou novamente o ritmo da pedalada, destacando-se do pelotão e levando «na cola» Roger

Quando restavam já poucos quilómetros para a meta, Gonzales tentou a sua sorte. Fazendo alarde de uma força que não mostrara até então e valendo-se do facto de não ter «puxado» durante toda a etapa, conseguiu «sacudir» o pelotão e ganhar um avanço que, na linha de chegada, era de 9 segundos.

Por chegar depois de encerrado o «contrôle», foi desclassifi-

O BELGA VAN DEN BERGHE CONTINUA DE POSSE DA CAMISOLA AMARELA

Pigeon, da França A; Adriano Passuello, de Itália; Serge Boley, da França B; José Samin, da França A; Remy Vanvrekem, da Bélgica B; Rolf Wolfshohl, da Alemanha, e Sebastian Elorza, da Espanha.

Os perseguidores ganharam rapidamente terreno a Lemeteyer e Wright e, aos 134 quilómetros, haviam já reduzido para 3 m. a vantagem dos dois fugitivos. Nessa altura, o pelotão seguia com 30 s. de atraso em relação ao grupo dos 8 ciclistas.

A perseguição continuou em ritmo vivo e decidido, de tal forma que, aos 146 quilómetros, Wright e Lemeteyer foram alcançados para, 4 quilómetros mais adiante, o pelotão «recolar» ao grupo dos fugitivos.

Carlos Echevarria, da Espanha; Cerard Vianen, da Holanda e outros, lançaram então sucessivas tentativas de fuga, mas o pelotão não consentiu que elas se materializassem e o grupo manteve-se compacto até perto do fim da etapa.

FUTEBOL-MINIATURA EM MACAU

Ultrapassou todas as expectativas o número de inscrições recolhido este ano para os campeonatos de seniores e de juniores de futebol-miniatura, que manterão em actividade quarenta e sete grupos mactistas.

Ao campeonato de seniores concorreram vinte e cinco equipas, divididas em três grupos, enquanto 22 grupos apresentaram a sua candidatura ao campeonato de juniores.

Os encontros disputam-se no campo do Colégio D. Bosco, onde se revelou o internacional Augusto Rocha, actualmente na Associação Académica de Coimbra.

CIRCUITO EM ALFRAGIDE

Incluído nas comemorações do 25.º aniversário o Grupo Desportivo Rádio Marconi vai organizar, no próximo dia 7, pelas 9 e 30, uma prova para populares, denominada «IV Circuito de Alfragide».

O percurso consta de nove voltas, ao seguinte traçado: Alfragide, Queluz de Baixo, Carnaxide e Alfragide, num total de 90 km.

Serão atribuídos valiosos prémios aos ciclistas e equipas melhores classificadas.

cado o inglês, Derek Green, ficando na prova 92 dos 110 ciclistas que a iniciaram. A etapa de hoje tem 190 quilómetros, de L'Orient a Nantes.

Georges van Der Berghe, da Bélgica B, mantém a camisola amarela, como guia da classificação geral individual.

Notícias do futebol

JORGE VIEIRA EM GUIMARÃES

Para substituir Juca, na orientação das suas equipas de futebol, o Vitória F. C. de Guimarães, tem quase assegurados os serviços de Jorge Vieira — o brasileiro que foi treinador do Be-lenenses.

Louro, do Lusitan ode Evora, interessa ao Vit. Setubal, á CUF e ao Benfica. O jovem futebolista alentejano é avançado e tem estado em evidência.

Depois de amanhã, o Be-lenenses defrontat o Barcelona, na capital catalã. Os «azuis» devem apresentar os seus novos jogadores Walter e Dorado.

A Sanjoanense, que tem procurado substitutos para os seus guarda-redes Benje (que ingressou no Varzim) e Arsénio (que representa o U. Tomar) assegurou o concurso de Fidalgo, o benfiquista que esteve ao serviço do Sintrense.

O sportingus Damas irá para Coimbra? Fala-se muito nele, a propósito da possível transferência de Ernesto para Alvalade.

O União de Tomar já assegurou o concurso de três jogadores para a sua participação no «Nacional» da 1.ª Divisão: Dui (ex-Spt. Covilhã), Arsénio (ex-Sanjoanense) e Barnabé (ex-Sporting).

O ULTRAMAR — VIVEIRO DO CONTINENTE

QUELIMANE, 2. — (L.). — Dois jovens futebolistas do Sporting Clube de Quelimane, Garcia e Freixachaut, que são dois valores positivos do futebol moçambicano, estão em vias de seguir para a Metrôpole, onde o primeiro ingressará na Associação Académica de Coimbra e o segundo no Vitória de Guimarães.

FUTEBOL ALEMÃO: RECEITAS SÃO PROBLEMA

• UM MILHÃO DE ESPECTADORES FICARAM EM CASA...

HAMBURGO (Por Rainer Herzog) — Na mal alta categoria de futebol da República Federal da Alemanha, na Liga Federal, reina a calma bem merecida. Para grande alegria dos seus entusiastas, o F. C. Nürnberg conseguiu inscrever pela nona vez o seu nome no rol dos campeões. No entanto, a última temporada legou as direcções dos dezoito clubes participantes toda uma série de preocupações, avultando entre elas as de índole financeira.

Na última temporada, pouco mais de seis milhões de espectadores assistiram aos desafios, ou seja cerca de um milhão menos do que a temporada precedente. A diminuição do número de espectadores causou autênticos rombos nas caixas de vários clubes. Somando as coisas, para a próxima temporada, é precíavel de cinco milhões de marcos (1,25 milhões de dólares ou qualquer coisa como 36 125 contos). Para na próxima temporada, a «cobrir» este «défice», a afluência de espectadores tem de aumentar para além da média. Na maioria dos desafios dos últimos meses não se atingiu a média de 20 000

espectadores capaz de equilibrar os balanços dos clubes.

Só poucos peritos culpam desta evolução os programas de televisão ou a diminuição do interesse dos entusiastas. Alegam que na última temporada faltou uma luta cerrada pelo título, perdendo também de interesse a substituição dos últimos clubes da escala: O Nürnberg conquistou nos primeiros desafios um avanço considerável e, por outro lado, os dois clubes ameaçados este ano de baixarem de categoria nunca se afastaram decisivamente do fim da tabela. Sabendo-se, portanto, já bem cedo, quem seria o campeão e quem correria o risco de descer de categoria, os desafios pelas posições no meio da tabela não tiveram o eco suficiente. As despesas administrativas e de viagens e, por ultimo, os ordenados dos treinadores e dos jogadores absorveram ininterruptamente os recursos financeiros dos clubes.

Só poucos clubes têm a oportunidade de equilibrar as suas finanças pelas receitas elevadas dos jogos da Taça dos Clubes Campeões Europeus. A maioria dos clubes da Liga Federal só têm na próxima temporada um único recurso: atrair mais espectadores jogando bem e marcando abundantemente. Os dirigentes dos clubes têm de enfrentar a tarefa de reduzir as despesas para fazerem desaparecer as cifras vermelhas nos seus balanços.

DESPORTO

«RECORD» EUROPEU
NO LANÇAMENTO DE PESO

POTSDAM 4 — (F. P.) — O alemão do leste Dieter-Hoffmann estabeleceu ontem novo «record» da Europa no lançamento do peso, com a marca de 20,08 metros. O anterior «record» pertencia ao russo Eduard Gutchichine, com 19,64 metros, lançamento obtido a 1 de Junho de 1967.

Atletismo em Setúbal

A Secção de Atletismo do Vitória Futebol Clube, em colaboração com a Comissão de Festas de Setúbal, organiza no próximo dia 27 de Julho pelas 18 horas, no Estádio do Bonfim, um torneio para atletas femininos e masculinos nas categorias de juniores e seniores, denominado «Grande Prémio Santiago».

Disputam-se as seguintes provas: 70 metros barreiras (juniores femininos), Salto em comprimento (juniores e seniores femininos), 200 metros (juniores masculinos), 200 metros (juniores e seniores femininos), Salto à vara (juniores), 800 metros (juniores masculinos), 3000 metros (juniores e seniores-extra), 100 metros (juniores masculinos) e estafeta 4x100 metros (juniores e seniores femininos).

GINÁSTICA

RESULTADOS

DO DIA OLÍMPICO

Disputou-se no ginásio do Liceu de Pedro Nunes, o torneio aberto de ginástica desportiva, comemorativo do Dia Olímpico.

Participaram nesta competição 16 ginastas, em representação do F. C. Porto, G. C. P., L. G. C. e Sporting.

Venceram os seguintes atletas: Maria Edite Duarte Rodrigues e José Filipe Antunes de Abreu (ambos do Lisboa Ginásio Clube).

VOLEIBOL — TAÇA DE PORTUGAL
O NACIONAL DE GINÁSTICA
ELIMINOU O L. GINÁSIO

Realizou-se ontem no ginásio do I. S. Técnico, o encontro L. Ginásio-Nacional, referente à 2.ª eliminatória da Taça de Portugal e que apurou a equipa que disputará com o Técnico a presença na fase final da competição que se disputará nos próximos dias 13 e 14 em São João da Madeira.

O Nacional venceu por 3-1 (8/15; 15/11; 15/13; 15/12) e sob a arbitragem de Zeferino Nascimento, as equipas apresentaram:

NACIONAL — Pedro Moreira, Artur Sequeira, João Carlos, Aguiar Buisel, José Pimpão, António Resende, João Silveira, Fernando Carvalho, António Matos e Luís Silveira.

L. GINÁSIO — José Borges, António Ribeiro, Fernando Simões, Joaquim Azevedo, Eduardo Sousa, Fernando Boletto, Marques Pereira e Armando Jerónimo.

O L. Ginásio começou da melhor maneira, defendendo bem não só no «bloco» como na zona atrás e conseguiu vencer por 15/8 com toda a naturalidade.

O Nacional tentou reagir, e no 2.º «set» fez 6/3 consentindo que os ginastas passassem para 8/6. Mas estes não prosseguiram na recuperação cedendo francamente e permitindo que o Nacional atingisse 13/8. Uma substituição tardia no L. Ginásio esteve na base do desaire.

Ciclismo em Ilhavo

Iniciaram-se os preparativos para a realização da XVII Volta Ciclista ao concelho de Ilhavo, destinada a corredores populares, que se realiza a 8 de Setembro. Terá o patrocínio do Governo Civil de Aveiro e da Câmara de Ilhavo e será disputada, como é tradicional, em duas etapas, no mesmo dia. A organização pertence ao Ilhavam e o produto líquido revertirá a favor do Centro Paroquial.

FUTEBOL NO MUNDO

Esta edição-68 da «Taça Teresa Herrera» que se disputa no próximo sábado nasceu sob o signo das contrariedades. Toda a organização foi tratada positivamente a contra-relógio. Depois de decidirem fazer disputar o troféu, que vai no seu 33.º ano, num só encontro os organizadores encontraram sérias dificuldades para contratar a equipa que haveria de servir de adversária ao Rapid de Viena, cuja participação ficou bem cedo assegurada. Goraram-se as negociações com o Juventus e o mesmo sucedeu nas diligências em seguida efectuadas junto do Atlético de Bilbao. Depois dessas duas negativas os dirigentes do Corunha entraram em contacto com o Vitória de Setúbal cuja aceitação pôs ponto final nas suas preocupações.

O Saragoça perdeu o concurso de um dos seus «magníficos» — o consagrado Canário, ao qual foi entregue a carta de desobrigação. Yarza, Santamaría, Villa, Rodri, Reija e Lapetra renovaram os seus contratos.

Bruno Pasaola será o treinador do Fiorentina na próxima época. Por esse contrato receberá 28 milhões de liras.

As dificuldades levantadas pela Federação Italiana ao ingresso de Otto Glória no Nápoles foram condenadas pelo presidente do Torino, comendador Pianelli, que apontou o critério seguido em relação a Helénio Herrera, comentando: «Ao concluir o seu compromisso com o Inter deveria ter acabado para o futebol de Itália. No entanto a Federação no caso de Helénio Herrera não teve inconveniente em ratificar. Porquê?»

Segundo declaram dirigentes do Manchester United, o clube chegou ao final desta temporada com

um autêntico «record» financeiro — as suas receitas atingiram o montante de 250 mil libras, às quais se deve adicionar a verba de 50 mil libras cobrada por direitos de Televisão. Esclarecemos que nos últimos três anos as suas receitas foram da ordem das 100 mil libras por temporada.

Fracassadas as negociações que vinham estabelecendo com Fernando Riera para que se ocupasse da selecção do Chile, os dirigentes da Associação Central de Futebol, em Santiago do Chile, já estão em contacto com outros técnicos.

O Flamengo jogará no dia 20 de Agosto em Barcelona. Este jogo faz parte das condições da transferência de Silva para o clube brasileiro.

OS CICLISTAS ITALIANOS
PROTESTAM CONTRA O «CONTRÔLE» «ANTI-DOPING»

Um grupo de ciclistas italianos, tendo à cabeça o famoso Felice Gimondi, censuraram as actuais regras «anti-doping» que regem a modalidade, considerando-as inadequadas e pedindo, por carta assinada por mais de 50 membros da Federação de Ciclistas Profissionais, a suspensão das citadas normas.

Este protesto foi feito em consequência do escândalo ocorrido no final do «Giro» italiano, quando Gimondi Bulmanion, Motta, Bodrero, Mariano Diaz e Galera, foram acusados de utilizarem estimulantes proibidos.

Todos negaram a sua culpabilidade e recorreram à prova «anti-doping». Na sua declaração os ciclistas alegaram:

— No desporto moderno, e segundo atestam eminentes cientistas, po-

de às vezes ser necessário ingerir substâncias que actualmente estão proibidas pelas leis «anti-doping».

— A evolução das especialidades médicas tornará cada dia mais difícil um objectivo «contrôles» «anti-doping» que já agora se revelou destituído das necessárias garantias.

— As actuais regras humilham a dignidade e personalidade dos corredores e induzem em muitas ocasiões os aficionados a formar uma opinião errada.

— Os abaixo assinados, em representação de todos os profissionais do ciclismo, pedem a abolição das actuais regras e que se estude convenientemente a criação de outras novas, mediante uma reunião, na qual os ciclistas estejam convenientemente representados.

Entre os ciclistas que assinaram a carta conta-se ainda o ex-corredor Fiorenzo Magni.

NIVEA
oferece...

a grande bola
NIVEA num
conjunto de verão (*)

no valor de 86\$00 apenas por 50\$00

*contém:
NIVEA Óleo ou
Banho solar, e
NIVEA Creme

HIPISMO

11 Concursos
até ao fim
da época

A temporada de hipismo vai entrar num período de franca actividade.

A partir de hoje e até ao fim da época estão previstos onze concursos hípicas, que significam persistência dos organizadores em manter os seus certames.

Vejamos o calendário:

JULHO

4 a 7 — Évora
27 e 28 — Oeiras
31 a 4/8 — Figueira da Foz

AGOSTO

7 a 11 — Matosinhos
13 a 18 — Pedras Salgadas
22 a 29 — Sintra
31 a 8/9 — Cascais

SETEMBRO

11 a 15 — Penina
17 e 18 — Portimão
21 a 25 — Elvas
28 a 6/10 — Lisboa (Nacional)

F. DIAS

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

O MAGNIFICO ESTRANGEIRO — no POLITEAMA

CONDES
Tel. 32 25 23
e 32 67 10

As 15.15 18.15
e 21.30
(M. 12 anos)
Na destimbrante
projectão de
70 mm

Uma história de amor heroísmo e
bravura

OPERAÇÃO V-2
com: Sophia Loren, George Peppard,
Tom Courtenay e Lilli Palmer
METROCOLOR (Ar Condicionado)

estudio 444
Tel. 17 90 95

As 15.30 e 21.45
(Adultos)
Um filme jugoslavo
premiado no
Festival de Can-
nes-1967

com Bekim Fehmiu e Bata Zivojinovic

**...ATE ENCONTREI
CIGANOS FELIZES!**
Uma obra-prima colorida de
Aleksandar Petrovic

SAO LUIZ
Tel. 32 71 72

As 15 18.15
e 21.30
(Adultos)

TECHNICOLOR
UM FILME DE SEMPRE
real Joshua Logan, baseado
na trilogia sobre Marselha,
de MARCEL PAGNOL

FANNY
com Leslie Caron, Horst Buchholz,
Maurice Chevalier e Charles Boyer

AVIS
Tel. 53 23 06

As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
A história de um
pobre diabo que
vai dirigir um co-
légio de meninas
ricas e muito eye-yés

AS 8, NA CAMA
Gargalhada permanente com Peter
Alexander, Gitta e Ingeborg Schö-
ner

CINE-TEATRO As 21.45
(M. 17 anos)

LIDO Noite de Teatro
com Ivone Silva
e Tony de Matos

ARROZ DE MIÚDAS

EUROPA As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
70 m/m

Um filme repleto de emoções
e surpresas

O MUNDO DO CIRCO
com Claudia Cardinale, John Wayne
e Rita Hayworth

TARDES A PREÇOS REDUZIDOS

WIFE As 14.45 e 21 h.
Tel. 4 85 60 (Adultos)

O SEGUNDO FÓLEGO

COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS

RESTELO As 21.30
(M. 12 anos)

Uma superprodução
excepcional e gra-
ciosa, inspirada numa lenda
— em Metrocolor e Franscope —
FELIZES PARA SEMPRE
(MORE THAN A MIRACLE)
com Sophia Loren e Omar Sharif

GERRASO As 15 e às 21 h.
Tel. 32 09 17 (M. 12 anos)

GRAU DE DESTRUIÇÃO

O TEMPLO DO ELEFANTE

BRANCO

CINEMA IDEAL Tel. 32 41 94

As 21 horas
(M. 12 anos)
CURRITO DE LA CRUZ
UM GENERAL E MEIO

POLITEAMA
Tel. 32 43 02

HOJE, A NOITE
AS 21.30
EM ESTREIA
Um filme de acção
sempre arrebatadora

**O MAGNIFICO
ESTRANGEIRO**

com o famoso idolo
CLINT EASTWOOD
Maiores 12 anos

HOJE, AS 18.15—SESSÃO CLÁSSICA
(Maiores 17 anos)

SAO JORGE
Tel. 34153 3415

HOJE AS 21.30
(M. 12 anos)
**SENSACIONAL
REPOSIÇÃO**

BALLET ROMEO E JULIETA
com Margot Fonteyn—Rudolf Nureyev

As 15.15—21.30 (M. 17 anos)

O REGRESSO DOS 7 MAGNIFICOS

EDEN
Tel. 32 07 64

As 15.15 18.30
21.45 (Adultos)
Technicolor
Sensacional
2.ª semana
SUA RESPIRA-
ÇÃO PARARA
DIABOLIK

Um filme de MARIO BAVA
com John Phillip Law — Marisa Mell
— Michel Piccoli

TIVOLI
Tel. 55 51 31

As 3 e 6.15 da
tarde (p. r.) e 9.30
da noite
3.ª SEMANA
(M. 12 anos)

CARY GRANT e DEBORAH KERR
uma famosa comédia
**O GRANDE AMOR
DA MINHA VIDA**

AGUINALTA
Tel. 55 51 31

As 15.15 e 21.30
(Adultos)

SELVAGEM É O VENTO
com Anthony Quinn e Anna Magnani
VISTAVISION

MUNDIAL
Tel. 53 87 43

As 15.15, 18.15
e às 21.30
(Adultos)
Um filme
de gargalhada

FANTASMAS EM FÉRIAS
vera Miles — Sid Caesar

ROMA
Balcão 12 41 92
Platela 12 41 92

As 15.30 e 21.45
(Adultos)
2.ª SEMANA
DE EXITO!

**LOUIS JOURDAN, Senta Berger, Ber-
nard Blier e Edmond O'Brien** numa
história empolgante sobre um caso
de espionagem

PELE DE ESPÍAO
(EASTMANCOLOR)
Um filme-surpresa de Edouard
Molinaro

ODEON As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30

**ULTIMAS
EXIBIÇÕES**
A história do bárbaro «Coronel Blakes»
EM TODA A SUA FÚRIA
SANGUINÁRIA

7 ESPINGARDAS

PARA UM MASSACRE
com Eddy Byrnes e Guy Madison
Scope-Color (Adultos)

ALVALADE As 15.45 e 21.45
(M. 12 anos)

UM CLÁSSICO
DO MESTRE
ELIA KAZAN

PÂNICO NAS RUAS
com Richard Widmark, Paul Douglas
e Barbara Bel Geddes

IMPERIO
Tel. 55 51 34

As 15.15 e 21.30
(Adultos)

UM EXTRAORDINÁRIO
FILME DE ELIA KAZAN
ESPLendor NA RELVA
com Natalie Wood e Warren Beatty
TECHNICOLOR

estudio
Tel. 55 51 34

As 15.30 18.30
e 21.45 — Adultos
6.ª SEMANA
Um filme de VIS-
CONTI segundo a
obra de CAMUS

com Marcello Mastroianni, Anna
Karina e Bernard Blier
O ESTRANGEIRO

**CASINO
ESTORIL**
TELEFONE: 26 07 20

As 21.30
(M. 12 anos)

**HARPER, DETECTIVE
PRIVADO**

(The Moving Target)
PANAVISION — TECHNICOLOR
com: Paul Newman, Lauren Bacall,
Julie Harris, Arthur Hill e Janet Leigh

IMPERIAL As 15 e às 21 h.
(Adultos)

Tel. 4 59 33
A RAPARIGA E O GENERAL
HOMICÍDIO EM SÃO FRANCISCO

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VILLARET — As 21 e às 23: «Oh, que
delícia de coisa» (17 anos)
MONUMENTAL — As 20 e 45 e às 23:
«Lisboa é sempre mulher» (17 anos)
GIL VICENTE — As 21 e 45: «O tempo
é a era» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 2 e 45: «A
causa de Chaillot» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — As 22: «Os dias
felizes» (17 anos)

CINEMAS

PARIS — As 21: «Calma Fredy» (12
anos)
JARDIM — As 21: «Vício de matar»
(17 anos)
IMPERIAL — As 21: «A rapariga e o
general» (17 anos)
CINEARTE — As 21: «Kwaidan» (12 anos)
ROYAL — As 21: «A última aventura de
James Tont» (12 anos)
PROMOTORA — As 21: «Matt Helm não
perdoa» (17 anos)
OLIMPIA — As 19: «O Vale dos Tigres»
(12 anos)
CAPITÓLIO (Terraço) — As 21 e 15:
«Guia para um homem volúvel» (17
anos)



Uma adaptação cinematográfica da peça de Jean Giraudoux «A louca
de Chaillot» (actualmente em cena num teatro de Lisboa) está a ser
rodada nos estúdios «Victorine», de Nice. Katherine Hepburn e Danny
Kaye, que vemos, na foto, confortavelmente instalados entre caixotes
do lixo, são os protagonistas.

CINE-ENCARNAÇÃO — As 21: «O gran-
de restaurante» (12 anos)

MOSCAVIDE — As 21: «Duelo sem tré-
guas» (17 anos)
ORIENTE — As 21: «A maldição de
Frankenstein» (17 anos)
SPORT LISBOA E BENFICA — As 21 e 15:
«Cavalgada de Paixões» (17 anos)
CASTANHEIRA — As 21 e 45: «As Águias
Negras de Santa Fé» (12 anos)
ARCO IRIS — As 21: «Traço vermelho
7000» (17 anos)
BOMBEIROS V LOURES — As 21 e 30:
«Maidie contra o Crime» (12 anos)

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «Forte
selvagem» e «Quem brinca com o fogo
queima-se» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Ar-
reio-me todo» e «A eterna dúvida»
(17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 17 e às 21 e
30: «Harper, detective privado» (12
anos), CINE-ESPLANADA — As 21 e
30: «Alvarez Kelly» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSE — As 21 e 30:
«O espíao de chapéu verde» (17 anos)

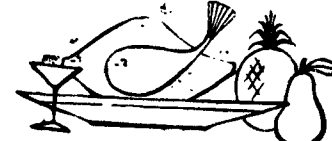
Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15:
«Batman o invencível» (12 anos); ACA-
DEMIA — As 21 e 15: «Cavalgada de
paixões» (17 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACA-
BANA — As 21: «Ursus, o gladiador»
e «Os espíes matam em Beirute» (17
anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM —
As 21 e 15: «Alucinação» e «Sócio do
crime» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA
— As 21 e 45: «Agente secreto FX 15»
(17 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30:
«Rita a filha americana» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS —
As 21 e 15: «O segundo fôlego» (17
anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15:
«Perigo em cada segundo» e «Dr. Ji-
vago» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As
21 e 30: «Will Penny» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21
e 30: «30 Winchester» (12 anos)

bom apetite



**RESTAURANTE
CASTANHEIRA**
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

ILHOTA
RESTAURANTE
R. ILHA DO PICO, 9-21
Telef. 49063 (Junto à Estafania)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
BACALHAU À ILHOTA
e MARISCOS VARIADOS

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ AS 3.30 H.
Rua das Portas S. Antão, 83
Telf. 323059

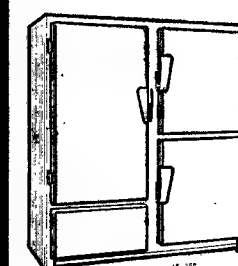
**RESTAURANTE
XANGAI**
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
LAGOSTINS À XANGAI
E FICARÁ CLIENTE

Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria,
mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de fran-
go, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
Entrada pelo arco — Tel. 685908
Parque para automóveis

VISITE SESIMBRA
Almoço no
HOTEL ESPADARTE
Serviço à carta e menu do dia — 55\$00
Aos domingos, das 12 às 16 horas, 8 pratos à escolha,
incluindo a célebre caldeirada e caril de mariscos
Sala para 300 pessoas, maraúse e esplanada frente ao mar
80 quartos com banho — Diárias desde 165\$00 Telef. 22 91 89

**RESTAURANTE
SANCHO**
Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1. QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
● AR CONDICIONADO ●

Tamborim
Restaurante-Snack-Bar-Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOSTA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247



FRIGORÍFICOS

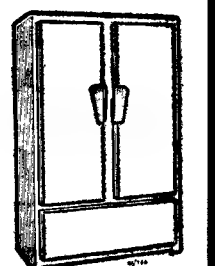
COMERCIAIS DE 500 A 1200 LTS.
E DOMÉSTICOS DE 130 A 500 LTS

KELVINATOR

VEJA A NOVA LINHA

A PREÇOS EXCEPCIONAIS

CASA JÚNIOR



R. do Alecrim, 21-A (ao Cais do Sodré) — Tel. 321053

Está a ser estudada a utilização da energia atómica nos caminhos-de-ferro

—afirma um técnico russo

Uma das jornadas do Simpósio sobre Grandes Velocidades, a decorrer em Viena, no Palácio Imperial, (Hofburg), com a participação de 500 delegados de 32 nações foi presidida pelo prof. doutor M. F. Verigo, pertencente ao instituto científico «Allunion». Este organismo, que se dedica ao estudo dos transportes em caminho-de-ferro, é dirigido pelo prof. Karetnikov, e depende do ministério das Comunicações da U. R. S. S.

Verigo concedeu ao enviado especial do Centro de Informação e Publicidade dos Caminhos-de-Ferro-Europeus, Den Broeder, a entrevista que, seguidamente, publicamos.

— Prof. Verigo, no decurso dos debates sobre os problemas de tracção e de material rolante, foi admitido que, do ponto de vista técnico, são hoje possíveis velocidades de 300 km/h. Esta perspectiva é igualmente válida no que diz respeito à via e à segurança?

— A velocidade é condicionada por dois factores principais: os veículos e as instalações fixas. É exacto que a técnica do material rolante — incluindo a dos veículos de tracção — autoriza tais velocidades e até algumas superiores.

Como ouviu, a cifra de 500 km/h. foi também referida. Quanto à via e às instalações fi-

zas, o problema é diferente. Nas linhas principais actualmente existentes, parece ser possível pensar-se numa velocidade de 250 km/h. Acima deste nível, afigura-se-me que seria necessário recorrer a novas linhas, a «linhas especiais» de traçado cuidadosamente estudado, como a de Tokaido, no Japão. O problema transfere-se do plano técnico para o financeiro. Essas linhas só poderão ser construídas se as circunstâncias económicas o exigirem e os investimentos o permitirem.

— Pensa que uma linha férrea de bitola mais larga, como a da rede soviética (1,524 m, sendo 1,434 m a bitola «standard») apresentaria vantagens para um aumento de velocidade?

— Uma bitola mais larga aumenta, efectivamente, a estabilidade e, portanto, a segurança. Pelo contrário, as leis da aerodinâmica levam à escolha de um gabarito mais estreito. Torna-se necessário, portanto, encontrar um equilíbrio entre estes dois critérios divergentes. Parece, contudo, pouco provável que uma reforma geral do afastamento das linhas possa ser considerada, ainda que para aumentar velocidades.

— O «contrôle» automático da marcha das composições é, na sua opinião, uma condição absoluta para a prática das grandes velocidades?

— Quando dos debates, durante este simpósio, foi sublinhado que, em determinadas

administrações ferroviárias, se utiliza um dispositivo de «mapuquinista automático», semelhante ao «piloto automático» dos aviões modernos. A cibernética desempenhará um papel cada vez mais importante no domínio do «contrôle» automático do tráfego ferroviário que parecerá absolutamente indispensável à prática, com toda a segurança, de altas velocidades.

— Admitir a considerávelmente a velocidade dos comboios não teria uma incidência perigosa sobre o problema delicado das passagens de nível?

— No caso das linhas novas, o problema não existirá. Na linha Tokaido, já não há passagens de nível, como em qualquer auto-estrada. Nas actuais linhas persistirá um certo número de passagens de nível, sendo as outras substituídas por passagens subterrâneas ou aéreas. Aqui se põe, novamente, um problema de critérios económicos. Quanto às passagens de nível que restarem, é certo que a técnica de sinalização contribuirá para aumentar, notavelmente, a sua segurança.

— No decurso das sessões deste simpósio, foi feita referência à aplicação da energia nuclear à tracção ferroviária. Como delegado de uma nação com experiência no campo da energia atómica, gostaríamos de saber a sua opinião a este respeito.

— A aplicação da energia atómica ao caminho-de-ferro é uma

disciplina especial, que não se enquadra no âmbito deste simpósio. Devo, no entanto, esclarecer que os institutos de investigação sobre caminhos-de-ferro estão a ocupar-se (ou ocupar-se-ão) do assunto. Duas possibilidades se nos deparam — ou transformar a energia directamente a bordo (o que exigirá medidas excepcionais de protecção) ou transformar a energia em centrais especiais, antes de as fornecer às linhas. É possível que, na prática, seja adoptada esta segunda possibilidade.

Escalada nos exames: as pautas enchem-se de números...

As notas principaram a sair — e, com elas, as grandes alegrias e as grandes tristezas, as grandes desilusões... que as ilusões foram antes. Esta manhã, por exemplo, no Liceu Rainha D. Leonor o movimento foi das jovens examinandas do 2.º ano, cujas notas foram afixadas ontem ao fim da tarde. As do 7.º ano já o tinham sido, e as do 5.º ainda não se sabe quando verão a luz do dia.

Duas rapariguinhas caminhavam nervosamente pelo passeio, sob o sol estival desta manhã clara. E foi, enfim, sob tensão, uma corridinha final até às pautas em que ambas verificaram ir à oral com 11 valores.

— É o que eu esperava — disse-nos a Maria Alexandra Lacerda Moral Rodrigues. — Todas as notas estão dentro do previsto.

— E para a oral já tens estudado ou tens ido para a praia?

Ela ri-se:

— Tenho estudado...

A Maria Helena Alves Redol (sua prima do Alves Redol, sou)

Guerreiro, por sua vez, afirma-nos:

— Só a Português é que tive 9 —

menos do que esperava. O resto está de acordo. Para a praia? Só aos fins-de-semana...

Algumas familiares de alunas não estavam muito satisfeitas, sobretudo com os resultados a Português e Matemática:

— Exigem muito — afirma, desculpando a filha, uma respeitável senhora.

Mas as pautas do 7.º ano é que se apresentavam mais de encarnado, sobretudo a duas disciplinas: Latim e Matemática. Na primeira, de 87 candidatos, reprovaram 50 e dispensaram 6; na segunda, de 92 candidatos, reprovaram 40 e dispensaram 1.

No Liceu D. Filipa de Lencastre,

de VEZ em quando

No deserto imenso da burocracia, em que nos perdemos amiudadas vezes, existe um oásis retemperador: a declaração do imposto complementar, modelo exemplar de simplificação, em que o declarante se limita a pôr o nome, a escrever a morada e a indicar as fontes de rendimento. Assim mesmo, sem mais preocupações? Qual quê. Ninguém está livre de, no momento em que entrega a respectiva declaração, ser atacado inopinadamente pela burocracia do funcionário que o atende. E pronto, lá se vai a simplicidade por água abaixo. Este jeito ancestral que nós temos de complicar tudo...

V. D.

FESTIVAL DE JAZZ DE NEWPORT

Na sequência de um programa de iniciativas de âmbito internacional, «Impacto», produção radiofónica de João Martins, transmitida diariamente pela onça média do Rádio Clube Português, das 21 e 30 às 22 e 30 (excepto às quartas-feiras, que é das 22 às 23 e 30), começa a apresentar, logo à noite, uma série de apontamentos especiais sobre o Festival de Jazz de Newport, para o que fez deslocar aquela cidade um dos nomes mais conceituados da música sincopada — Luis Villas Boas. Estes apontamentos de reportagem, que compreenderão entrevistas, comentários, «flashs», etc., serão feitos directamente desde Newport, por linha telefónica directa.



CARROS USADOS

PROVENIENTES DE TROCAS

VÁRIAS MARCAS E MODELOS
Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saralva, n.º 15 (Alvalade)



CAMPO PEQUENO

HOJE, AS 22 HORAS



PAQUIRRI



J. FALCÃO

OS FENÓMENOS DO MOMENTO!

JOSÉ LUPI e LUÍS MIGUEL DA VEIGA

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR

capitaneados por JOAQUIM CAPOULAS

8 — TOIROS DE CABRAL ASCENSÃO — 8

TELEFS. 3 07 69, 32 17 12, 76 15 39 e 77 18 19

VIAGEM

A

PARIS

de 20 a 31 de Julho em autocarro

4.680\$00

PAGAVEL EM 12 MESES PARTIDA GARANTIDA

Europeta

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

231, Av. da Liberdade, 235

Telef. 53 61 21

LISBOA - 2

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

Alice Vassalo Pereira
Eduardo Prado Coelho
José-Augusto França
José Cardoso Pires
José Duarte
Manuel Ferreira
Roger Bastide

N.º 518/4 DE JULHO DE 1968

Bienal de Veneza e não

Folhetim artístico de José-Augusto França

MUITAS e variadas coisas, interiores e exteriores, «fruta do tempo» como dizem aqueles que de conservas preferem alimentar-se, fizeram abrir, fechar e entreabrir a Bienal de Veneza em Junho de 1968. Um «vernissage» pouco animado, com poucos críticos, poucos artistas e muitos sujeitos que nem uma coisa nem outra eram e à paisana olhavam, mais desconfiados ainda para as pessoas que para as coisas expostas. Ambiente desagradável e triste, nestes «Giardini» que habitualmente estão em festa, com encontros itálicos abraços e prolongados almoços no «Paradiso», agora fechado também. Caras de caso e rabos entre-as-pernas os pobres comissários dos pavilhões nacionais viam por um óculo os prémios que não vai haver, porque os críticos italianos não aceitam constituir júri, depois da posição tomada e proposta por G. C. Argan.

Os artistas italianos por seu lado resolveram fechar o pavilhão seguindo o exemplo de Perilli e de Novelli; os suecos recusaram abrir o deles por solidariedade, os franceses por razões de política interna, com a demissão de Ragon, comissário em conflito com «feu» Malraux e a nomeação de Alvard, muito fugidio de atitudes. Schöffer, Dewasne e Kowalski formaram ao lado de Ragon; Arman, de olho fito no prémio,

recusou-se a fechar a sua secção. Os russos, esses, misteriosamente, não abrem. Versão oficial: as obras ainda não chegaram...

«Ocupação» não houve, dados os urgentes cuidados do «síndaco» que fez vir numerosas forças de ordem — vistas, aliás, em evoluções, no cenário da Piazza de S. Marco, com clarins tocando à carga, para gaudir trocista dos turistas.

Não houve «ocupação» da Bienal de Veneza, como se receava — e ainda bem, porque tal manobra acaba por dar em resultado danos graves nas obras expostas, que a policia, involuntariamente embora, pode estragar em suas perseguições e com suas granadas de gases. Em Milão disseram-me, com alguma rivalidade regional, que tal havia de acontecer: ali estava-se sofrendo os efeitos da «ocupação» da Trienal que, «desocupada», não voltou a abrir. Em Veneza, por seu lado, fala-se do que irá acontecer na «Dokumenta» de Kassel...

UM pânico geral sopra no mundo comercial das artes que tais manifestações, e em Veneza sobretudo, animam. Há não sei quantos anos que sublinho o carácter a-cultural da Bienal veneziana, a pedir reforma útil, conforme novas exigências da informação estética contemporânea. A essas reformas se opõem os pontos de

vista comercial e turístico — servindo «marchands» e pavilhões nacionais, na sua compita de prémios para prestígio das bandeiras e proveito dos bancos.

...E a coisa acabou por estourar, numa contestação mais genérica, que convém interpretar cuidadosamente no seu impacto sobre o domínio que nos interessa. É claro que, nem sempre as razões da contestação se aplicam metódicamente aos problemas em causa, que são problemas de informação cultural, à margem de ideologias políticas. Porém, eticamente, informação e ideologia se penetram e, para se organizar uma Bienal, é preciso atender a valores que convenham ao homem de hoje, a uma nova qualidade crítica que ele se está a dar.

A Bienal de Veneza vem falhando a sua missão desde o fim da guerra de 39-45, por não ter actualizado o seu sistema, adaptando-o eticamente também. Agora, aconteceu o que aconteceu. Com grande desespero de hoteleiros e «marchands», E mesmo que daqui a dois anos

outra se faça, como quem não quer a coisa — o alarme ficou soando e não pode haver dúvida de que, histórica e sociologicamente, este acidente veneziano (este «happening in Venice») marca um ponto de tensão, senão de saturação e de ruptura.

PORÉM, que havia este ano em Veneza? Pouco ou quase nada — e na última meia dúzia de bienais que lá visitel, esta era a mais fraca. E sem propostas novas.

Schöffer, em França, seria

a consagração de um dos criadores da arte cinética, ou da «mec art». Arman, por seu lado seria consagração também, do «nouveau réalisme» de Restany Na Inglaterra, uma consagração «op»: Bridget Riley, e um escultor menos conhecido, com suas grandes formas coloridas: Philip King. O velho Garner na Suíça, outra retrospectiva, de Delvaux, na Bélgica — onde também as imagens vertiginosas de Luc Peire repetiam uma hipótese «op». «Pop», «pop» — Red Grooms, no pavilhão americano com o cenário transbordante da sua «Cidade de Chicago», animada como um «luna-park» admiravelmente sórdido. Marisol, no pavilhão da Venezuela, enchia um palco com as suas figuras excitantes e estáticas. Tamayo, no México, entre 1955 e 1968 perdia muito (muitíssimo) da sua magia. Nada verdadeiramente em Itália ou na Alemanha — e muita parra em Espanha. Na excelente representação japonesa, fica, porém, Sugai com a cruel pureza dos seus signos pintados e construídos. O ponto mais alto da Bienal de 68.

...Mas, para além da Bienal que era — levanta-se a sombra mais significativa da que não foi.

Um homem de perfil

por José Cardoso Pires

SENTADO num tabac da Place de la Sorbonne... Sentado, e com a sua boina à espanhola e o seu perfil de pássaro, é como eu o vejo ainda agora que acabo de saber da sua morte. E sempre de perfil mas não um perfil altaneiro, pelo contrário. Soromenho, o meu amigo Soromenho, era um tronco de azinho precocemente envelhecido. Um corpo sem nada a mais — nem a lisonja nem a exteriorização da amizade sentida. Só pele e osso. E uma extraordinária coragem dentro dele. Focas pessoas conheci que tivessem sofrido com tanto orgulho e tamanho silêncio de si próprios; e quando me lembro daquele olhar directo e reduzido à essência de um ponto concentrado por detrás dos óculos, quando me ponho a rever o nosso tempo de convívio aqui, à mesa da pastelaria Paraíso até ao nosso último encontro no Havre, en-

contro-me diante de um homem de um infinito pudor. Pudor por ele e pelo semelhante. Um amigo que evitava a palavra amizade como os poetas exigentes evitam certas rimas, mesmo quando espontâneas.

NENHUM escritor português deste tempo foi tão castigado como ele por tantos e sucessivos golpes do destino. Doente, sempre a carregar o fantasma de uma asma, Castro Soromenho suportou nos últimos anos de vida as mais desesperadoras aventuras. Mas encontrei-o no Havre, meses antes de partir para o Brasil, e era o mesmo de sempre. O Havre, varrido pela ventania, a vida destróçada por rajadas de infortúnio, e ele, sozinho numa cidade marítima voltada para a frigidez da Mancha. Sereno, como sempre: e sem um queixume.

Nessa tarde lembro-me de que quando descemos a um café do cais ficámos longos minutos sem trocar palavra. Eu sabia, ou avaliava através do muito que conhecia, os sofrimentos que tinha suportado mas por nada deste mundo seria capaz de rasgar aquele silêncio, porque o tal pudor, o terrível e admirável pudor que fazia dele o homem de perfil que eu tanto admirava, impunha pudor aos outros.

Falámos então de A Chaga, o romance que Soromenho ia redigindo para a Gallimard, ali, pelos bistrotts agressivos da cidade, longe da mulher e dos filhos pequenos. Falámos de livros e de amigos, mas pouco dele ou quase nada. A certa altura vi-o tirar os óculos e limpar as lentes naquele gesto demorado que tão bem lhe conhecia. E então, estranhamente, ouvi-o murmurar:

«Há gente, calcule você, que

Castro Soromenho
em Lisboa 1968



ainda pergunta onde é que eu vou buscar as minhas forças.» Segurou os óculos diante dos olhos: «E nisto... No que tenho visto à minha custa. E ainda hei-de ver muito mais, disso não tenho eu dúvidas.»

QUERO falar do escritor mas é o homem que se me apresenta com uma saudade obstinada na memória. Vejo a

Estelinha, a filha do Soromenho, a chegar no Sud pela mão de um casal idoso para ser entregue a um casal amigo. A mãe ficou em Paris, internada à pressa num sanatório, e o pai num quarto de hotel com dois filhos de poucos anos.

«Mando-lhe aqui a minha querida Estelinha», diz-me a carta que a pequenita traz

dentro do passaporte. E é tudo, ou quase tudo porque termina com uma frase apenas: «Desculpe não escrever mais. Não posso.»

Eu vejo o papel, vejo a criança que está no cais — agora sózinha, ao lado de uma mala — e também não consigo dizer, logo de entrada, seja o que for. Lembro-me de Estelinha, há sete ou oito anos, quando era ainda de colo; encontro-a agora aqui, parada num cais, com a naturalidade de um acontecimento banal e penso no pai, a esta hora longe da pátria, sufocando a dor da separação.

E a dor de Estelinha, a dor que ela traz consigo através destes milhares de quilómetros que a separam da família? Ontem ainda, brincou talvez com os irmãos e agora aqui está à mercê de um novo destino. Os seus nove anos permitem-lhe avaliar a grandeza da renúncia que os pais acabam de fazer? E o nosso saber de homens permitirá adivinhar a maravilhosa coragem de uma alma infantil atirada para longe pelas sortes da vida?

Deixamos a estação. No carro procuro conversar, dizer seja o que for de casual, de

coisa despreocupada que torne menos dramático este encontro. Está um dia de sol, uma alegria nas ruas e nas avenidas que nos isola ainda mais (a mim e a ela) dos outros, da existência normal que nos rodeia. Estelinha, a meu lado, observa tudo. Sorri quando ultrapassamos uma camioneta com cartazes do Parque Mayer e no Marquês de Pombal aponta para uma das transversais: «Olha! Era ali que a gente morava, não era?»

Senhores, a aliança dos pais e dos filhos é uma força misteriosa. Estelinha não tem um queixume, não conhece uma

explicação concreta para a aventura que lhe foi imposta, mas aceita-a, confiada de que é necessário e inevitável. Foi o pai que lho disse (e sabe-se lá com que palavras...) e foi ele próprio que a entregou ao *sud-express* com uma mala e um passaporte. E isso basta, porque as crianças sabem assumir com nobreza as responsabilidades mais pesadas.

Assim, a filha do meu amigo distante atravessa comigo a cidade a caminho de uma nova família. Conversamos pouco, mas também sem silêncios pesados. Mas antes de entrarmos em casa, Estelinha esten-

de-me o passaporte, a cédula e os documentos escolares; e diz-me, muito séria:

«Toma. O pai explicou-me que agora eras tu que tomavas conta disto.»

Peguei nos documentos e nesse instante senti que a mão dela se agarrava à minha como se fôssemos dar um longo passeio. Tive vontade de lhe a apertar, mas segurei-a apenas.

Hoje que o meu amigo desapareceu para sempre acho que fiz bem. Que tivesse deixado ficar a minha mão na mão de Estelinha como se realmente fôssemos dar um grande passeio.

O primeiro romancista de temas africanos

por Manuel Ferreira

Com um lugar muito seu na literatura actual, se nos colocarmos do ponto de vista da literatura ultramarina portuguesa Castro Soromenho, sem qualquer espécie de favor, no romance só tem como parceiros os cabo-verdianos Baltasar Lopes, com *Chiquinho*, Manuel Lopes com *Chuva Brava* e *Flagelados do Vento Leste*, Teobaldo Virgílio com *Vida Crioula* e o goês Orlando da Costa com *O Signo da Ira*. Mas, para além disso, ele foi o primeiro romancista de temas retintamente africanos, onde o negro entrou com direitos de cidadania na ficção —, e continua a ser, de por onde der, não só o maior como também o único, já que todas as tentativas romanescoas, logradas ou não, dificilmente poderão ser tomadas como verdadeiras obras de africanidade.

Antes de Soromenho, escritores como Julião Quintinha e Augusto Casimiro, entre outros, e mais concretamente Fausto Duarte (cabo-verdiano de nascimento e radicado à Guiné) sobretudo em *Audá* e *Estes foram os vencidos*, se lançaram na aventura da criação literária de raiz africana. Todavia, estes, por limitações várias, e óbvias, ficarão como generosos bandeirantes, a quem, no entanto, alguma coisa teria faltado que legitimasse a ambiciosa designação de escritores

de africanidade. Mesmo Fausto Duarte desfrutando de uma cultura (damos ao termo um sentimento etnológico) e dum conhecimento das coisas africanas que o colocavam em situação de vantagem, não alcançou (ou mal o alcançou) ultrapassar a espessa epiderme da realidade em que situou o seu mundo romanesco. Soromenho distingue-se assim de todos esses outros ficcionistas para conquistar de tal modo um lugar excepcional que a sua importância para ser bem medida só o poderá ser em cotejo com escritores das áreas africanas de influência inglesa ou francesa. Ainda considerando outras tentativas mais recentes de metropolitanos radicados a Angola ou a Moçambique ou a São Tomé e Príncipe nascidos e de onde sobressaem dois ou três casos significativos, não altera os dados da questão. Seria, porém, na novelística, e já mais na década de sessenta, que um surto de escritores viria, sim, trazer uma notável contribuição no domínio dessa literatura nascente e recolá-la ao nível a que Soromenho a ergueu.

Exclusivamente devotado à literatura africana, Castro Soromenho além de crónicas romanescoas (*A Maravilhosa Viagem dos Exploradores Portugueses*) escreveu romances

e contos. Mas é a partir de *Terra Morta e Viragem*, os seus dois últimos livros, que ele nos surge de um ângulo renovado, dominando a perspectiva dinâmica do mundo angolano na sua totalidade, impondo assim à sua obra uma feição de escritor engajado.

Com efeito, tendo nascido em Moçambique mas muito cedo levado para Angola por onde deambulou quase uma vida inteira, ao desembarcar na Metrópole guardava uma riqueza invejável: lendas, histórias, mitos, esquemas sociais. Penetrado desse mundo do maravilhoso das crenças, dos anseios comunitários, dessa riqueza tecida no longo percurso dos milénios, sublimando-se e constituindo-se no cerne da própria vida. E sendo o cerne da própria vida não só intervém quotidianamente como padrão de conduta dos povos como decido do destino das etnias.

«Cresceram e floriram as árvores divinatórias, cujas estacas vieram de longas terras nas mãos das feiticeiras.

«A volta das fogueiras, os homens, de geração em geração, contavam a lenda do lago Carumbo, espelhado ali a seus pés, no sopé das montanhas.

«O velho andava com os caçadores, ouviu essa história quando era menino. E contou a lenda do lago enfeitado.

«Carumbo, que foi um dos grandes sobas lundas, veio para terras do Luxico porque teve medo das quicocas. Ali não vivia ninguém. As onças tinham fome e as hienas choravam noite e dia».

Selva, homens, bichos e coisas, e o sonho inextinguível bebido na tradição, e as rivalidades de povos e chefes, as guerras tribais, grandezas e baixezas dos homens, tudo numa pulsação quente, lendária e heróica — isto é o sinal primeiro deste desbravador de caminhos.

Até aqui, do europeu quase se não tem notícia. Nos seus contos e romances desta primeira fase é a África imensa, dramática, envolto no mistério e no maravilhoso, como se ainda não tivesse sido tocada na sua pureza milenária, passando poetizada na tragédia ou no sonho.

Mas, entretanto, eis que o insólito acontece: o mundo angolano de Castro Soromenho, apreendido com olhos amorosos, se enriquece.

«O cipalo Calui estendeu o pescoço e ficou, de olhos semicerrados, a escutar. Um sorriso iluminou-lhe o carão duro, todo vincado, com grandes olhos tristes e mortícios de fumador de lamba. E começou a cantar baixinho, num lamento, acompanhando a cantiga que vinha dos longes. Era uma canção da sua terra, que muitas vezes cantou quando, vergado ao peso da carga de bolas e mantas de borraça, vinha da



aldeia negociar com os brancos de Camaxilo.

Agora, a terra desventrada, o chão africano penetrado da presença do europeu. As estruturas sócio-económicas perspectivadas na sua complexidade — e o mundo angolano se transfigura e situações, sucessos, trama, sucedem-se numa aventura aliciante e dolorosa, que nos arrasta e consome, mercê de uma maturidade que é experiência literária, mas também experiência humana — e mais: longa reflexão, fruto afinal duma nova visão da vida sintonizada com as linhas mais expressivas do pensamento da época. Está na raiz desta evolução de Castro Soromenho a contribuição do neo-realismo que ele, afinal, enriqueceu. São negros, são mestiços, são colonos, são funcionários administrativos, capangas, sipaios, sobas, comerciantes, traficantes, são homens de mal e homens de bem, um universo da mais estranha gente, como essa «negra velha que nunca aprendeu português nos seus cinquenta anos de companheira de colonos». É gente vária nas desvalradas terras da Lunda. A paisagem, o ambiente, o calor violento, o «rio onde o povo bebe», a selva, as seções, os roubos

os ódios contidos e incontidos, os que fugiram das minas, a solidão, o desamparo, os batuques quando o administrador consentia — e os encontros e desencontros marcando o destino de cada um.

O grande mérito, porém, de Soromenho foi o ter sido capaz de deixar de ser apenas (e tanto já era) o espectador interessado, como tinha acontecido em *Rajada* e *Outras Histórias* ou em *Noite de Angústia* ou em *Nhari* para se tornar no escritor que participa por inteiro da vida de brancos, mulatos e negros integrados num sistema de relações comum. Mulatos e negros não já recortados num sistema tradicional, mas observados no impacto da aculturação. Não funcionando como pretexto, mas como fundamento. E é o conhecimento profundo que Soromenho revela da angolidade e o ter sabido agarrar essa realidade com ambas as mãos que lhe deu o direito de ser considerado romancista angolano. Genuíno romancista angolano. E isto pressupõe muita coisa. Profunda capacidade de adesão, domínio completo da psicologia do afro-negro e

(Continua na 6.ª página)

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

HOMENAGEM A CASTRO SOROMENHO

Um Homem de Perfil, por José Cardoso Pires
O Primeiro Romancista de Temas Africanos, por Manuel Ferreira
Um Edifício Admirável, por Roger Bastide
Na Morte de Castro Soromenho, por José-Augusto França

LITERATURA ESTRANGEIRA

...E Deus Parou em Milão, por Carmo Guedes

ARTES PLÁSTICAS

Bienal de Veneza e Não — Folhetim artístico de José-Augusto França
Eduardo Nery e a Integração da Obra de Arte

CINEMA

Sternberg, Resnais — Um Diálogo Frutuoso

JAZZ

Boris Vian, Um Homem Multiplicado, por José Duarte

ENTREVISTA

Teletextura, por Alice Vassalo Pereira
Kukas, a Renovação da Joalheria

...E Deus parou em Milão

Dionísio é o deus todo poderoso de Pasolini que, por sua vez, é o «jovem» magnífico da corte literária que a Cinecittà venera. Desde o seu primeiro romance, *Uma Vida Violenta*, ao seu filme *O Evangelho Segundo S. Mateus* (que a crítica e o público portugueses viram com perplexo entusiasmo) a aventura do talentoso e desconcertante escritor-cineasta foi a esforçada demonstração de um teorema segundo o qual a realidade contemporânea e a simbologia mística se interpenetram e se explicam mutuamente. Este esforço é tanto mais desconcertante quanto é certo que, previndo de um esteta *engagé*, tem sido acolhido com entusiasmo pelos sectores da arte pura e com sucessivas reservas por parte de um importante sector dos teóricos do materialismo.

Os deuses, segundo Pasolini, são as figuras-limite do mundo da industrialização e vivem, paredes meias, com os apóstolos visionários do mundo arcaico pré-industrial.

A VOZ ILUMINADA

Dionísio manda o seu enviado à terra na figura de um jovem de maravilhosa beleza que é o hóspede da «villa» de um rico industrial de Milão que centraliza a acção de *Teorema*. Escrito simultaneamente com a planificação do filme homónimo que está preparando, o romance de Pasolini, acabado de sair na editora Garzanti, põe em foco a crónica mundana e o equilíbrio dos valores morais de uma sociedade economicamente evoluída. Uma família-tipo: o industrial, a mulher de famílias abastadas e perturbada pelos clássicos problemas da *mater familias*, a filha educada por monjas, o filho que estuda num colégio de bem-nascidos, o moço criado que cruza a cena constantemente, levando telegramas em salvas de prata (como um anjo mensageiro)... Um quadro-tipo, convencional.

Mas Iddio, o enviado dos deuses — o jovem hóspede da «villa» elegante onde decorre o romance — determina uma modificação súbita no movimento das personagens. Herói estranho, estranhamente ungido de beleza, estranhamente marcado por um desdém de *enfant gâté*, Iddio reage ao mundo onde foi criado com

uma espécie de «nostalgia» atávica pelos valores simples que nunca conheceu. A própria maneira de se exprimir é uma evasão ao meio ambiente. Falando em verso e em prosa sobre as coisas humanas e divinas, ele torna-se o hóspede acusador, a voz iluminada que sendo indesejável exerce um irreprimível fascínio sobre aqueles que castiga.

PARABOLA E SUPERESTRUTURA

Teorema levanta uma questão simples e profunda: pode aquela família (e com ela toda uma sociedade bem instalada no neo-industrialismo) suportar o contacto com o fulgor divino? Pier Paolo Pasolini veste a túnica do hedonismo e, conduzindo com iluminada beleza as 208 páginas do romance, desenvolve como que uma maravilhosa epifania das verdades essenciais e da pureza inicial para nos levar a concluir que parafraseando o célebre título de Carlo Levi, *Cristo Parou em Eboli*, neste livro «Dionísio parou em Milão».

Presente Iddio, o quadro convencional desintegra-se a partir daqui. A filha do industrial milanês refugia-se na loucura, a mãe procura no passado e na recordação as justificações da sua crise moral, o pai despoja-se de todos os bens materiais (ele que fora ávido de poder e de fortuna) e, finalmente, o filho envereda pelos caminhos da arte contemporânea (sem êxito, embora) dando largas ao desespero e à alucinação. Resta a servir como símbolo de pureza e santidade. É realmente nela que a palavra divina frutifica, através da expiação simbólica, ou seja, como a expiação dos pecados dos semelhantes que vai ser assumida por essa camponesa escravizada pela desordem do grande mundo citadino.

A morte da criada termina como uma fantasia felliniana quando o corpo, no cemitério de Milão, é coberto por uma escavadora mecânica.

UMA «BELEZA MORAL»

Auden escreveu para o jovem e notabilíssimo compositor. Henze o libreto de uma ópera em que faz reviver Dionísio numa das nossas cidades nísio numa cidade moderna.



Mas para Pasolini o problema é outro. A vida actual, o drama da sociedade em que vivemos interessa-lhe fundamentalmente como uma parábola histórica, digamos assim, que ele procura representar com as alegorias de um Novíssimo Testamento. De resto numa carta ao produtor Alfredo Bini ele próprio esclarece a sua posição de maneira directa e oportuna quando diz:

«Sempre procurei recuperar ao meu laicismo os aspectos da religiosidade que assentam em dois pontos ingenuamente ontológicos: para mim a representação humana de Cristo é carregada de uma admirável força interior e de uma irreduzível sede de saber e de verificar (...) e em segundo lugar a beleza, tal como a vejo, é sempre uma beleza moral».

CARMO GUEDES



ESCAPARATE

Título — «A Outra Morte de Inês» (Peça em 14 episódios).
Autor — Fernando Lúcio Soares.
Editora — Publicações Europa-América — Lisboa.

Número de páginas — 102.
Preço — 20\$00.

Autor — Lawrence Durrell.
Tradutora — Maria Helena Albarán de Carvalho.
Editora — Editora Ulisseia — Colecção — «Série Literária» — 84.

Número de páginas — 401.
Preço — 50\$00.

Título — «Apresentação do Rosto».

Autor — Herberto Helder.
Editora — Editora Ulisseia —
Número de páginas — 271.
Preço — 40\$00.

Número de páginas — 412.
Título — «Túnic».

Título — «Situações I».

Autor — Jean-Paul Sartre.
Tradutor — Rui Mário Gonçalves.

Editora — Publicações Europa-América — Lisboa.
Número de páginas — 301.
Preço — 55\$00.

Para uma moral prospectiva

Comissário do Plano de Fomento e presidente da Escola Prática de Altos Estudos, Jean Fourastié dispõe de uma autoridade e de uma informação directa que seriam os principais alicerces da sua obra científica de sociólogo e planificador económico. Conhecedor da vida interna da empresa privada em todos os seus escalões — desde a pequena sociedade ao grande «trust» e «desde o escritório do presidente à mesa do guarda-livros e à do encarregado de expedição» — Jean Fourastié pôde traçar em *Para Uma Moral Prospectiva* (Moraes Editores, col. «Temas e Problemas») um amplo quadro da atmosfera espiritual contemporânea e dos comportamentos de facto que uma sociedade científica como a nossa determina.

O objectivo de Fourastié é a

investigação «para além dos limites da ciência constituída mas sempre segundo as regras do método científico experimental», e, assim, o autor de *Conditions de l'Esprit Scientifique* reaparece uma vez mais como um pensador que assenta na realidade da grande metamorfose económica que estamos a atravessar. A condição humana e a moral do nosso tempo têm neste livro um tratamento objectivo que não é distorcido pela perspectiva católica do autor nem a ela comodamente subjugado. Da mesma forma, as crises de crescimento que a técnica tem actualmente determinado não são encaradas por Fourastié como expressões de sentido negativo anunciando, pelo contrário, uma idade de bem-estar material e de maiores possibilidades da afirmação moral.

David-Mourão Ferreira

Poeta e ensaísta de sólida cultura, com aquele poder de comunicabilidade com o público, segredo de todo o escritor de êxito, David Mourão-Ferreira só ocasionalmente entrara nos domínios da ficção. A sua sensibilidade privilegiada ressaltava em toda a poesia; e a cultura, sensibilidade e humano sentir deram o ensaísta e fino dissecador de poetas e escritores. Alguns desses ensaios saíram nesta mesma página do «Diário de Lisboa».

David Mourão-Ferreira, o nosso distinto colaborador, publicou agora novo livro de ficção. O autor de «Galvotas em Terra» reuniu neste volume cinco contos, em todos perpassando aquele fio de poesia, mistério e lenda que a arte de narrador de David Mourão-Ferreira sabe doirar. O poeta de «A Arte de Amar», o ensaísta de «Hospital das Letras» e de «Vinte Poetas Contemporâneos», volta neste volume a ser o contista de requintada sensibilidade. A crueza de cer-

tas atitudes, em David Mourão-Ferreira, esfuma-se sempre na beleza da expressão e na poesia que é o perfume da vida, a sua quinta essência.

«Os Amantes», de David Mourão-Ferreira que tiram o título do último dos contos, saíram em edição elegante da Livraria Guimarães. A eles se referirão oportunamente o nosso crítico literário. Por ora limitamo-nos a anunciar o seu aparecimento aos nossos leitores.



Na linha de risco

The New Reformation?, uma obra célebre do teólogo J. A. T. Robinson, acaba de ser publicada em Portugal na nova colecção de Moraes Editores. «Linha de Risco».

O livro, nesta fase de projecção conciliar, traz perspectivas verdadeiramente novas sobre a Igreja actual e é, com *The Comfortable Pew*, do canadiano Pierre Berton, um dos mais reputados e independentes estudos que se têm escrito nos últimos anos sobre o problema.

O prestígio de J. A. T. Ro-

binson (*Honest to God*, já editado em português) e o interesse dos temas que a obra apresenta fazem de *Uma Nova Reforma?* um oportuno e elucidativo documento acerca do mundo espiritual que se debate na «charneira das duas épocas» em que nos encontramos. Com ele, depois de *Amor, Poder e Justiça*, de Paul Tillich, a colecção «Linha de Risco» prossegue na investigação em largueza e profundidade dos caminhos contemporâneos que se abrem ao homem religioso.

Acaba de aparecer **ENSAIOS** Vitorino Magalhães Godinho

I — SOBRE HISTÓRIA UNIVERSAL / XI-289 pp. 75\$00

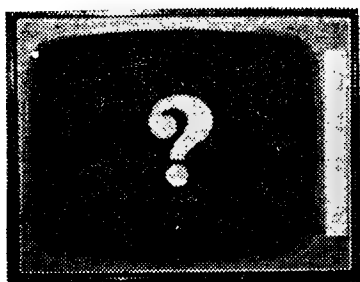
1.º volume da colecção **E** ensaios

«ensaio é a fala de um cidadão a outros cidadãos»

Livraria Sá da Costa Editora/Lisboa

Teleliteratura

por Alice Vassalo Pereira



Com M. Amália Fonseca

ENTREVISTADOR TV

— Maria Amália Fonseca, nas páginas do seu romance debatem-se alguns problemas cruciantes da nossa juventude de hoje. Como se documentou para que o seu romance apresentasse a acuidade e a verdade que patenteia nestas páginas de «Catarina e as Pom-bas»?

M. AMÁLIA FONSECA

— O tempo documentou-me. Parece estranho que um tema tão actual, como foi o que tratei no meu romance, tenha sido o tempo a documentar-me. Mas de facto foi assim. E para isso demorei, realmente. Há escritores que põem os

seus livros dentro das gavetas, a depurarem. E depois, enfim, tornam-nos melhores. Por mim, aconteceu-me isso também. E além disso aconteceu que tive de me formar em juventude e justamente para isso foi necessário ir aos liceus, aos átrios dos liceus sobretudo, aos colégios (...) e ter comigo um grupo de amigos jovens, muito simpáticos, que me vinham contar as suas graças e mesmo os seus problemas sérios, e com eles, na verdade, depois de os ouvir, aproveitei o melhor e o pior que eles me diziam.

COMENTARIO

É realmente impressionante e, ao mesmo tempo, consolador verificarmos a documentação quase exaustiva da autora. A literatura portuguesa conta, a partir de agora, com o escritor que lhe faltava, o escritor que nos desse, finalmente, o quadro exacto, fiel, da juventude do seu e nosso tempo. Grande estudiosa dos «problemas cruciantes», a ilustre escritora vai apanhá-los onde eles esvoaçam em estado puro: nos átrios dos li-

ceus e nas gracinhas e des-gracinhas dos seus amigos «muito simpáticos». Como rigor, como veracidade, como demonstração de espírito atento aos problemas da juventude actual — não se pode exigir melhor. Os átrios dos liceus como ponto de partida para uma futura sociologia. Porque não?

ENTREVISTADOR TV

— Os seus personagens são personagens reais ou antes representam uma simbiose, uma amálgama de diversos personagens, embora agarrando bocadinhos de cada um para formar um todo?

M. AMÁLIA FONSECA

— Bem, foi um «puzzle». Realmente foi um «puzzle». Mas aliás os «puzzles», as transplantações, os enxertos estão-se a fazer pela moda. De maneira que eu agarrei pedaços de cada uma, de pessoas, raparigas amigas, e consegui com elas fazer, de facto, os personagens do meu livro.

COMENTARIO

As transplantações ao (des)nível da literatura.

Uma rapariga amiga pode, por exemplo, ceder um braço. Um jovem muito simpático, oh muito, pode talvez emprestar uma perna. Depois reúnem-se «os bocadinhos de cada um» e surge a personagem. Processo muito, muito curioso. Não sabemos se a inteligência da nova personagem é também transplantada ou fornecida graciosamente pela autora. Esqueceu-se Maria Amália Fonseca de nos dizer também se este processo de criar personagens por enxertos dói. Deve doer. A nós doeu muito.

ENTREVISTADOR TV

— Para um leitor desprevenido há pedaços na linguagem (...) que poderão parecer pura ficção, linguagem literária, ou antes baseou essa linguagem no seu contacto com o Oriente, melhor, o tempo que viveu em Macau terá tido influência nessa linguagem literária?

M. AMÁLIA FONSECA

— Mas com certeza. Durante o tempo que vivi em Macau, claro, a linguagem tão engraçada da gente de Macau ficou-

-me como um retintim no ouvido, de modo que sempre que recordo e sempre que descrevo qualquer personagem de Macau lembro-me da própria linguagem. O curioso é que sendo o português uma linguagem tão dura, tão masculina, uma vez transplantada para o Oriente torna-se doce, torna-se feminina, torna-se uma linguagem brincalhona. (...) Uma linguagem muito... muito... muito brincalhona, não há realmente outra maneira de dizer.

COMENTARIO

Apontamos mais uma vez — e nunca será demasiado — o rigor desta terminologia amaliana: depois dos problemas de carácter social (muito, muito social) tratados em termos de «simpáticos», temos os problemas linguísticos e filológicos em termos de linguagem «brincalhona». Língua brincalhona... Não conhecíamos. Virá do indo-europeu?

ENTREVISTADOR TV

— Voltamos à juventude. Há problemas de juventude tratados no seu livro. Quer-me di-

Boris Vian, um homem multiplicado

por José Duarte

«La musique de jazz, c'est comme les bananes, ça se consomme sur place».

JEAN PAUL SARTRE

Fez há dias 9 anos que morreu Boris Vian

- o poeta
- o tradutor
- o trompetista
- o actor
- o escritor
- o coleccionador
- o dramaturgo
- o inventor
- o jornalista
- o cantor
- o compositor
- o pintor
- o crítico

No bairro de Saint-Germain, às dez horas da noite, nos anos do pós-guerra, a vida intensificava-se, subterrânea.

Boris Vian foi personagem animadora e personagem simbólica numa colectividade em luta contra as convenções ou contra o que então se chamava a «existência inauténtica».

O Mundo acabara de sofrer a estupidez mais terrível: o carnavalesco nazi. Ubu estava morto, mas milhões de partidários subsistiam, nas feições de candura e inocência burguesas, sempre capazes, por cobardia ou conformismo, de amanhã, servir, um novo príncipe.

O «jazz», música, nessa altura, ainda mal amada pela sociedade global, era, desde a adolescência, a preocupação mais importante na vida de Boris Vian. A música negro-americana não foi para ele, como para muitos dos intelectuais da sua geração, uma arte «interessante», um consentimento, uma distração sem importância, um capricho da época que se acolhe li-



Companheiro de Ionesco e Queneau no «Colégio da Patafísica» (inspirador tutelar — Alfred Jarry), príncipe das caves existencialistas de St. Germain, homem de múltiplos talentos, Boris Vian tem vindo a garantir um prestígio crescente: a juventude reconhece nele a imaginação satírica e o lirismo desconcertante — chaves de um universo em desintegração criativa.

beralmente pela pequena porta da fantasia pessoal. Com a maioria da gente das letras, ao falar-se de «jazz», tomavam-se precauções. Evitava-se o tecnicismo, a erudição, usava-se por delicadeza uma ignorância de bom gosto. Com Boris Vian, a discussão era sem rodeios, o humor feroz, a imaginação prodigiosa. Um triste e curto solo de trompete: a vida de Boris Vian.

O «JAZZ» NA VIDA DE BORIS VIAN

1937 — membro do Hot Club de

França aprende a tocar trompete

1942 — entra na orquestra de Claude Abadie

1945 — vencedor em Bruxelas do Torneio Internacional do «Jazz» Amador

1946 — colaborador na revista francesa «Jazz-Hot»

1947 — é trompetista no clube Tabou — grava um disco («Swing» 212) com os temas «Jazz me blues» e

«Tin roof blues» — cronista de «jazz» no jornal «Combat»

1948 — visita de Duke Ellington a Paris; passam bastante tempo juntos

1949 — colaborador da revista francesa «Cahiers du Jazz»

1950 — conhece Miles Davis

1951 — colaborador no jornal «Arts» — traduz «Young man with a horn», de D. Baker (a vida romancesca do trompetista Bix Beiderbecke)

1955 — encarregado do catálogo «jazz» Phillips

1959 — trabalha na editora de discos Barclay

... Há somente duas coisas: o amor, de todas as maneiras, com lindas raparigas e a música de Nova-Orleães ou de Duke Ellington...

B. Vian in «L'écume des jours»

... o meu piano «cocktail» está acabado... a cada nota faço corresponder um álcool, um dal corresponde a ovo batido, o outro ao gelo para a água de Seltz, basta um trinado no registo agudo. As quantidades estão na razão directa da duração... e além disso o piano funciona normalmente... a partir da «Black and tan fantasy» consegui uma mistura espantosa vou fazer uma com «Loveless love»...

B. Vian in «L'écume des jours»

... Tão longe quanto se remonte na antiguidade, podem encontrar-se exemplos da acção

esclerosante e necrosante do «jazz» sobre a célula viva e as macróculas do citoplasma... perturbações patológicas comparáveis àquelas que podem criar as paixões mais funestas, tais como o amor pelo absinto ou a procura do absoluto («delirium tremens» paralisia geral)... é por isso que dizemos à administração: atenção, há perigo. Acabem com o «jazz» se querem matar à nascença todos os germes que mais tarde ou mais cedo provocarão a guerra atómica...

B. Vian in «Le jazz est

HERBERTO
HÉLDER

uma das vozes mais pessoais da moderna literatura portuguesa acaba de publicar

APRESENTAÇÃO
DO ROSTO

autobiografia romanceada de excepional beleza literária que retoma a problemática de RETRATO EM MOVIMENTO Col. «Sucessos Literários»

● 40\$00

EDITORA ULISSEIA

LISBOA-2

Eduardo Nery e a integração da obra de arte

zer mais alguma coisa acerca disso?

M. AMÁLIA FONSECA

— Os problemas da juventude são, sem dúvida, graves. Quanto maior e a preocupação dos mais velhos, maior e também a preocupação dos jovens para se isolarem. Há coisas tristíssimas. No outro dia um orador que eu acho extraordinário contou um caso realmente doloroso. Havia numa família um rapaz, para ai dos seus dezoito anos, e que um dia, ao chegar a casa, partiu um jarro, um jarro formidável, um jarro ótimo. E quando a mãe chegou, tarde, procurou quem tinha partido o jarro. O pessoal disse que não, que nada tinha acontecido com eles. Então o pequeno adiantou-se e disse: «Mãe, fui eu. Fui eu para a ver». Eu acho que isto dói, acho que é uma coisa horrível esta atitude.

COMENTARIO

Começamos a compreender melhor muito coisa. O mundo de Maria Amália Fonseca está povoado de jovens muito simpáticos,

de retintins nos ouvidos, de linguas brincalhonas, de oradores extraordinários, de jarrões óptimos, de rapazes de para ai dezoito-anos-dezoito que partem coisas para ver as desnaturadas mães que não tratam deles. É um mundo estranho, talvez influenciado pelos anos em que a autora viveu em exotismo contínuo. Desses seu-mundo-seu mundo talvez as coisas se passem com essa facilidade. Talvez nele os problemas de juventude se possam realmente tratar em termos de jarrões partidos por meninos muito, muito de muito incompreendidos. Talvez. Talvez até que «Catarina e as Pombas» seja, como escreve Luis Forjaz Trigueiros na badana do livro, «uma obra de muito interesse, inteiramente viável, do ponto de vista literário, revelando um inesperado e extraordinário progresso sobre o seu anterior. Talvez. Não lemos o anterior. E o nosso conhecimento de terras exóticas não vai além de Buecelas

TEM-SE FALADO ultimamente da integração da obra de arte na arquitectura. Mas não será mais simples falar da integração e conjugação das obras de arte uma vez que obra de arte é a própria arquitectura e até a conjugação de todas as artes aquela que a todos abraça.

A verdadeira obra de arte nasce una. As linhas as paredes, as modelações e ornamentações; e muitas vezes diante de obras expostas nos tem vindo á mente essa necessidade de conjugação do trabalho de arquitecto, de pintor e escultor, sem o qual o conjunto nos aparecerá como verdadeiro acervo de excrecências. E pode haver arte nesta pintura, nesta escultura, nas linhas desta sala; mas uma e as outras jogarem as cristas.

Pintores e escultores, utilizando novos materiais, se têm apresentado em exposições in-

do Nery trabalhava, experimentava, realizava. E dizíamos nós nessa altura e a propósito dessa exposição que competia aos arquitectos estudar os aspectos decorativos da técnica e utilizá-los. Mais aos arquitectos do que aos leigos.

Naturalmente que na maioria dos casos, essas obras expostas não são apresentadas como se apresentavam e apresentam os quadros as estatuas. Não têm cabimento na maior parte das salas se é que o têm nalguma que não tenham sido concebidas para os receber para os enquadrar ou por eles serem enquadrados os ambientes.

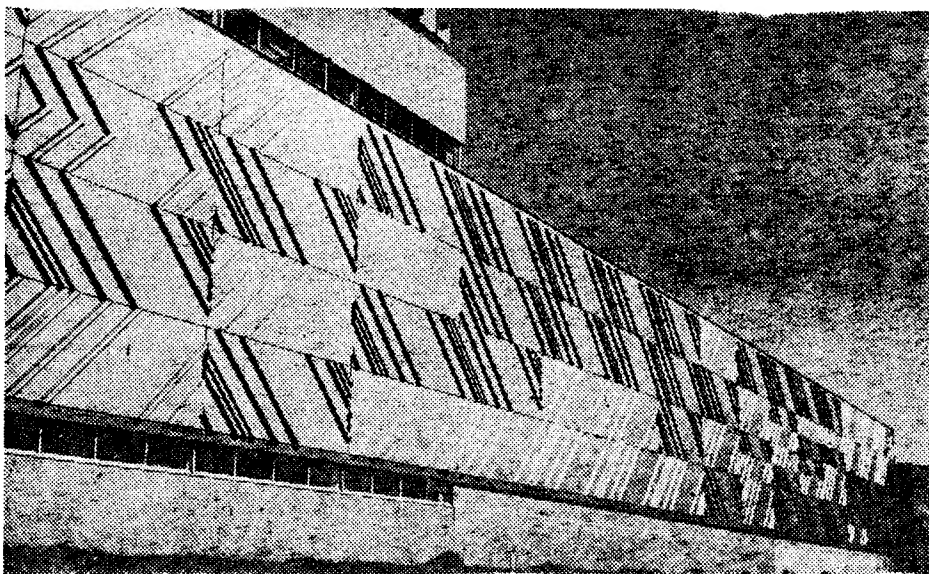
NUMA FABRICA DE VIA LONGA

Na fábrica de cerveja agora inaugurada junto á auto-estrada, em Via Longa, temos um exemplo dessa integração das

mentos de perspectiva são grandes, desenhando bem e estudando os efeitos da luz e do movimento. empregou 80 painéis prefabricados de 5x2 m, em zinco com aplicações de relevos, de secção trapezoidal. A pintura metalizada é brilhante em toda a superfície e o desenho geral foi obtido apenas a partir duma combinação em «puzzle» de quatro placas diferentes.

A INTENÇÃO DO ARTISTA

Junto da auto-estrada, á mão direita de quem vai, o artista lembrou-se do movimento de automóveis que passam a grande velocidade nas faixas. Por isso, a composição não tem um centro privilegiado de atenção. Trata-se de um desenvolvimento contínuo no espaço. E quem iria parar para dar atenção espaçada a uma obra de arte que se lhe apresenta no ca-



Eduardo Nery: Fachada da fábrica da S.C. Central de Cervejas

dangerous; physiopathologic du jazz

O CRÍTICO DE «JAZZ»

Porque os caminhos do Senhor são impenetráveis, geralmente conhece-se bastante mal os motivos que podem levar um ser humano a se intitular crítico de «jazz». É por isso que aqui não os tentarei aprofundar. Dito isto, vou tentar dar-vos somente um resumo.

Pode chegar-se a crítico de «jazz»

- a) por acaso;
- b) para irritar Delaunay;
- c) para irritar Panassié;

d) Para ganhar dinheiro (única e unicamente na América);

e) porque não se gosta de «jazz»

f) porque Eddie Barclay vos pede um artigo (que naturalmente não vos paga, mas fica-se com a glória);

g) porque se toca numa orquestra da qual ninguém fala, e é preciso que alguém dela fale;

h) para ter carteira profissional e obter discos;

i) porque se acaba de sair do de a sua biografia a qual ele próprio não ousa escrever (então ele dita-a);

j) porque um louco teve a ideia de lançar uma revista de «jazz» e conhece-vos mal;

k) porque se acaba de sair do Conservatório (o que não tem a mínima relação);

m) porque ninguém liga ao «jazz»; e então o que se escreve, não traz consequências;

n) porque se julga que se pode vir a ser um bom crítico de «jazz».

o) porque se quer arranjar revistas de «jazz» (o que é idiota, basta roubá-las quando ninguém está a olhar);

p) porque se tem todos os discos de Charlie Kuntz;

q) porque nos chamamos Frank Tenot ou Silvaine Pécherat;

r) porque é a vida, e pronto...

s) porque se fala inglês e se diz: vou entrevistar Ellington;

t) porque nos convencemos que isso nos fará aprender inglês;

u) por tradição, de pai para filho;

v) porque não há nenhuma razão para que não importa quem, seja crítico de «jazz».

Estes, os principais motivos. Encontra-se, por vezes, pessoas do tipo sério, que afirmam se terem tornado críticos de «jazz» por amor ao «jazz». São inconscientes...

dividuais ou colectivas com peças que destoam, sem dúvida, de qualquer das nossas divisões caseiras, mas que não destoariam de certos ambientes de escritórios, de fábricas, de casas comerciais. E lembremos, por exemplo, algumas das exposições dos manos Teixeira Lopes, de Helder Baptista, de Conduto, de Charrua e outras. Não foi há muitas semanas ainda que o artista Eduardo Nery apresentou uma exposição notável na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A.

Eduardo Nery jogava com as sombras obtendo relevos estranhos. É conhecida a técnica, mas bastante pouco utilizada, embora os homens da Renascença dela se tenham servido e a tenham passado aos dos séculos que se seguiram. Eduar-

tes e em que intervém exactamente o artista de que falamos. A Eduardo Nery foi confiada uma parede enorme da fábrica. Nada menos de 100 metros por dez e a decoração resultou perfeita, como de obra concebida em bloco e realizada com uma finalidade e estudo.

Aqui está um modelo de integração da arte na arquitectura.

Eduardo Nery apoiou-se nos princípios da OP-ART. É o nome da última hora. Mas não tenham ilusão aqueles que julgam ter descoberto a arte, porque essa integração existiu sempre e a conjugação dos diversos materiais também porque com todos eles se podem conseguir efeitos estéticos e se têm conseguido. Os nomes é que variam muito.

Eduardo Nery cujos conheci-

minho, quando ele segue a 100 á hora?

Naturalmente que a escala é muito grande porque a auto-estrada fica a 150 metros e é daí que tem de se ver.

A utilização da tinta metalizada, intencionalmente escolhida, foi motivada pelas mudanças luminosas do ambiente. Durante as horas de luminosidade intensa reflecte a cor do chão e o azul do céu. De tarde, o metalizado torna mais violentos os contrastes do claro-escuro, devido á incidência directa do sol. A noite, iluminada por luz artificial, é ainda a visão da distancia que a impõem.

A colaboração de pintor, escultor e arquitecto deu os seus frutos nesta fábrica de Via Longa.

LAWRENCE DURRELL

o último romance de um grande escritor do nosso tempo

TUNC

que revela o mesmo clima enigmático e maravilhoso do célebre QUARTETO DE ALEXANDRIA

Col. «Série Literária»

● 50\$00

EDITORA ULISSEIA

LISBOA-2



VAMOS MODIFICAR!...

MAS PARA MELHOR

PARA

J. PIMENTA, SARL

E PARA

Rendimento garantido de 8%, durante 12 anos, em andares e apartamentos mobilados em prédios situados em:

Reboleira — Amadora, centro da Amadora, frente á estação do C. F., Portas de Benfica, Parede, Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

Acabamentos luxuosos, construção especial com materiais duradouros, inclusive caixilharia em alumínio;

Não confunda! Consulte-nos em:

LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. — Tel. 45843 e 47843

QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22

REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Tel. 933670

Um edifício admirável

por Roger Bastide

«Um edifício admiravelmente construído» — eis como definiu Roger Bastide, em Abril de 1959, a obra de Castro Soromenho. Agora, que relembramos este romancista de personalidade única na língua portuguesa, evocamos alguns passos do notável estudo que lhe foi dedicado pelo grande ensaísta francês.

PODERÁ surpreender que este escritor, que nos últimos anos se revelou como mestre do neo-realismo português, tenha feito a sua estreia com romances ou contos poéticos como *Rajada*, *Noite de Angústia*, *Calenga* e *Homens Sem Caminho*.

Mas o romance poético de Castro Soromenho é ainda Realismo, e do melhor; só se funda numa expressão lírica por uma grande fidelidade à África. Com efeito o que define a África é que todos os acontecimentos, quer individuais, quer colectivos, se transformam imediatamente em cânticos; os batucos marcam o ritmo do ciclo da vida humana, a dança das estações, os amores e as guerras, o nascimento e a morte. Castro Soromenho capta portanto Angola — mais exactamente uma província privilegiada de Angola, a dos Lundas e dos Quilicos — no momento preciso em que os acontecimentos que vai relatar, se afastam das suas raízes concretas para se metamorfosearem em canto, em ritmos de tambor; no momento em que o facto vívido deixa de ser a ocorrência banal para se transformar em coisa «africana».

COMO RAMUZ, COMO GIONO...

Se eu tivesse que estabelecer qualquer paralelo entre Castro Soromenho e alguns dos nossos contemporâneos, compará-lo-ia de bom grado a Ramuz ou a Giono. Ele reencontrou a maneira de dizer a África, como Ramuz a de dizer a Suíça e Giono o planalto de Manosque, a voz de Homero ou de Hesíodo. Os heróis são esculpidos com mão poderosa e rude, amassados com a terra quente e perfumada de Angola, ou talhados à faca na madeira viva das selvas africanas. Castro Soromenho canta as explorações de caça que eles fizeram, os seus feitos de guerreiros, de feiticeiros. Os encontros que procuram com os deuses e as suas lutas contra a fome.

Um outro vestígio da poesia épica que se encontra em Castro Soromenho é a repetição dos temas, que se prolonga de *Rajada* a *Homens sem Caminho*, como os episódios guerreiros em Homero ou as genealogias na Bíblia. Trata-se de um processo épico, sem dúvida, mas trata-se também de uma nova marca daquele realismo a que me refiro atrás quando digo que, nele, a poesia era uma necessidade de ser fiel ao real, não um arti-

fício do escritor. E isto porque uma sociedade tribal é uma sociedade fechada sobre si própria, tanto no espaço como no tempo. No espaço, pelo cerco do meio geográfico. No tempo, pela repetição dos gestos tradicionais. O que faz que, mesmo no caso da aldeia se transferir para outro lugar, ela leve, intacto, este princípio de limitação e repetição. Dai os temas do batuque fúnebre, do incêndio do capim para levantar a caça, da tempestade devastadora, do abandono das aldeias, do encontro entre tribos rivais.

Nos primeiros cinco livros de Castro Soromenho, reaparecem pelo menos dois ou três destes seis temas dominantes, sem que, por isso, se sinta qualquer monotonia — tal como não há monotonia na repetição dos mesmos gestos africanos para quem sabe ver como os negros.

A SEGUNDA FASE

Com *Terra Morta* e *Viragem*, Castro Soromenho passa de fase da evocação da África sem os brancos à pintura de uma sociedade na fase da penetração e do confronto. A Natureza tornou-se para o colono uma fonte de recursos que era necessário explorar; o sistema de plantação substituiu o da pequena agricultura itinerante.

A participação do homem com as forças do Cosmos acabou; o animal e a planta foram «secularizados» como dizem os sociólogos. Por outro lado, a construção de grandes estradas, as companhias mineiras com as suas necessidades de mão-de-obra e o desenvolvimento dos centros urbanos arrancaram o negro do seu quadro tribal, dos seus costumes e tradições, desarraigando-o do meio social em que se tinha criado.

Deste modo, o «romance poético» demonstrava-se inoperante, a partir do momento em que o branco se introduzia no quadro africano. A única via romanesca que restava a Castro Soromenho seria o neo-realismo, já em voga ao tempo em que *Terra Morta* era publicado, e que respondia em Portugal a uma dupla necessidade: a libertação do subjectivismo puro e a de reencontrar uma identidade do escritor com o povo, ou seja, de descobrir uma nova técnica do antigo «romance de téses», «tomando partido» nos conflitos. Mas *Terra Morta* iria renovar esta corrente, continuando-a.

Renovou-a em primeiro lugar no sentido em que a pintura de uma sociedade não elimina de maneira nenhuma o romance de análise. O indivíduo, branco ou preto, uma vez afastado dos seus quadros sociais — a sociedade portuguesa para o branco, a sociedade tribal, para o negro — é lançado pelo isolamento ao subjectivismo, a uma certa vida interior, a um certo monólogo que se vai elaborando

continuamente nas horas de solidão. Em segundo lugar, nem *Terra Morta* nem *Viragem* caem nas armadilhas dos romances de tese que, à força de muito pretenderem demonstrar nada acabam por demonstrar, visto que os acontecimentos a parecem neles claramente dominados pelo mecanismo da vontade do escritor.

OS ENSAISTAS DE AMANHÃ...

Creio bem que os ensaístas que amanhã se ocuparem de Castro Soromenho se sentirão muito mais impressionados com a unidade da obra deste escritor do que com as diferenças de tonalidade que os leitores de hoje procuram descobrir nele. Para mim o que ressalta é as duas coisas ao mesmo tempo: o retomar os mesmos temas de *Calenga* ou de *Noite de Angústia*, por exemplo, e a metamorfose que depois sofrem, ao passarem de um registo literário a outro.

Em primeiro lugar o tema da localização geográfica e temporal. Trata-se sempre de nos situarmos numa comunidade delimitada, multirracial e de fazer reviver as duplas relações do homem com o seu meio natural e social. Somente, a influência do meio alte-

ra o carácter do indivíduo. Nos primeiros romances o drama humano tinha a ressonância de um drama cósmico: a tempestade continuava, no céu cortado por relâmpagos, o desencadear das paixões que estremeciam a alma dos negros; ou ainda, a esterilidade da vegetação, ressequida pelos ventos quentes, não fazia mais do que representar na natureza a esterilidade dos sentimentos, individuais ou colectivos, dos habitantes duma aldeia punida pelos deuses. Numa palavra, o cosmos simbolizava o humano.

Depois, com *Rajada* ou com *Viragem*, o meio deixa de ser a «dupla face» do homem para se mostrar como uma lenta penetração, um apodrecer contínuo das almas nas estações das chuvas ou um estalar dos sentimentos que sufocam, como os corpos, debaixo do calor húmido. Da mesma maneira, os homens, brancos ou negros, encontram-se submetidos aos mesmos sentimentos de vingança ou de piedade, mas esses sentimentos não rasgam profundamente a trama das relações sociais, uma vez que a sociedade já não é mais agora do que uma coexistência de grupos. Assim, passamos de uma psicologia colectiva a uma patologia dos sentimentos. Ou, paralelamente, da poesia épica à análise subjectiva.



O romancista Castro Soromenho com Roger Bastide

UM EDIFÍCIO ADMIRÁVEL

Quando dizemos que Castro Soromenho passou do romance poético ao romance realista, não fazemos mais do que sublinhar a degradação da epopeia em abandono subjectivo e em apodrecimento. Mas isso não significa que ele não tenha sido em ambas as fases um realista. Somente, os traços da realidade é que se alteraram — e, paralelamente, foi-lhe necessário modificar o estilo para se integrar nessas transformações do real. Sim, são na verdade duas fases da obra de Castro Soromenho, nas duas fases de um único edifício admiravelmente construído.



Na morte de Castro Soromenho

Devo, ou devia, a Castro Soromenho aquilo que a mais ninguém devo em Portugal: o termo animado os passos que, por 1946, começava a dar nas artes-e-letras do País. Gostos e formações muito diferentes, sem dúvida, mas uma amistosa lealdade, então, quando o conheci, e durante mais vinte anos. Foi o primeiro escritor com quem contactei, e, por ele, com outros mais, numa pequena tertúlia da «Colombo», e, depois, em outros sítios diários, num convívio que se foi perdendo — perdidas ou achadas as pessoas por esse mundo fora.

Tenho, dele, uma bela carta de camaradagem e afeição, quando leu um primeiro artigo de crítica que publiquei. Carta de sobreaviso também — algo

amarga na sua serenidade. E certamente irónica, na sua coragem tranquila.

Assim o recorde agora: o recorde em Paris, onde vivemos ambos, durante os mesmos anos, e onde a doença o perseguia. E o lembro, no Havre, onde me fui despedir, quando partiu para o Brasil.

... Não quero fazer mais aqui do que lembrar-me dele, com um comoção de amigo, tomado de surpresa e de alguma grande angústia. Porque por detrás da morte de Castro Soromenho estão muitas outras coisas, misérias e aflições, obrigações e destinos — que a seu tempo se dirão.

Paris, Junho, 1968.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

O primeiro romancista de temas africanos

(Continuação da 2.ª página)

uma não menor capacidade de integração nas zonas mais insuspeitadas da vida social de povos cujas estruturas se desagregam e buscam, dolorosamente, o reequilíbrio. De tal modo o tratamento de uma matéria desta natureza é impiedoso que mesmo as mais bem intencionadas tentativas pagaram caro o seu acto de gratuitidade.

Especialistas das culturas afro-negras, conhecedores do melindre que envolve o problema da ficção africana, como Roger Bastide, saudaram em Castro Soromenho o escritor para quem o negro deixou de ser um títere para se plasmar na matéria viva e apaltonante de que a sua obra se tece. E nesse contexto social circula o

européu não isolado, mas em permanente relação social e económica com o negro — o que dá, incontestavelmente, uma força e uma actualidade à obra de Castro Soromenho.

Na verdade, ele arranca de situações por vezes violentas e não hesita, não se furta ao corajoso acto de exprimir a verdade crua, a verdade que sangra e reabilita. Não é a perspectiva unívoca do escritor europeu que esquematiza, logo deforma. É o angolano (ou como se o fora) metido bem no centro do mundo em que se movimenta — e a sua voz não é a voz do espectador, mas a voz do participante, porventura o mais ambicioso trunfo que o romancista europeu busca quando intenta manipular a matéria africana — e, eis o óbice, por via de regra, em vão!

Escritor português, romancista das terras angolanas, a sua obra desborda das fronteiras nacionais para interessar, cada vez mais, outros povos e outras culturas. Até porque, sobremodo *Terra Morta* e *Viragem* vêm com um poder de revelação que lhe confere uma carga de significativo desassossego.

Não deve, pois, causar estranheza que o nome de Castro Soromenho tenha ultrapassado as fronteiras do seu país, quer em traduções (*Gallimaru*, por exemplo), quer em antologias universais, como a dessa grande especialista de literaturas africanas, Lilian Kesteloot, intitulada *Anthologie négro-africaine*. Por isso, e a despeito de tudo, um escritor vivo, pleno de actualidade.

MANUEL FERREIRA

UM LIVRO DE

BASTOS MARTINS

DA BAGAGEM VAGABUNDA

distribuído por:

LIVRARIA PROGRESSO EDITORA

Rua Poço dos Negros, 5 — Lisboa

A jovem poesia

(Continuação da 3.ª página)

Veiga Leitão) e José Carlos de Vasconcelos, que apenas com «Encostado à curva clara...» me parece corresponder ao melhor da sua produção mais recente.

COM O Comércio dos Nervos, Armando da Silva Carvalho vem demonstrar uma vez mais que a sua poesia é efectivamente importante. Este livro, que por vezes me recorda um O'Neill um pouco mais enferrujado, tem contudo qualidades invulgaes: as suas descrições de certos objectos quotidianos e de certos tipos psicológicos têm uma precisão analítica e uma ternura muito discreta que se dosam com pleno sentido da medida e da intenção realista que as une. Justificaria pois um comentário mais extenso, que por agora não é possível.

MAS todos estes nomes eram nomes relativamente conhecidos. Ora a grande revelação deste ano é certamente um livro modesto e incolor que tem o nome de *Estações*. Escreveu-o Teresa Balté, e, se são várias e evidentes as influências, trata-se na verdade de uma voz autónoma, já adulta e amadurecida, já sólida e experimentada, já capaz de enunciar o seu discurso poético sem grandes desvios nem hesitações. Quer na poesia do amor, quer naquela em que se

reconstrói uma história pessoal com certas franjas psicanalíticas e incidências metafísicas, quer no campo duma poesia social, *Estações* revelam uma vocação lírica que já não podemos honestamente ignorar. Não encontraremos talvez um poema que nos agrade por inteiro, ou que se diga definitivo, mas este livro é, no seu todo, uma afirmação muito nitida de que Teresa Balté se situa na confluência de *Poemas Livres* e de *Poesia-61*, sem nunca perder por isso a sua originalidade e o seu rigor. *Estações* merece uma abordagem analítica que se não limite a estes lugares-comuns. Mas enquanto não surge oportunidade para tal, fixe-se apenas o seguinte: com Teresa Balté, confirma-se uma vez mais que a nossa poesia passa por um bom momento, embora as condições do seu exercício e da sua divulgação se não afigurem os mais favoráveis.

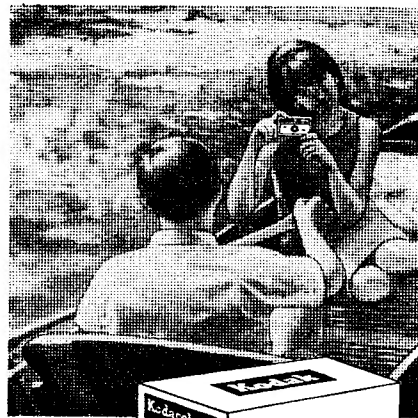
EDUARDO PRADO COELHO

A. M. Lopes Dias, A. da Silva Carvalho, E. Guerra Carneiro, F. Assis Pacheco, F. Miguel Bernardes, Ferreira Guedes, J. Carlos Vasconcelos, Luís Guerreiro, Luís Serrano, Manuel Alberto Valente, Rui Namorado, *Poemas Livres-3* — 1968.

Teresa Balté, *Estações*, Lisboa, 1967.

Armando da Silva Carvalho, *O Comércio dos Nervos*, 1968.

Agora
pode
tirar mais
fotografias
a cores!



Kodak



**BAIXA OS PREÇOS
DOS
ROLOS KODACOLOR-X
E
FOTOGRAFIAS KODACOLOR**

Fotografar a cores é agora mais barato,
simples e rápido do que imagina...

COMECE JÁ A FOTOGRAFAR A CORES

Kukas: a renovação da joalheria

Kukas é um nome estranho. Kujas é um nome exótico. No fim de contas, um nome creditado de uma artista portuguesa que tem vindo a contribuir para a renovação duma arte com tradição em Portugal mas estranhamente parada, estática — a joalheria.

É uma mulher ainda jovem, de cabelos escorridos sobre os ombros, que expõe jóias originais, modelos únicos de sua criação, na Galeria III. Jóias requintadas, diferentes, sugestivas do «período industrial» em que vivemos, expostas em esferas plásticas transparen-

tes, que pendem do tecto, como pérola em ostra.

— Achava incrível que a joalheria portuguesa não tivesse evoluído, à semelhança do que sucedeu com as outras artes — diz ela.

A artista já era decoradora e em 1962, por mera casualidade, curiosidade ou inspiração de momento — quem sabe explicar cientificamente estas coisas? — começou a fazer jóias para uso pessoal e para ofertas.

— Comecei a trabalhar os metais nobres, comecei a tomar o gosto da joalheria e a

desenvolver esta tendência que me impelia para a joalheria moderna.

— Considera a joalheria uma actividade artística ou profissional?

— A base da minha actividade é a decoração. A joalheria é mais um requinte de criação do que outra coisa. Por isso me agrada e entusiasma.

— As peças que exponho ou são encomendas ou pedidos de renovação de jóias antigas, mortas numa caixinha. Gosto de dar vida a esse ouro enterrado em guarda-jóias.

INSPIRAÇÃO

— A base da minha inspiração? Neste momento procuro efeitos estéticos em formas industriais, peças, instrumentos.

Olhamos para uma vitrina: duas pequenas dobradiças de ouro, tema de uns botões de punho.

— Não acha que a arte da joalheria é uma arte para ricos?

Kukas teve um sorriso:

— Sei lá. Em certo sentido é capaz de ser. Mas olhe que a peça mais cara desta exposição custa 8500\$00. Num exposição de pintura ou de escultura, estes preços seriam extremamente modestos. E que arte é que se não destina a ricos. Ter capacidade para pos-

suir um quadro ou uma jóia será ser rico? Tudo um problema de nível de vida.

— Mas não gostaria de ver popularizadas as suas criações?

— Certamente que gostaria.

Tomara eu não fazer peças únicas, mas modelos para serem reproduzidos em escala industrial. Mas isso já não depende de mim... Aliás, em Paris já vendi alguns modelos com esse intuito.

— Em resumo...

— Em resumo, a minha arte é um pouco a reacção contra o formalismo de uma joalheria estática. Sou contra esse, como contra todos os formalismos...

É por isso que estou aqui a trabalhar em jóias cinéticas — com movimentos, iluminadas. Enfim, procuro renovar o sentido tradicional da jóia — reserva de cofre.

— E vende?

— Como compreende, não sou milionária para aplicar ouro e prata sem garantia de ter comprador. Trabalho principalmente por encomenda e faço pequenas jóias que normalmente vendo nas exposições que faço no País e no estrangeiro.

— Já vendeu muito nesta exposição?

— Já tenho algumas peças vendidas... Mas, não se esqueça, a minha actividade mais lucrativa é a decoração.

M. A.



Sternberg, Resnais

(Continuação da 3.ª página)

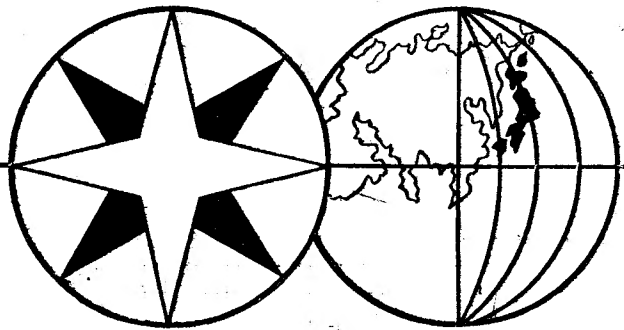
mento literário não muito comum nos jovens cineastas (estes são de parecer que o realizador deve inventar as suas próprias histórias), estabelece um diálogo entre o criador literário e o cinema. Neste aspecto, vejamos como Sternberg observou o cineasta:

— Ainda não há muito tempo, na Bélgica, um jornalista exclamou agressivamente: «É curiosa a associação Sternberg-Resnais. Não vejo bem o que na sua obra pôde interessar Resnais, nem o vejo a si a colaborar com ele.» Disse-lhe:

«Para mim, Resnais é um encenador que é também um homem normal — contrariamente aos outros. É o único, dos que conheço, que é um leitor sistemático. É um intelectual típico, recheado de livros, de discos, e que quase não tem móveis. Quando lê, não se interessa por três ou quatro autores ou pelo *France-Observateur* (como Godard, que parece devorar magazines e nada mais), interessa-se por uma quantidade de autores. Acho que Resnais desejaria colaborar com, pelo menos, cinquenta autores americanos: é doido por eles e prefere-os, creio, aos france-

ses. Acontece que não tem oportunidade de se encontrar com eles. Não é escritor (de testa escrever um simples bilhete-postal), mas sabe admiravelmente o que deseja encenar: não o autor, mas o mundo desse autor.»

Em *Je t'aime, je t'aime* — e segundo os testemunhos já vindos a público — Resnais, o cineasta da minúcia, soube penetrar nos complexos meandros criativos de um dos autores mais difíceis de catalogar do nosso tempo. Dessa atenta penetração no labirinto do imaginário só o cinema terá a ganhar.



JAPÃO • VARIG

COM A EXTENSÃO DE SUAS LINHAS A TOQUIO A VARIG SENTE-SE ORGULHOSA EM ACOMPANHAR O PROGRESSO, ATINGINDO O HORIZONTE DO SOL NASCENTE.

MAIS PASSAGEIROS, MAIS CARGA E MAIORES POSSIBILIDADES DE COMÉRCIO, INCENTIVANDO O GENEROSO IMPULSO QUE LIGA O JAPÃO AS NAÇÕES DO NOSSO HEMISFÉRIO.

VARIG

A MAIOR LINHA AÉREA DA AMÉRICA LATINA.



Eduardo Prado Coelho A jovem poesia

A SITUAÇÃO actual é talvez a seguinte: atravessamos um período de invulgar qualidade poética e os bons livros de poesia sucedem-se com bastante frequência. O crítico bem o sabe. E por vezes pergunta a si mesmo se não estará a exagerar, se não haverá um certo desregramento nos seus juízos. Segundo um conhecido intelectual francês (que publicou agora uma recolha de ensaios que designou por *Defense de la littérature*), a dificuldade da crítica consiste em ser praticamente impossível alguém apaixonar-se várias vezes por dia. Ora é isso o que espanta e deixa inquieto o nosso (português) crítico de poesia: apaixonar-se demasiado pelos livros que lê. Algumas vezes começam já a segredar que a coisa não está certa. Mas a culpa não é dele, é dos livros. E como diz o mesmo autor francês (que deixamos ao leitor o cuidado de identificar), o crítico só é verdadeiramente crítico quando fala de um livro de que gosta. O resto são execuções mais ou menos espectaculares. Dizer bem, isso é que é difícil, isso é que exige coragem. Dizer mal é doença infantil, é a forma ingénua de estabelecer, antecipadamente, e por processos mágicos, a superioridade do crítico sobre o criticado. E se querem a prova, basta percorrerem todos aqueles que, por cafés e tertúlias, falam sobre arte ou literatura sem nunca, em relação a esses temas, terem escrito uma só linha: são eles que mais facilmente dizem mal, que destroem em série com a alegria das grandes liquidações, que puerilmente se indignam com as transigências do crítico, que espreitam vampirescamente o próximo livro de um autor porque forçosamente será pior, que chegam a vislumbrar sórdidas complicitades — numa palavra, que têm aquela irascibilidade impaciente que caracteriza o lado mais mundano e superficial de um Jorge de Sena.

MAS, por outro lado, o nosso panorama literário, se regista a boa qualidade da poesia publicada, anota também a relativa pobreza no domínio da prosa e sobretudo a apatia generalizada, a estagnação absorvente, a ausência de grupos, correntes ou movimentos literários realmente novos. É pos-

HOJE, as coisas apresentam-se dum modo diferente. O grupo da *Poesia-61* diversificou-se, sem contudo perder a característica que melhor o definiu: uma consciência muito firme de que o trabalho poético consiste em situar cada palavra no interior das outras palavras e que daí resulta um objecto homogéneo e estruturado que é o poema. Actualmente, a poesia de Maria Teresa Horta distingue-se com clareza da de Luísa Neto Jorge. E entre Gastão Cruz e Casimiro de Brito existem fronteiras bem venciadas. Podemos dizer que o grupo oscila entre um lirismo histórico-didáctico (Fátima Hasse, Pais Brandão, Maria Teresa Horta, talvez Luísa Ducla Soares), uma temática da mudança (Gastão Cruz, Casimiro de Brito) e uma poesia de intenção satírica e de uma violência desesperada (Luísa Neto Jorge, Armando da Silva Carvalho).

ORA é este último nome (Armando da Silva Carvalho) que nos surge agora a colaborar na terceira série de *Poemas Livres*. Publica simultaneamente *O Comércio dos Nervos*. Ele servirá admiravelmente como elemento de transição entre os dois grupos outrora dissemelhantes. E poderia ser através duma análise da sua poesia que seria possível chegar à conclusão que serve de «tese» para esta crónica: existe uma *progressiva convergência* entre os representantes da *Poesia-61* e os colaboradores de *Poemas Livres*. E, se nestes predominam ainda a discursividade (que não é incompatível com uma concepção estrutural, como provam livros recentes de Mário Dionísio e de Jorge de Sena) e a retórica um pouco desenfreada, e se naqueles nem sempre desaparece um certo pendor formalista, a verdade é que um ponto de encontro se estabelece. Creio bem que os poetas de *Poesia-61* têm uma maior maturidade literária, utilizando com mais acerto técnico as palavras de que se servem. Suponho que estes *Poemas Livres-3* não estão libertos de uma certa tendência para basear na inspiração e no fôlego toda a produção do poema. Mas é um facto que não só com Armando da Silva Carvalho encontramos as marcas de uma concepção estrutural do poema: o mesmo



Da «Poesia 61». Maria Teresa Horta, Gastão Cruz, Luísa Neto Jorge

sível que provisoriamente se tenham esgotado todas as possibilidades e que estejamos num momento de síntese. Mas atente-se no seguinte: não há revistas de poesia, a publicação de poemas em jornais e revistas é muito reduzida, e a crítica poética tende a desaparecer. Os dois últimos movimentos poéticos dignos de registo foram *Poesia-61* e *Poemas Livres*. O mais (alguns «experimentalistas» um pouco tontos...) não chegou a deixar vestígios na nossa literatura.

Ora o que é curioso é que os dois movimentos indicados se distinguiram inicialmente com muita nitidez: a *Poesia-61* tinha um carácter renovador, os *Poemas Livres* apareciam como uma tentativa para retomar a tradição do Novo Cancioneiro. Ou ainda: a *Poesia-61* procurou defender uma concepção estrutural do poema, em que cada elemento depende de todos os outros e apenas se define no espaço total e ilimitado do poema, através de uma rede muito densa de relações; os *Poemas Livres* tinham uma concepção discursiva da poesia, tentando recuperar uma certa espontaneidade lírica que tem as suas raízes nos modelos populares. Ou ainda: a *Poesia-61* era uma poesia (aparentemente) para ser escrita; os *Poemas Livres* davam-nos uma poesia para ser dita.

acontece com António Manuel Lopes Dias (que nos propõe uma geografia poética bastante curiosa), com Fernando Miguel Bernardes (surgingo com uma facilidade verbal, ao jeito da cantiga popular, que nos fascina e inquieta), com Luís Guerreiro (que nos recorda certa «poesia-praxis» aprendida no Brasil e divulgada entre nós por Arnaldo Saraiva), com Luís Serrano (que, com o *Ciclo do Peixe* nos surpreende pela novidade do processo de construção de um poema longo), com Manuel Alberto Valente (que equilibra muito bem uma expressão de tipo tradicional com um esquema metafórico na linha de Herberto Helder) e com Rui Namorado. Note-se que Rui Namorado, tal como Ferreira Guedes, me parece ainda um pouco preso aos vícios da facilidade excessiva.

Surgem também neste conjunto Eduardo Guerra Carneiro (que, com «As janelas abrem-se por vezes» nos dá a medida exacta das suas possibilidades), Fernando Assis Pacheco (com uma descontração e uma ironia muito peculiares, mais adequadas, julgo, ao poema de verso curto, no estilo de «Outro nome para as noites» e «Aqui», do que ao tipo de lirismo um pouco ao jeito de Luís

(Continua na 7.ª página)



Sternberg, Resnais — um diálogo frutuoso

O mais recente filme de Alain Resnais (*Je t'aime, je t'aime*) marca a colaboração do realizador com um homem de letras (sem qualquer sentido pejorativo) cuja presença no chamado grande mundo do cinema surge aparentemente paradoxal: Jacques Sternberg. Sternberg é menos conhecido como romancista (definição que ele, aliás, repudiaria) do que como responsável literário da revista «Plexus» e coordenador da secção de humorismo das edições «Planète».

Vindo da Bélgica, Sternberg chega a Paris por volta de 1950. O editor Eric Losfeld dá com ele investido numa espécie de emprego para-todo-o-cosmo num clube do livro: trabalho de dactilografia, de embalagem, de caixa, de serviço exterior, de direcção literária. Escrevia então romances torrenciais que eram recusados por todos os editores. Também numerosos contos breves que só prenderam a atenção de Jean Paulhan. Eric Losfeld reuniu-os num volume (*La Géométrie dans l'impossible*), com ilustrações de Siné. Posteriormente, Sternberg publicou *Un jour ouvrable*, *La Géométrie dans la terreur*, *L'Architecte* (com a colaboração gráfica do inquietante Topor), *Manuel du Parfait Secrétaire Commercial*, *Une Sucursale du Fantastique* *Nom e Science-Fiction* e, nomeadamente, *Toi ma nuit*, obra-prima do romance de terror e simultaneamente cântico elegíaco do amor fou, tal o propôs André Breton. Autor «maldito», recusando toda a engrenagem industrial literária, prémio do Humor Negro em 1961 (nem deu por ele, irritado também com a imposta classificação de humorista), Sternberg aliou-se com Alain Resnais para a criação de um poema cinematográfico que tem chamado a atenção da crítica responsável.

Sternberg: «Conheci Resnais por intermédio de uma amiga comum: falámos de tudo menos de cinema. Creio que falámos sobretudo de bandas desenhadas, ou então de cinema,

mas do cinema dos outros. Resnais tinha acabado de rodar *Marienbad*, retomava forças. Encontrei-o de novo um ano mais tarde, em 1962. Ele tinha-me telefonado: queria saber se o cinema me interessava. Disse-lhe: «Sim, como espectador interessa-me, mas escrever para o cinema, não sei, talvez eventualmente». Encontrámo-nos. Resnais preveniu-me que quanto mais admirava um escritor menos se sentia tentado a adaptar-lhe os romances. Mas estava em crer que os seus romancistas preferidos deviam ser capazes de escrever histórias que pudessem igualmente interessá-lo. Disse-me: «Estou pronto a trabalhar consigo desde que V. tenha um argumento original a apresentar-me. Tem algum?». Claro que não tinha, mas respondi: «Tenho ideias. Ele: «Tome nota das ideias». Tomei nota de seis ideias, quatro muito más e uma que me agradava. Resnais agarrou-se a esta. Fizemos quatro páginas, apresentámo-las a um produtor: deixou-se entusiasmar, deu-me algum dinheiro, fiz sessenta páginas e seis meses mais tarde comecei o diálogo. O trabalho durou cinco anos. Dois anos depois de começado, já não sentia o filme, não sabia como resolvê-lo. Estava num impasse. Nessa altura Semprun trabalhava no argumento de *La Guerre est finie*. Muito mais depressa que eu. Eis porque o seu filme, que foi escrito depois do meu, saiu primeiro. É evidente que nesse momento, durante a rodagem de *La Guerre est finie*, eu não trabalhava com Resnais. Estava em vigília. Quando digo que trabalhamos cinco anos, minuto: mas trabalhamos durante três anos e houve dois anos de flutuação. De hesitações e de flutuação».

É sabido que Resnais, á semelhança dos seus companheiros de geração, pratica um cinema de autor. Só que, movido por uma espécie de discerni-

(Continua na 7.ª página)

UM NOVO ROMANCE DE ERSKINE CALDWELL

OS MIL E UM SINOS DO SUL

O espírito, o coração e as atitudes do velho Sul dos Estados Unidos

Volume de 228 páginas: 40\$00

Outras obras do mesmo autor:

GRETTA	30\$00
CLAUDELLE	25\$00
JENNY	30\$00
CONFLITO EM PALMIRA	30\$00
A ÚLTIMA NOITE DE VERÃO	30\$00
MAMÁ AIMÉE	35\$00

COLECÇÃO AUTORES UNIVERSAIS
LIVRARIA BERTRAND